

MONSENHOR TIHAMER TÓTH

Casamento e Família

Sermões e Conferências

Reformatado by:

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

1959

EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS RJ

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANOEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 22-10-1959.

O direito de tradução dêste livro pertence à Congregação
do Sagrado Coração de Jesus e foi cedido temporariamente
à EDITORA VOZES LTDA.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

PREFÁCIO

A memorável Encíclica “Casti connubii” do Santo Padre Pio XI, foi um brado vigoroso de alarme contra a progressiva paganização do matrimônio e a conseqüente degenerescência da família.

A campanha recristianizadora visava “primeiramente iluminar as inteligências dos homens com a genuína doutrina de Jesus Cristo sobre esta matéria, a fim de que depois os cônjuges cristãos, tendo robustecido a fraqueza de suas vontades com a graça interior de Deus, procedam em todos os seus pensamentos e obras em consonância com a puríssima lei de Cristo, da qual hão de brotar para eles e suas famílias a paz e a felicidade”.

Monsenhor Tóth, o vigoroso pregador, prematuramente desaparecido, realizou uma série de luminosas conferências sobre êsse assunto de tão vivo interesse, e que, em nossos dias, assume quase o aspecto trágico de apostasias individuais e de suicídios nacionais. Através de emocionantes capítulos, êle demonstra, com o brilhantismo que todos lhe conhecem, quanto as leis divinas se harmonizam perfeitamente com os anelos nobres da natureza humana, de tal sorte que observá-las é obter a salvação eterna e a felicidade terrena, ao passo que a elas desobedecer é abrir ante os próprios passos a eterna desgraça não só, mas ainda uma vida torturada de sofrimentos.

Casamento e Família — é pois um livro abençoado e precioso que vai ensejar mais plena realização dos anelos de Pio XI, na súplica final da carta sôbre o Matrimônio Cristão: “que floresça e prospere de novo nos matrimônios cristãos a fecundidade consagrada a Deus, a fidelidade sem mancha, a firmeza inabalável, santidade do sacramento e a plenitude de tôdas as graças do céu”!

CONFERÊNCIA I.

IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA

Meus irmãos, escolhi como objeto de minha série de instruções para o curso do novo semestre que se inicia, um tema de urgência e atualidade tôda particular, mas ao mesmo tempo bastante delicado e difícil. Um tema, cuja solução assegura para o homem vida pacífica sôbre a terra, e muitas vêzes também a felicidade eterna. Um tema, cuja solução harmoniosa é de efeito incomensurável sôbre tôda a vida cultural, social e nacional. Um tema, cuja solução exata ou inexata é fonte de bênçãos ou de maldições para tôda a humanidade.

Um problema de imensa importância: o casamento e a família cristã.

Quem não vê a importância decisiva desta questão? Quem não vê que a humanidade se coloca hoje ante estas graves questões do casamento e da família, como diante de uma esfinge enigmática? O homem moderno que conseguiu descerrar cada vez mais o véu que ocultava a natureza, com suas esplêndidas descobertas, pensou ser o matrimônio resolúvel pelas leis da natureza, qual um problema da matemática.

Teve, porém, grande desilusão. Após amargas experiências, foi obrigado a reconhecer que o casamento não é um problema numérico, que se possa resolver

única e totalmente pelo raciocínio. Não; o casamento, a família constitui uma “equação” a várias incógnitas, que a matemática não resolverá porque ele é, segundo a expressão de S. Paulo, “um grande mistério” (Ef 5, 32), que só o homem arraigado em Deus pode dominar e resolver.

Não existe verificação que atualmente mais se ouça do que esta: “a família em nossos dias passa por séria crise”.

Seria impossível e mesmo injusto não lembrar que há causas muitas e complexas a influir na crise atual da família. Seria injustiça negar que uma dessas causas é a crise econômica com tôdas as suas consequências: desemprego, falta de habitação, privações e por consequência atritos e pontos de vista diversos entre os esposos, além do crescente nervosismo, impaciência, egoísmo, etc. Tudo isto é verdade, e bem verdade.

Entretanto, meus irmãos, se de uma parte o reconhecemos com tôda franqueza, de outra parte outra verificação adverte-nos que a atual crise da família não pode ser suficientemente explicada por causas exclusivamente econômicas.

Verificamos, com efeito, que a família está abalada não só entre pessoas necessitadas, mas que, ao contrário, a crise é maior e mais contristadora entre famílias cuja situação material é boa, e onde não se fala em privações. E a prova de que a mediocridade e a pobreza não são os verdadeiros inimigos da família são os exemplos dos esposos para os quais a vida familiar e o amor recíproco se tornam mais fortes pela pobreza, e eles mesmos mais unidos porque a luta pela vida suscitou nêles valores morais, cuja existência, antes, eles ignoravam em si mesmos.

Se para a família ressoa o apêlo de socorro dos navios em perigo de naufrágio: S.O.S. "Save our souls": Salvai nossas almas, é preciso recordar que não poderemos salvar a família em perigo, senão *pela salvação da alma e dos valores morais*. A família precisa realmente de uma "reforma", mas essa reforma só se realizará respeitando-se novamente o ideal cristão do casamento. Eis o objeto das nossas instruções neste novo semestre universitário, que agora começamos. Creio, não poderia encontrar um tema tão importante, decisivo e vital como êste.

* * *

Antes, porém, de minuciosamente tratar dessa questão, devo prepará-la respondendo a um ponto preliminar: demonstraremos cuidadosamente ser, na realidade, essa questão, de uma importância tão vital, que mereça se lhe consagrem as instruções de todo um semestre.

I) *E' necessário falar tanto da família?* A resposta, procurarei dá-la na primeira parte do sermão de hoje. Responderei depois uma questão, que talvez alguns ouvintes possam formular:

II) Será que um padre católico pode tratar dêste assunto?

I) NECESSIDADE URGENTE

Queria, hoje, responder, preliminarmente, êste ponto: *E' preciso tratar minuciosamente do casamento e da família? Por quê?*

A) *Há, com efeito, homens a levantar esta questão.* São cada vez mais raros, infelizmente.

a) Admirados farão esta pergunta os que cresceram em antigas famílias ideais, famílias religiosas,

conscienciosas, fonte de paz e de felicidade onde a questão do casamento e suas relações *não constituiriam um problema*. Os pais e avós não falaram muito disto às novas gerações vindouras, mas nessas venerandas famílias, as tradições permaneciam tão vivas, que a nova geração, constituindo uma família, por si mesma, instintiva e naturalmente, resolvia o problema.

Isso não era, todavia, a menor bênção da família antiga e venerável.

b) Hoje, porém, como estamos longe disto! Milhares e milhões de jovens crescem, ao redor de nós, desconhecendo as bênçãos da vida familiar e o calor do lar doméstico.

Lar! Palavra magnífica! Ninho abençoado!

Dizei-me: existe ainda hoje um lar? Um lar, com seu doce e benéfico calor?

Lembro-me aqui, não só dos mais desgraçados dentre os desgraçados, dos filhos infelizes, cujos pais estão separados. Lembro-me da multidão imensa de filhos, cujos pais vivem em comum, mas em constantes rixas e discórdias perpétuas. Lembro-me destas crianças que nunca provaram a doçura de um lar, porque nem seu pai e nem sua mãe amam a vida de família. Ambos sentem mais alegria em fugir de seu lar. A criança fica entregue a si mesma... ou a uma doméstica, a uma empregada, ou então vai aonde quer.

Lembro-me também desta multidão de jovens obri-dos a ganhar o pão, arrancados às paredes protetoras do lar antes que se lhes chegue o tempo dos cuidados pela existência.

Lembro-me, ainda, dos inumeráveis ataques, que o homem moderno lê, ouve, a cada instante nos jornais, revistas, e na sociedade, ataques contra a família, cuja formação ideal nunca êle viu, nem apreciou, e nem tentou evocar. Disto tudo eu me lembro, eu penso,

e agora estou convicto da neccssidade urgente de falar, e falar minuciosamente, desta questão, perante o homem de hoje.

B) Demais, torna-se necessário ainda ocuparmos-nos dêste problema, porque outros querem tenaz e incansavelmente resolvê-lo, embora de um modo tão brutal, tão afrontoso e audaz, confundindo os espíritos muito mais que antes.

a) Os antigos se baseavam em tôdas as coisas, pelo que observavam no lar; hoje, pelo contrário, os homens se desorientam pelo que vêem em casa. Outrora, a mãe era, para a filha adolescente, a amiga mais íntima, a quem esta recorria em tôdas suas dificuldades. E hoje? Ela se dirige a uma agência de casamento ou à secção de correspondência de um semanário ilustrado, e mesmo eventualmente a médico psicanalista.

b) Quantos escritores, quantos poetas e políticos, quantos filósofos e artistas, quantos autores dramáticos e cineastas se voltam, hoje, para o grande problema, a crise da família. E' incalculável o número de obras provocadas por esta questão, e cujos produtos inundam, diàriamente, as livrarias.

Devemo-nos, porém, felicitar ante esta abundância?

Quanto mais nos ocupamos desta questão, mais nos perdemos num oceano de nuvens. À Igreja Católica pertence levantar a voz, ela a quem Nosso Senhor Jesus Cristo confiou a pregação da verdade.

C) Mas, dir-se-á talvez, que fará a Igreja nesta questão do matrimônio? Não é êle um contrato entre pessoas particulares? Não é um negócio puramente profano e social?

Não, mil vêzes não! Tendo em vista sua origem, seu fim, e os deveres que dêle decorrem, afirmamos

bem alto, *o casamento não é um simples contrato civil, e, sim, uma instituição moral e religiosa.*

a) *O casamento vem de Deus.* Autor de tôdas as leis da natureza, Ele criou o homem de tal maneira, que sua reprodução ulterior não lhe é assegurada senão pela coexistência constante de dois sêres, portanto pelo casamento. O casamento, porém, no momento da criação da raça humana, recebeu um caráter divino todo particular, pelo ato simbólico de Deus, tirando a primeira mulher do lado do primeiro homem, e dando-lhe por espôsa, dizendo: Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra (Gên 1, 28).

b) O fim do casamento dá-lhe também um caráter religioso. Os esposos, com efeito, são os colaboradores do Deus Criador.

O fim principal do casamento é dar à terra novos sêres “criados à imagem de Deus”, sêres cuja tarefa, aqui na terra, e na vida eterna, será servir a Deus. Cada vez, porém, que os esposos cumprem a sua tarefa de dar a vida física, Deus age com êles, criando, ao mesmo tempo, uma viva alma, e depondo-a no novo rebento humano, que acaba de florescer, graças aos esposos.

Grande honra é, pois, para os esposos, o serem, pròpriamente falando, instrumentos nas mãos de Deus Criador, e o de estarem realmente unidos com Deus. Disse-o igualmente Nosso Senhor Jesus Cristo: “Que o homem não separe aquilo que Deus uniu” (Mt 19, 6).

Basta olharmos para a história da civilização, e em todos os povos e em todos os tempos, encontramos o casamento, como um ato religioso, feito entre cerimônias religiosas as mais diversas, provando isto haver realmente relações estreitas entre o matrimônio e a religião, e necessitarem os esposos do auxílio especial

de Deus, quando querem cumprir os seus deveres conjugais.

c) Os deveres anexos à família tornam-na também uma instituição moral e religiosa. Cristãmente falando, a Providência quis constituir na família uma pequena cidadela particular, uma praça forte, um jardim bem fechado, tornando-se ela um lugar de paz onde a nova criatura viria ao mundo, nasceria, se fortificaria fisicamente, chegaria a utilizar suas faculdades intelectuais, formar-se-ia e se desenvolveria completamente. A família é o lugar sagrado, onde uma geração coloca nas mãos de outra o facho da vida, aceso pelo próprio Deus no momento da criação, e que não se extinguirá senão ao som da trombeta do juízo final.

O Criador uniu, pois, o primeiro casal humano pelos laços da família. Esta é, portanto, a associação mais antiga, a mais fundamental da humanidade, mais importante que qualquer outra associação ou instituição posterior. Mas se o centro de gravidade de toda humanidade repousa sobre a família, compreende-se, então, a solicitude, cheia de responsabilidade, com que o cristianismo sempre velou pela integridade da família.

d) Notamos, contudo, esta grande solicitude se considerarmos quanto a Igreja estima a família, não tanto pela sua missão terrestre, mais ainda, porém, pela sua tarefa supraterebre.

Tudo começa aqui em baixo, mas tudo acaba lá em cima. Toda a vida humana floresce na terra, mas dá seus frutos no outro mundo. A família não é, pois, somente a fonte da vida terrestre, mas é também da vida eterna; ela é, pois, o ponto de partida daqueles que, um dia, ocuparão os lugares de vencedores no reino celeste.

Vistes, agora, por que a Igreja vigia com tal solicitude o matrimônio e por que não tolera que as pai-

xões humanas, e a ânsia dos prazeres, profanem uma instituição à qual estão anexos os tão graves interesses do reino do céu?

E' porque a família não é sòmente importante para a sociedade, para a Nação, para o Estado, como também para a *Igreja de Cristo*. Não é o Papa que é a Igreja, êle é o chefe da Igreja. Os sacerdotes e os bispos não são a Igreja, — são os servidores da Igreja. Mas a Igreja são êstes milhões de fiéis fornecidos pelas famílias. O Corpo místico de Cristo, que nós chamamos Igreja, estaria mutilado, e seria desprezível se se compusesse só de sacerdotes e bispos, se se constituísse só de pastôres sem rebanhos.

Com a fôrça ou fraqueza da família cristã, com seu valor ou desvalor, com suas virtudes ou seus defeitos, crescem ou degeneram, também, a fôrça, a beleza e o florescimento da Igreja, Corpo místico de Cristo. Se nas famílias cristãs a fé e a pureza diminuem, a Igreja também se torna doente e anêmica; se, pelo contrário, a fé e a virtude são fortes em nós, a Igreja também floresce em beleza. A Igreja não pode, pois, ficar indiferente à vida familiar dos fiéis. A sorte do Corpo místico de Cristo está ligada à sorte da vida familiar dos cristãos, e à maneira com que êles ouvem a palavra de Deus, observam os mandamentos, e se esforçam para caminhar, durante sua vida terrestre, sob a luz do Evangelho. E' preciso, pois, falar, desta cátedra, acêrca da família, é preciso falar muito porque imensos interesses morais e religiosos dela dependem. E' preciso falar disto, porque estamos convencidos de que a luta empenhada contra a família é a arma mais poderosa da irreligião. Mas estamos, também, convencidos de que a grande luta sustentada em defesa do ideal cristão não se decidirá finalmente, nas ruas, nem na vida pública, nem no parlamento, mas sim no lar

doméstico. Quaisquer que sejam as desgraças externas, as provas e as perseguições que atinjam o reino de Cristo, êle vencerá todos, enquanto houver famílias acolhedoras de Cristo, abrigando-o no Santuário do lar cristão.

Ê, pois, preciso falar, e longamente, do casamento e da família.

O padre católico pode tratar desta questão?

II) UM PADRE CATÓLICO PODE E DEVE FALAR SOBRE ÊSTE ASSUNTO

Se até o presente fui, talvez, feliz em mostrar claramente a importância desta questão, sê-lo-ei, ainda, quanto ao dissipar uma dúvida que certamente surgiu no espírito de vários ouvintes: A) *Um padre católico pode tratar desta questão?* B) *Um padre católico deve êle precisamente falar sôbre êste assunto?*

A) Quando os meus ouvintes souberem que eu consagrarei todos os sermões do semestre universitário para esta única questão, o estudo do ideal cristão do casamento, perguntarão, certamente, a si mesmos: Será que um padre católico, não vivendo êle mesmo do matrimônio, pode falar destas coisas? Será que êle pode ser nosso guia, a nós que somos casados ou nos preparamos para o ser? Não será uma tarefa impossível o falar do matrimônio, para quem o não conhece pessoalmente?

À primeira vista, isto parece, com efeito, uma empresa impossível. No entanto, não o é.

a) Recordemo-nos, primeiramente, que se os padres católicos não se casam, êles, contudo, saíram de um matrimônio, e deixaram o lar doméstico para subir ao altar; êles também tiveram pais, recordando-se dê-

les com uma gratidão e um amor eterno; êles também têm irmãos e irmãs que se casam, — êles conhecem, pois, a família e a vida familiar.

Não há porventura ilustres críticos de arte, quando êles mesmos não produziram sequer uma obra-prima? Não conheceis médicos que curam admiravelmente doenças, nunca sofridas por êles? Os psiquiatras não curam doenças mentais, que nunca o atingiram? E os juizes não são eqüitativos nos julgamentos sôbre crimes, que êles mesmos nunca cometeram?

b) Agora volto à objeção, e afirmo *que aquêlê que não vive, êle próprio, no matrimônio, pode discutir muito mais imparcialmente a questão, que o homem casado*. Mais imparcialmente, porque vê mais claramente os defeitos das suas partes, e pode examinar mais tranqüilamente suas obrigações, do que aquêlê que está pessoalmente interessado na questão; mais imparcialmente ainda, porque a experiência pessoal torna muitas vêzes difícil um olhar mais aprofundado, e uma apreciação mais objetiva.

c) Ao contrário, se ao sacerdote falta o terreno da experiência pessoal, encontra êle ensinamentos muito mais abundantes na experiência milenar da Igreja, e na diversidade inesgotável da vida dos fiéis.

A Igreja, em seu ministério pastoral de vinte séculos, adquiriu um juízo tão seguro, pontos de vista tão largos, que ninguém na terra os teve, mesmo aproximadamente, pela sua experiência. De outro lado o pastor de almas, querido pelo seu rebanho, que para êle se volta em suas alegrias e suas penas, conhece êle próprio tôdas as tristezas, todos os choques, e todos os problemas do casamento, em sua variedade infinita, melhor que qualquer pessoa casada.

Não esqueçamos precisamente a fonte mais rica, em que o padre sorve seus esclarecimentos sôbre esta

questão: *a confiança de seus fiéis*. E' justamente por ter o padre católico, por amor de Cristo, pelo bem das almas de seus fiéis, renunciado ao casamento, que lhe é assegurada a absoluta confiança de seus fiéis.

Jovens e velhos, casados e solteiros contam-lhe suas penas, suas lutas e suas vitórias, seus cuidados e suas tristezas com tal confiança que a alma do padre conhece melhor, muito melhor, todos os escolhos e recifes, em uma palavra, todos os problemas, como se tivesse êle mesmo uma família. Êle não conheceria, certamente, senão a sua própria família, enquanto agora êle conhece centenas e milhares.

Após isto, creio que não mais se discutirá a possibilidade para um padre católico de encarar esta questão.

B) Mas tem êle o direito, e mesmo o dever de falar dêste problema?

a) E' indubitável que o estudo da questão não é realmente fácil, estando mesmo ligado a detalhes, que não se podem abordar, senão com muita prudência e psicologia. Justamente por isto ela deve ser tratada por sacerdote católico, de quem podemos esperar êste tacto e esta delicadeza, mais do que por alguém que abordasse brutalmente o mais santo problema da vida.

Por que justamente um sacerdote deva tratar dêste assunto? Porque é a Igreja a única que deve falar desta coisa essencialmente santa, e que, de perto, toca a religião.

b) Ora, o casamento é uma coisa essencialmente santa. Diz um francês espirituoso que "o adjetivo é o inverso do substantivo". Certamente êle queria dizer que há epítetos que, colocados diante de tal ou tal substantivo, fazem desaparecer e enfraquecer a essência da coisa. Ao contrário há, porém, epítetos que, na sua bre-

vidade, esclarecem o pensamento como brilho de um raio no céu. Em 31-12-930, o Papa Pio XI publicou uma longa Encíclica sobre o casamento, e colocou no frontispício um epíteto que resume com muita felicidade a essência de toda a questão: "*Casti connubii*"; assim começa a encíclica pontifical. Que epíteto exato: "*O casto matrimônio*". Com efeito, ou bem o casamento é casto, moral e santo, ou bem não há casamento. Mas se é santo e sacramento, então, compete à Igreja e seus padres tratarem do assunto.

E se *Lacordaire* disse, um dia, que a união entre o homem e a mulher, isto é, o matrimônio — era uma questão de civilização humana, hoje se pode acrescentar, é uma questão de felicidade na terra e na eternidade. E' preciso, pois, tratar realmente desta questão, e dela se ocupar bastante. Pertence primeiramente à Igreja Católica discuti-la com toda a franqueza.

* * *

Meus irmãos, diz-se que há pérolas preciosas que perdem, quando nas mãos dos homens, todo o seu brilho, e não o recuperam senão quando são mergulhadas novamente no fundo do mar, nestas profundezas donde nasceram.

A pérola mais preciosa da humanidade, a de maior valor, é a família, porque é de sua força e de sua energia que dependem a força e a energia da sociedade. A vida familiar pode, também, perder o seu brilho e sua força nas mãos do homem, pode mesmo ficar completamente arruinada, e ela não recuperará sua força, enquanto não a recolocarmos em sua fonte primitiva onde se originou: sobre o pedestal de uma concepção séria e religiosa do mundo. Quantas coisas abalaram a família atual: a crise econômica, o trabalho das mulheres e das crianças, a crise da habitação, as priva-

ções; o golpe, contudo, mais terrível lhe foi vibrado por êste fato doloroso: o de se ter ela afastado de Cristo, pois, uma vez d'Ele afastada, perdeu sua base mais sólida.

Sejamos claros. A família sofre uma crise, mas aí chegou, porque se afastou da fonte da vida, do terreno religioso. A família, realmente, necessita de uma reforma, isto porém não é possível se não lhermos mais moral. Há necessidade, para a reabilitação da família, de instituições sociais, de medidas legislativas, e do concurso do Estado, mas tudo isto seria inútil, se esquecêssemos o essencial: elevar novamente a vida de família à altura da moralidade.

Não fujamos à evidência do perigo. Se o ideal cristão do matrimônio e da família não recuperar a supremacia, se a opinião frívola e destrutiva, arraigada nesta questão durante as últimas dezenas de anos, continuar espalhando-se, não só ela prejudicará enormemente a religião, mas tornar-se-á um perigo para a tranqüilidade social e para o desenvolvimento cultural da humanidade.

Eis por que recordarei insistentemente nos sermões que se seguem. o fato de que as leis positivas divinas, no matrimônio, como em tôdas as outras questões, harmonizam-se perfeitamente com os desejos e as obrigações da natureza humana, e quando o homem as observa, não só obterá a salvação eterna, mas assegurará as bases de uma vida terrestre harmoniosa. Se porém quiser burlá-las abrirá êle mesmo as portas do inferno, e do sofrimento na terra.

Nada mais nos resta, senão levantar uma humilde prece ao Pai celeste, Criador da raça humana, Santo Fundador do matrimônio e da família, que nos assista com suas graças de luz e de força, durante o curso dos meses, em que evocaremos seu plano sublime. Amém.

CONFERÊNCIA II.

O CASAMENTO ANTES DE CRISTO

Quando o apóstolo S. Paulo, em sua epístola aos Efésios, fala do casamento, emprega esta expressão profundamente significativa: "E' um grande mistério". "Magnum mysterium" (Ef 5, 32).

Nós que queremos, através de nova série de instruções, esboçar o quadro ideal da família cristã, devemos antes penetrar no fundo "dêste grande mistério" evocado por S. Paulo, e procurar sua essência. Qual a essência do matrimônio? Qual o pensamento profundo que o Criador quis realizar, instituindo o matrimônio? Ele de fato o instituiu? Não foi estabelecido pela vontade humana, ou o desenvolvimento da civilização trouxe-o consigo? Qual o Ideal do matrimônio segundo o pensamento divino? Tais as questões de que trataremos.

Responderemos em duas instruções especiais, porque na história do matrimônio há um acontecimento que lhe trouxe uma transformação essencial: sua regulamentação por Nosso Senhor Jesus Cristo. Já antes de Cristo o casamento era um "grande mistério", uma coisa nobre e venerável, como o é hoje. para aquêles que não conhecem Cristo; êste é o assunto desta instrução. Em outra, o veremos "um grande mistério", elevado à dignidade de sacramento.

Estudemos *hoje o ideal do matrimônio antes de Cristo*. Vemos que êle era já “um grande mistério”, porque desde o princípio foi Deus quem o fundou. Mas se êle o criou, então o próprio matrimônio dos não cristãos é santo, intangível e indissolúvel.

1) FOI DEUS QUEM INSTITUIU O MATRIMONIO

Desde sua origem, o matrimônio foi realmente instituído por Deus. Isto afirma claramente o Antigo Testamento. O jovem Tobias, orando a Deus antes de seu casamento, diz muito naturalmente: “Senhor Deus, meu Pai... criaste Adão do limo da terra e lhe deste Eva por companheira” (Tob 8, 7, 8). O livro dos Provérbios chama o casamento “uma aliança divina”. Também no livro do Êxodo, o sexto mandamento divino protege o casamento contra a profanação (Êx 20, 14). Eis por que se termina o casamento com essa linda bênção: “Que o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob, esteja convosco, que Êle mesmo vos una, e espalhe sôbre vós a plenitude de suas bênçãos (Tob 7, 15).

Se procurarmos, porém, como se formou a concepção da origem divina do casamento, é preciso remontar às primeiras páginas do primeiro livro da Sagrada Escritura. O primeiro e o segundo capítulo do Gênese proclamam claramente e com uma firmeza indiscutível ser o casamento, na realidade, uma instituição divina, e não uma invenção humana.

A) A primeira prova da origem divina do casamento encontra-se, pois, no primeiro capítulo do primeiro livro da Bíblia, *onde vemos a descrição da criação do homem e da mulher*.

a) Quando se examinam os homens, notam-se entre êles grandes e múltiplas diferenças: um é grande, e outro pequeno; um é louro, e outro moreno, um é

gordo e outro magro; um é forte, e outro é fraco, e assim por diante. Há, porém, uma particularidade que é essencialmente mais importante que tôdas as outras: *"há homens e há mulheres"*.

Coisa curiosa, há uma fôrça misteriosa e regular que mantém esta diferença num equilíbrio tal que nascem, mais ou menos, sempre tantos rapazes e tantas môças; mais exatamente, há um pouco mais de rapazes, porém a cifra da mortalidade sendo mais elevada entre êstes, a diferença diminui novamente.

Donde vem, pois, esta particularidade tão importante da humanidade?

Donde vem a origem do homem e da mulher?

As primeiras páginas da Santa Escritura esclarecem-nos sôbre esta questão. Foi Deus quem criou separadamente o homem e a mulher, mas uniu-os, ao mesmo tempo, numa união santa, e, confiou-lhes uma tarefa magnífica. Escutai as próprias palavras da Escritura: "Deus criou o homem à sua imagem: criou-o à imagem de Deus; criou-os homem e mulher. E Deus abençoou-os, e disse-lhes: "Sêde fecundos, multiplicai-vos, e enchei a terra" (Gn 1, 27-28).

b) Estas palavras da Escritura, porém, respondem ao mesmo tempo àqueles que perguntam, algumas vêzes, admirados: "Como é possível que *seja permitido no casamento alguma coisa que fora do casamento constitui um pecado grave?* Não é uma contradição: ali é permitido, aqui não é? A coisa não é a mesma em ambos os casos?

A resposta, porém, é clara, segundo os livros Santos. Fora do casamento é um pecado grave, porque Deus confiou ao matrimônio a união indissolúvel de um homem e de uma mulher, a conservação da raça humana, e pois, só no casamento é permitido o ato pelo qual nasce uma nova vida humana. Êste ato, fora do

casamento, é justamente um pecado grave porque fere o direito privilegiado do matrimônio, e arruína assim a família. Ora, isto é que se precisa evitar, a todo o custo.

B) O que temos no primeiro capítulo da Sagrada Escritura não é uma elucubração artificial, mas realmente a vontade de Deus. Isto é a consequência clara do segundo capítulo, pois aí encontramos a narração minuciosa da *instituição do matrimônio* (Gn 2, 15-24).

a) O primeiro homem, embriagado pelas energias imensas de sua nova vida, passeia entre os esplendores da natureza em flor, sua alma freme quase à vista das maravilhas do paraíso terrestre, mas, a si mesmo, parece que falta alguma coisa: não há alguém a quem comunicar sua alegria, alguém para entender suas palavras, não há quem lhe seja semelhante na terra. E então — para que tenha um auxílio, um apoio, uma companheira na vida — *Deus criou a primeira mulher*.

b) Mas o que Adão sentia, no instante em que a consciência de suas jovens fôrças dominava seu corpo robusto, êste desejo de um complemento, de uma compreensão, de uma comunicação de alma, de um aperfeiçoamento, *sente igualmente todo descendente dos dois sexos da humanidade*. Na plenitude de seu desenvolvimento orgânico, o homem e a mulher sentem que lhes falta alguma coisa, que se encontra no outro sexo. Necessitam de um complemento que se encontra nas qualidades diferentes de outro sexo, pois só então é que se realiza o ideal completo do homem.

E' nesta união, nesta mescla, neste complemento mútuo dos dois gêneros da natureza humana, que se realiza aquela unidade dos esposos, cujo exemplo não se encontra no mundo, e do qual a Sagrada Escritura observa: "O homem deixará seu pai e sua mãe, unir-se-á à sua espôsa, e tornar-se-ão uma só carne" (Gn 2, 24).

O homem faz alguma coisa de análogo, quando reúne metais cujas propriedades diferentes se completam mutuamente, e esta nova mistura, assim obtida, é mais forte e resistente.

c) Se assim é, se realmente é natural, desejável e conveniente que dois gêneros de seres humanos vivam sobre a terra, como características inteiramente diversas, mas atraindo-se reciprocamente, se isto é natural, então podeis julgar, vós mesmos, meus irmãos, quanto é prejudicial e contrário à natureza o moderno costume *que educa as jovens como se fôsem rapazes, querendo transformá-las em tais, enquanto quer fazer dos rapazes môças: forma rapazes-môças, môças-rapazes*, e que suprimindo a diferença entre os dois sexos, arrebatá-lhes justamente aquela força misteriosa de atração, que tem por objeto formar, na vida social, a célula mais importante, a fonte de uma renovação incessante da raça humana, e a garantia de sua propagação: uma nova família.

II) QUE É O MATRIMÔNIO SEGUNDO A VONTADE DIVINA?

Deus criou, pois, o matrimônio.

Mas por quê? Que idéia fazia Êle da essência do matrimônio?

A) Perguntemos a nós mesmos: Que é o matrimônio conforme a vontade de Deus? *É um contrato?*

E'. Mas é outra coisa ainda.

a) *Por ocasião de seu casamento, os esposos passam realmente um contrato: prometem mútua fidelidade, assistência recíproca, auxílio na desgraça, fazem esta promessa sob uma forma solene. O casamento é, pois, também um contrato.*

Quem não vê, porém, que é alguma coisa a mais? E' a fusão misteriosa de duas almas, o encontro decisivo, e a união de duas vidas humanas. A humanidade já o pressentia mesmo antes do cristianismo, e eis por que vemos que entre os povos pagãos já o casamento era colocado entre as cerimônias religiosas, as mais solenes e variadas.

b) Tem-se o hábito de dizer que para o casamento há necessidade de dois: de um homem e de uma mulher. E' um grande êrro! Há necessidade de três: de um homem, de uma mulher e de mais um ainda — Deus. De fato Deus deve ter aí o primeiro lugar. Êle instituiu o casamento; é. pois sòmente com Deus e em Deus que se pode contratá-lo.

E não sendo o casamento um contrato puramente humano, e nem uma invenção humana, por isso mesmo a sua própria essência escapa à autoridade dos homens. O gênero de existência, de civilização, de forma política, em que êle vive, depende do homem. O casamento, porém, e a família não dependem do homem.

B) Que é, então, o casamento? pergunto novamente. *Talvez um negócio particular entre duas pessoas?*

Ê-o, efetivamente, e mais alguma coisa ainda: é de ordem pública também, e é um negócio de interesse geral.

O casamento não é, pois, uma colocação para as jovens, que não poderiam sair-se bem de outra maneira? Certamente não. E' o casamento uma troca de amabilidades e de cumprimentos? Um instrumento de prazeres particulares? Realmente não. E' um negócio de ordem pública, extremamente importante. E será mais fácil de se reconhecer, no labirinto inextrincável das questões matrimoniais, se se teve continuamente presente no espírito que o casamento não é só um negócio particular, mas também de interesse público;

particular, enquanto sou livre de escolher, contrato matrimônio com quem quero. Mas *uma vez realizado o casamento*, então a sorte da humanidade inteira lhe está unida; tornou-o, pois, de ordem pública: não depende mais de mim rompê-lo.

C) Que é o matrimônio segundo a vontade divina? pergunto ainda pela terceira vez. "*A união entre um homem e uma mulher até a morte, eis a resposta definitiva*".

O antigo e novo testamento mostram em numerosos exemplos como Deus olhava a santidade do amor recíproco de duas almas, e a alta estima em que tinha a vida comum dos esposos.

a) Lemos continuamente no Antigo Testamento que Deus qualifica de aliança matrimonial suas relações com o povo eleito, e de infidelidade, a adoração dos ídolos por seu povo.

E, coisa curiosa: o Antigo Testamento encerra todo um livro, o "Cântico dos cânticos", que simboliza, no sentido profundo, o amor de Deus pela alma humana, mas para quem o toma no sentido literal, nada mais é do que uma coleção de cânticos nupciais, celebrando o amor recíproco entre o espôso e a espôsa.

b) *Nosso Senhor, porém, fala do matrimônio em um sentido ainda mais elevado.*

"O reino dos céus é semelhante a um rei que celebra núpcias de seu filho" (Mt 22, 2), lemos em uma parábola. Quando o filho de Deus quis imolar-se pela salvação da humanidade, escolheu, para símbolo de seu amor, por ser o mais generoso, o amor dos esposos.

O seu primeiro milagre Nosso Senhor fêz, sabe-se muito bem, em umas núpcias, onde faltava o vinho, tirando, assim, de embaraço os jovens esposos.

E quando, um dia, os discípulos de S. João Batista lhe perguntaram por que os seus discípulos não

jejuavam, enquanto que os de S. João e os fariseus jejuavam, Nosso Senhor respondeu-lhes: "Os amigos do espôso poderão entristecer-se, enquanto o espôso está com êles? Chegarão dias em que o espôso lhes será arrebatado, então êles hão de jejuar" (Mt 9, 15).

D) Mas para que nossas verificações acêrca do matrimônio sejam mais completas, acrescentaremos ainda uma nova idéia. O matrimônio é não só uma coisa santa aos olhos de Deus, mas é, ao mesmo tempo, uma grande bênção e uma fonte de fôrça indispensável para a sociedade.

a) A família é um organismo vivo e moral, onde cada um tem seus direitos e seus deveres fixados por Deus.

A família não é só a célula constitutiva da sociedade humana, como também *o melhor apoio de ordem social*, porque se baseia na ordem estabelecida e na autoridade. Ela encerra diferentes membros, com diferentes tarefas, trabalhando todos para um fim comum. Os filhos submetem-se aos pais, a mãe é a senhora do lar, o pai é o chefe da família.

b) Sim, meus irmãos, ainda hoje não hesitamos em afirmar abertamente que, segundo a vontade de Deus, *o pai é o rei da família*. Sua realeza, entre tôdas, é a mais antiga, porque sua fundação está nas primeiras páginas da Sagrada Escritura (Gn 3, 16). Esta realeza é independente de tôda forma política: em república ou em monarquia, no sufrágio público ou secreto, sob uma ditadura ou sob um regime constitucional, a realeza do espôso permanece sempre intacta: a família será sempre a pequena monarquia onde o pai é a cabeça, o chefe.

c) Peço às minhas ouvintes não se entristecerem. Peço aos meus ouvintes não se ensoberbecerem por causa disto. Peço, sobretudo, aos meus ouvintes de um e

outro sexo não discutirem, sem objeto, para saber *quem vale mais, se é o homem ou a mulher*. Lembrem-se do exemplo daquela mulher a quem seu espôso declarava, um dia, mui convencidamente: "Enfim o homem é o rei da criação!" A espôsa responde, pondo-lhe mui docemente a mão sôbre a cabeça: "E' verdade; mas a mulher é a coroa desta cabeça". Só assim é que se podem compreender mütuamente.

Certamente o homem não é uma mulher, nem a mulher um homem; os dois sexos nunca pois poderão ser iguais. Não significa, porém, isto que seus valores sejam desiguais. Mas se a natureza do homem e a da mulher são, muitas vêzes, totalmente diferentes, daí resultam obrigações igualmente diversas, correspondendo aos dois sexos; mas êstes deveres diferentes decorrem de direitos diferentes. Eis por que reconhecemos que a família é um pequeno estado, um pequeno organismo independente, um pequeno reino de Deus à parte, uma instituição onde há diferenças, subordinados e superiores, e uma repartição de trabalho. Faltando tudo isto, tôda a família se desorganiza.

III) QUEM DEVE E QUEM NÃO DEVE CASAR-SE

Se, meus irmãos, a família, já antes de Cristo, aparece-nos envôlta em uma luz sublime, se sabemos que o casamento é o fruto da própria vontade do Criador, daí, pois, a seguinte pergunta: Esta instituição divina é obrigatória para todos os homens, sem exceção? A vontade divina exige que todos os homens se casem? Podemos resumir a resposta em uma só palavra: Não. A própria continência total é mais preciosa aos olhos de Deus: Para a maior parte, porém, da humanidade a solução exata é sômente o matrimônio.

A) O casamento não é obrigatório para todos os homens, e mesmo se alguém, por um fim mais elevado, para servir a Deus mais perfeitamente, escolhe o celibato, *sua vida é mais preciosa diante de Deus que o casamento*, eis o que conhecemos, somente depois de Nosso Senhor Jesus Cristo.

a) *Foi Ele que o proclamou claramente.* Um dia, com efeito, o Salvador declarou que havia homens, que não se casavam “por causa do reino dos céus” (Mt 19, 12), isto é, a fim de viver inteiramente para Deus.

S. Paulo declara em seguida, mais minuciosamente: “Quem não se casou cuida das coisas do Senhor e procura agradar o Senhor; quem se casou cuida das coisas do mundo e procura agradar sua mulher e está dividido” (1 Cor 7, 32-33).

O casamento está, pois, no plano divino, mas a castidade é um estado ainda mais perfeito. E’ assim que devemos compreender aquêlê pensamento de S. Paulo quando escreve: “E’ bom para o homem não tocar a mulher” (1 Cor 7, 1), isto é, que a virgindade perfeita, escolhida para servir a Deus, e por amor ao próximo é uma evolução espiritual maior.

Aquêlê que permanece celibatário para servir a Deus com um coração sem partilha oferece-lhe, pois, um grande sacrifício.

b) *Deus, porém, a isto não obriga ninguém.* E’ apenas um “conselho evangélico”, e não um preceito. “Aquêlê que pode compreender, compreenda” (Mt 19, 12), diz o próprio Nosso Senhor.

S. Paulo também proclama que a maior parte da humanidade não é chamada a isto, quando êle escreve na mesma passagem que para evitar o pecado da impureza “cada um tenha sua mulher e cada mulher tenha seu marido” (1 Cor 7, 2). A palavra “tenha” possui aqui um sentido restrito, e quer dizer “é permi-

tido que tenha". Para a maior parte da humanidade é, pois, regra geral, porque o dom da continência, durante tôda a vida, não é atribuída senão a um pequeno número.

E agora podemos responder a pergunta: Quem deve casar-se, e quem não deve?

B) Quem não deve casar-se?

a) Todo aquêlo, primeiramente, *cujo organismo luta contra sombria hereditariedade ou sofre de uma moléstia congênita*, fará bem em não se casar, porque pais que sofrem de uma grave moléstia hereditária não podem quase dar a vida, senão a filhos do mesmo modo, gravemente doentes.

E' porém interessante notar que alguns desejariam ver as leis civis mais rigorosas, neste ponto, que as leis eclesiásticas, e quereriam proibir oficialmente o casamento dêstes doentes. A moral cristã ao contrário, embora não aprove êstes casamentos, não os proíbe como falta grave, — assim o proclamou, claramente, Pio XI na encíclica *Casti connubii*.

Por que não os proíbe? Porque se pode fazer com que, para êstes infelizes, o casamento signifique consôlo, alívio e reconfôrto, ajudando-os, assim, a realizarem o fim eterno de suas almas. O fim da Igreja é facilitar, ao homem, a salvação de sua alma.

b) Quem mais não deve casar-se?

Aquêlo que quer pôr a sua vida ao serviço de um grande ideal, como por exemplo, às pesquisas científicas ou ao serviço do próximo, mas, em primeiro lugar, ao serviço de Deus. Não devem êstes casar-se, mas guardar, até à morte, continência perfeita, castidade absoluta.

c) E quem mais não deve casar-se? Aquêlo que é doente, aquêlo que deseja ser sacerdote ou religiosa. E depois? *Ninguém mais*.

Fora dêstes casos *à maior parte da humanidade aplicam-se realmente* como um *preceito* estas palavras do Criador: “Crescite et multiplicamini”, cresci e multiplicai-vos (Gn 1, 28). Quem não é doente ou não quer colocar-se ao serviço de um grande ideal deve casar-se.

Deve casar-se, porque é a vontade de Deus, que dêle o exige, e porque o exige, também, seu próprio interesse bem compreendido.

“E’ bom que o homem não esteja só” (Gn 2, 28), lemos nas páginas da Sagrada Escritura. E como são certas estas palavras! Foram ditas por Deus que criou o homem, e conseqüentemente conhece melhor a natureza humana.

A literatura tem muitas vêzes descrito a vida solitária do celibatário, do velho solteiro, que certamente não é digna de inveja. Mesmo altamente colocado, sua alma, porém, está vazia. Tem uma bela vivenda, mas não possui um lar. A noite de Natal chega, e em lugar de risos argentinos dos filhos ouve apenas o tique-taque monótono do relógio, no quarto vazio e deserto: sim, envelheceis, envelheceis, e os anos fogem.

E é aqui que eu quero mostrar a grande diferença que existe entre o celibatário e a jovem que não se casou. De fato, se um homem fica velho solteiro, as mais das vêzes é por sua própria culpa: *êle não quis casar-se*. A jovem, porém, se permanece solteira, não é, as mais das vêzes, por sua culpa: *ela não pôde casar-se*. A voz da consciência não fala pois, do mesmo modo, em ambos os casos. A jovem que, sem culpa, não se casou pode, nos momentos de abandono, encontrar consôlo na resignação à vontade de Deus, que assim dispôs, mas, ao contrário, ela faz falta ao homem que não pode atribuir senão a si próprio, e ao seu egoís-

mo, o sentimento angustioso da solidão que um dia pesará sobre ele.

E agora direi aos meus ouvintes, — sem medo de magoá-los, pois chamei-os “reis” — dir-lhes-ei claramente o que penso nesta grande questão: Senhores, ou padres ou casados, não há solução diferente.

* * *

As nossas afirmações, sobre o matrimônio, exaradas nesta instrução, revestem-no do brilho da vontade divina, ainda que tenhamos apenas estudado a metade da questão. Até agora não o vimos senão como a lei escrita na natureza humana, como o matrimônio natural, como era antes de Nosso Senhor Jesus Cristo. E’ já um grande e sublime ideal, é o sustentáculo e o fundamento da sociedade humana.

Em nossos dias, graças a Deus, a legislação civil já compreende a importância da família para o Estado, e é com júbilo que observamos suas primeiras manifestações em defesa da família atacada e em perigo. Seria, porém, desejável que a legislação civil fizesse todo o esforço para assegurar a pureza e a força da família.

De fato, quantas ocasiões se oferecem, ao Código Civil, para favorecer a família, tanto pelas medidas de previdência social, como pela proteção mais enérgica à moral pública! Sem dúvida, só a educação da consciência cria a moralidade, pois esta não vem das leis, mas o Estado deve também auxiliá-la, protegendo esta consciência. E’ realmente alarmante a impunidade com que nos teatros, nos cinemas, nos livros e revistas, cheias de ilustrações imorais, zomba-se das idéias de família, e abala-se a moralidade. De que servem os sermões? Para que a ordem de “salvar a família? Para que tantas investigações e congressos sobre a salvação da família, se a onda das edições pornográficas escritas,

“só para adultos de mais de 16 anos”, inundam as nossas ruas?

Não esqueçamos, o casamento, como ensina a Igreja Católica de acôrdo com o mandamento de Deus, não é uma invenção arbitrária, mas sim uma instituição baseada na natureza humana. Há necessidade absoluta de observarmos as leis de Deus, pois ao contrário a vida humana tornar-se-á um caos profundo e incompreensível, uma multidão em ruínas; assim como a existência da natureza tôda tornar-se-á desordem e caos, se alguém suspender as leis da química e da física, pretextando que elas são “arcaicas” e que é preciso caminhar com a época. O mesmo Deus, portanto, que gravou na natureza inanimada as leis físicas e químicas, é o mesmo que impôs os mandamentos, e portanto, o matrimônio, ao homem.

Os céus façam com que a humanidade compreenda isto, antes que seja tarde demais!

Possa ela compreendê-lo, voltando ao ideal de pureza do matrimônio instituído por Deus. Amém.

CONFERÊNCIA III.

O MATRIMÔNIO DEPOIS DE CRISTO

O casamento foi criado pelo próprio Deus, quando, fazendo um homem e uma mulher, colocou-os no paraíso terrestre, preceituando-lhes: "Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra" (Gn 1, 28). É, portanto, o casamento, uma coisa importante; antes mesmo da vinda de Cristo era a realização da vontade divina, como já o dissemos.

Vem Nosso Senhor, e com Ele uma nova ordem: a ordem da salvação. Esta instituição divina, já sublime em sua origem, revestiu-se, então, de uma nova dignidade. O casamento foi elevado à altura de sacramento. Isto o transformou completamente. Deu-lhe traços essencialmente novos, e aí o motivo pelo qual lhe consagramos esta instrução. Após estudarmos o casamento ideal dos séculos anteriores a Cristo, veremos, hoje o ideal do matrimônio cristão.

Fixaremos melhor a imagem ideal do matrimônio cristão, se respondermos a estas duas perguntas: 1) *Que pensa do matrimônio a Igreja de Cristo?* 2) *Que é que Cristo dá aos esposos?*

1) QUAL O PENSAMENTO DA IGREJA, QUANTO AO MATRIMÔNIO?

Para esta primeira pergunta: que pensa a Igreja a respeito do matrimônio, há necessidade de uma resposta bastante curiosa.

A Igreja Católica, com efeito, sôbre o matrimônio *tem de um lado idéias inteiramente terrestres, e, de outro, inteiramente celestes*. Podemos afirmar que sua concepção quanto ao matrimônio é em parte *realista*, e, em parte, *idealista*.

— Examinemos bem estas duas idéias.

A) *As idéias da Igreja Católica, a respeito do matrimônio, são em parte inteiramente terrestres.*

a) Mostra ela, de fato, o seu modo de pensar inteiramente realista, inserindo o casamento, que, aparentemente, é um negócio de coração e sentimento, nos parágrafos rígidos de seu código. O cânon 1081 do Código do Direito Canônico diz: “O casamento existe, quando duas pessoas, juridicamente capazes, exprimem legitimamente o seu consentimento”. Como estas fórmulas jurídicas se expressam com uma frieza desconcertante!

Quem não conhecesse já suas idéias a respeito do matrimônio poderia com certeza se escandalizar. “Como? O matrimônio é, apenas, um ato da vontade? E’ um contrato calculado e expresso, friamente, entre duas pessoas? E o coração? Para êle, nada? E os sentimentos, o amor e a união das almas? não os levamos em conta? Por que reunir em parágrafos as relações tão ternas e ardentes de dois corações? Por que estas formalidades exteriores, quando se trata de concluir um matrimônio?”

Tudo isto, porém, é necessário. E’ necessário, porque o casamento não é apenas um negócio de coração entre dois sêres, mas encerra uma multidão de coisas, que interessam ao Estado, à sociedade e à Igreja. Torna-se, pois, necessário que esta instituição seja protegida contra a inconstância e os caprichos da natureza humana, e que sua fôrça e sua duração sejam favo-

recidas também pelas formalidades exteriores. E é justamente por isso que há leis matrimoniais na Igreja.

b) A respeito destas formas legais, *precisamos distinguir bem a parte essencial, dogmática, baseada no preceito de Deus, e a parte não essencial, proveniente das prescrições humanas.*

A parte essencial, dogmática, do matrimônio nunca será transformada, por quem quer que seja. Permanecerá sempre como Deus a ordenou: união indissolúvel entre um homem e uma mulher. Eis a parte essencial.

Quanto ao modo pelo qual deve ser realizada a união, diante de quem, e com que cerimônia, a Igreja pode prescrever mudanças de acordo com as épocas e condições culturais. Assim se explicam as modificações introduzidas pelo novo Código Eclesiástico de 1918.

E quando o Código Eclesiástico fala do matrimônio, expressa-se em termos jurídicos, graves, objetivos e realistas.

B) Não podemos, portanto, nos escandalizar desta “frieza jurídica” da Igreja, porque em outra parte suas idéias *sobre o casamento são totalmente idealistas e sobrenaturais.*

a) Declara, com efeito, o cânon 1012 do Código do Direito Canônico: Nosso Senhor Jesus Cristo elevou à dignidade de sacramento o contrato matrimonial entre dois batizados. Assim não pode existir, entre batizados, contrato matrimonial que não seja sacramento ao mesmo tempo. Eis uma linguagem bem diversa! Que imensas perspectivas se abrem! Que elevação ideal e sobrenatural! Tudo porque *o matrimônio cristão é um sacramento.*

b) Cada vez que um jovem par se coloca ante o altar, para fazer a promessa de fidelidade eterna um ao outro, é, propriamente falando, *um sacerdote e uma*

sacerdotisa que se põem um ao lado do outro para administrarem reciprocamente um sacramento: o sacramento do matrimônio. E' o único que não é administrado pelo sacerdote, e sim pelos próprios esposos. No instante em que pronunciam o "sim" recíproco, administram o sacramento. Eles o recebem, e estão unidos por toda a eternidade. Deus porém, por intermédio do sacerdote, está diante deles, abençoa esta união, a fim de que sejam um para o outro, com a graça de Deus, um apoio, uma fôrça, um sustentáculo, e assim caminhem juntamente até o último instante de sua vida.

C) Quem conhece isto compreende *e compreende bem a própria essência do casamento cristão*. Aquêles que não o sabem costumam dizer: "*Não posso compreender por que o casamento religioso é tão importante*". É, com efeito, sòmente uma formalidade exterior, como também é o contrato feito perante o oficial civil.

Não é isto suficiente?

E' claro que não. Isto não basta. E aquêles que assim pensa nada compreende da essência do matrimônio cristão.

a) *No casamento religioso dos cristãos dão-se um ao outro, sem reservas*. Somos, porém, senhores de nossa vida? Assim como não podemos dar a vida a nós mesmos, também não podemos dá-la a outrem — sem a vontade de Deus.

O homem batizado, como ensina a fé cristã, não só se libertou de seus pecados anteriores, não só obtém a graça, como também pelo seu batismo torna-se membro do corpo místico de Cristo, torna-se parente, irmão de Jesus Cristo. Batizando-se, o homem torna-se, pois, também participante da grandeza de Cristo, e deve viver em Cristo, para Cristo, e consagrar-se a Cristo. E' o que claramente nos ensina S. Paulo: "Nenhum de nós vive para si mesmo, e ninguém morre para si

mesmo; quer vivamos, vivemos para o Senhor; quer morramos, morremos para o Senhor” (Rom 14, 7-8).

Quando também os batizados querem contratar casamento, e querem se dar um ao outro, *não podem fazê-lo sem Cristo*, porque depois do batismo eles não dispõem mais de si mesmos, mas tornam-se todos propriedade de Cristo. O seu casamento, pois, só terá valor se Jesus Cristo também der o seu consentimento, isto é, se eles se casarem ante o altar de Jesus Cristo.

Eis por que é necessário casar-se diante da Igreja.

b) Há ainda outra razão. E’ porque o casamento deve dar origem a uma nova vida. Pais e mães de família, quando exerceis êste poder extraordinário, quando dais a vida a um novo ser humano, sois apenas instrumentos entre as mãos de um Poder superior. Como podeis vos empenhar sem Deus, num caminho em que sua fôrça criadora acompanhará vossa atividade?

Eis por que há necessidade de contrair matrimônio diante da Igreja.

c) Mais outra razão ainda: o casamento civil não é realmente senão a forma exterior da união conjugal; o casamento religioso, ao contrário, não é apenas uma cerimônia exterior, mas um sacramento. Um sacramento instituído por Nosso Senhor, a fim de que os esposos possam satisfazer as graves obrigações da vida conjugal e conservar sua perpétua fidelidade. Ante as circunstâncias que mudam, tantas vêzes, a existência humana, não basta apenas uma promessa humana, mesmo saída de uma nobre solução. Basta-lhe, porém, a fôrça da graça sacramental.

Chegamos, pois, ao segundo ponto de nossa instrução.

II) QUAL O PRESENTE DE CRISTO AOS ESPOSOS?

A) Os recém-casados costumam ser presenteados pelos pais e conhecidos. *Qual será o presente de casamento, que Nosso Senhor lhes oferece?* Creio não fazer uma comparação forçada, dizendo que o presente de Nosso Senhor “é o sacramento do matrimônio e as suas graças abundantes”.

a) Ah! se os jovens esposos, ante o altar, contemplassem com olhos *admirados o magnífico presente, que recebem das mãos de Deus, no dia de seu casamento!*

Desgraçadamente, muitos jovens nem sequer pensam nisto ao se prepararem para o casamento. Todos os seus pensamentos são para outros problemas, como o dos convidados, o da toilette, o da decoração do altar, ou quem cantará o solo durante a missa, ou, se o terno do noivo, o véu da noiva são elegantes... e assim por diante. Quão poucos, porém, os que compreendem ser êste luxo e esta pompa apenas o exterior, símbolos, o símbolo do grande tesouro que Nosso Senhor quer dar à sua alma, no sacramento do matrimônio.

b) E neste ponto não somos obrigados a pensar como os incrédulos. Hoje, mesmo os que possuem melhores sentimentos deixam-se influenciar pela idéia de que o casamento *é exclusivamente um contrato terrestre, uma coisa material*; e como se casaram atendendo apenas à beleza física ou os interesses materiais, é natural que desaparecendo estas qualidades efêmeras, também mutuamente êles se separem.

Êste estado de espírito também existe, entre os que se julgam religiosos, e que, de nenhum modo, se contentariam apenas com o casamento puramente civil.

“Oh! isto nunca! Por nada dêste mundo! Queremos nos casar na Igreja...”

“Por quê? Por que quereis o casamento religioso?” pergunto eu.

Por quê? Porque é cem vezes mais belo que o casamento civil, indiferente e frio. Como é comovente quando a jovem noiva entra na Igreja, envôlta em seu véu branco, ao som do órgão, altar resplandecente na policromia de suas flôres perfumadas, enquanto a Igreja está repleta de conhecidos e curiosos! Que instante solene! Poderia eu dispensar tudo isto? por nada dêste mundo!

Quantos assim falam! Ou pelo menos assim pensam. Deviam compreender que o casamento religioso é bem mais, é cem vezes mais do que esta impressão fugidia: é um juramento sagrado e solene de recíproca fidelidade e de amor até o sacrifício. E’ mais ainda, cem vezes mais: é a recepção de um sacramento, a origem de uma fonte divina, de uma fonte, donde brotam ondas de graças e fôrças, durante tôda a sua vida.

Pouco tempo têm êles para nisto pensar!

B) Rápida emurcheceu-se a coroa de flôres, secou-se o belo ramalhete de noiva, os convidados dispersaram-se, a recordação dêste brilhante casamento apagou-se, *o que, porém, não passa e sempre permanece é o sacramento que recebeste ao pé do altar.*

a) *O matrimônio é, de fato, um sacramento que permanece.* “O Sacramento do matrimônio, escreve S. Belarmino em linhas bastante expressivas, pode ser encarado sob dois pontos de vista. Tal qual êle é, e depois tal como vem a ser. Assemelha-se êle à Eucaristia, enquanto é sacramento, não apenas no instante em que é recebido, mas porque permanece. E, de fato, enquanto vivem os esposos, sua união será o sinal místico da graça de Cristo e da Igreja”.

S. Agostinho dá-lhe ainda uma responsabilidade maior, porque, segundo êle, o matrimônio é análogo ao sacramento da ordem, dando ao homem e à mulher uma força especial e sagrada, que não lhe pode ser arrebatada.

Eis por que podemos afirmar que, figuradamente, pelo matrimônio, o homem e a mulher tornam-se sacerdotes, dos quais Deus aguarda o cumprimento de imensas obrigações.

b) E' verdade que lhes dá um auxílio poderoso para realizar a sua tarefa. Sòmente é preciso que os esposos cooperem com a graça sacramental. No instante do casamento Deus infunde na alma dos esposos êste dom precioso; dêles depende utilizá-lo, guardá-lo, e fazê-lo frutificar.

Infelizmente muitos cristãos se esquecem de que, se o matrimônio é "um sacramento", produz também a graça.

Os sacramentos, com efeito, produzem na alma a graça santificante (como o batismo e a penitência), ou então aumentam-na (como os outros 5 sacramentos). Quando os esposos ante o altar pronunciam o seu juramento, administrando um ao outro o matrimônio, êles produzem em si o aumento da graça santificante que Nosso Senhor conferiu à veste nupcial. Podemos afirmar que, de certo modo, a veste nupcial de sua alma recebe no instante de seu casamento um novo brilho, e um novo ornamento de pérolas.

Mas além do aumento da graça santificante, *recebem êles ainda graças especiais*. Têm direito ao auxílio divino, para satisfazerem seus deveres conjugais.

C) Examinemos melhor êste auxílio divino e *vejamos quais "as graças sacramentais" que o matrimônio confere aos esposos*.

a) *É, em primeiro lugar, uma união sobrenatural das almas*, enobrecendo as mútuas relações de ambos os sexos, assegurando-lhes duradoura felicidade em seu casamento.

Só esta união íntima de almas poderá assegurar-lhes a harmonia, mesmo nos instantes em que a vida comum lhes manifeste ainda mais os comuns defeitos, momentos em que eles verão mais claramente quanto necessitam, um do outro, de paciência ou de indulgência, e no dia em que a beleza física, a robustez e a saúde começarem a se empalidecer, a se fanar para aos poucos desaparecer completamente.

Percebeis como ela é necessária, neste momento! Não falo agora aos meus ouvintes solteiros, mas aos que já se casaram. Pais e mães de família, quando entraís em casa, tristes e abatidos, porque os cuidados da vida presente pesam sobre vós, pedi, então, a graça sacramental: "Senhor, ajudai-nos agora!" Quando um de vós sente as tentações da infidelidade, ou percebe que se esfria o afeto e a união, recorrei à graça sacramental: "Senhor, ficai conosco!" Quando se torna necessário um grande império sobre si mesmo, uma vontade firme e um sentimento de heroísmo cristão, para se abster temporariamente do uso da vida conjugal, seja pela saúde, seja por razões econômicas, pedi a graça: "Senhor, queremos viver conforme vossos mandamentos; vinde em nosso auxílio!" Quando vossos filhos vos dão bastantes cuidados e sofrimentos, dissei então: "Senhor, ajudai-nos a educá-los!" E finalmente, quando a desgraça, ou a morte visitar vossa família, curvai a frente e rezai: "Senhor, consolai-nos agora!"

Eis os inúmeros e preciosos socorros que a graça sacramental nos prodigaliza.

b) Alguém, contudo, após anos de feliz matrimônio, poderá, talvez, dizer: "É interessante. *Nunca soube*

de semelhantes coisas, e nunca senti os dons de Deus em meu casamento”.

Não os sentistes!

Quando, porém, ao lado do fidelíssimo amor recíproco, surgiu entre vós uma desavença, que generosamente soubestes aplinar — foi Deus quem vos concedeu o dom daquela reconciliação.

Quando vosso espôso entrou em casa tão abatido, algumas vêzes, após o duro trabalho de um dia, e o reconfortastes com vossa delicadeza, — é ainda a graça divina que brilhou em vossa casa!

Quando surgiram dias árduos, e vossa dispensa está vazia, enquanto vossos filhos choravam de fome, e vós vos entregastes ao trabalho, intrèpidamente, — era a graça divina que vos encorajava.

Quando fôstes assaltados pela tentação de infidelidade, e com alma forte soubestes afastar a voz sedutora — foi a graça que vos deu aquela fôrça.

E, finalmente, quando dezenas e dezenas de anos passaram sôbre vossas cabeças, e vossos cabelos se embranqueceram, e vossas frentes se enrugaram, e sempre com o amor de outrora, e com um amor hoje ainda mais profundo, e íntimo, unistes-vos um ao outro, como se o tempo nada pudesse sôbre vós — deveis ainda tudo isto à graça divina.

Não haveria, dissei-me, sôbre a terra muito mais famílias felizes, pacíficas e abençoadas, se os esposos pensassem em tôdas estas coisas, ao se apresentarem ao pé do altar para receberem a graça de Deus?

* * *

Talvez tudo isto vos pareça cheio de idealismo, de otimismo e presunção.

Quando hoje, tôda a sociedade, por assim dizer, pensa diferentemente, quando a avalanche da vida mo-

derna arrastou consigo a indissolubilidade do matrimônio, quando hoje, mesmo na melhor sociedade, se anuncia sem admiração o terceiro divórcio dêste, ou o quarto casamento daquele, será razoável e prudente, ou, ao contrário, será uma empreza desesperada, trabalhar pa.a a reconstrução de lar demolido?

Realmente, quando uma imensa avalanche se despenha, acarreta terríveis prejuízos, e ante esta desgraça pasma-se admirado. Isto, porém, não dura senão um curto momento. Momentos depois pás e enxadas da equipe de salvamento esforçam-se para salvar aquilo que pode ser salvo.

A concepção frívola da vida, como imensa avalanche, abateu sôbre o santuário, outrora tão forte, da família, e transformou-o. A Santa Igreja também ficou horrorizada ante esta tragédia. Não cruzou, contudo, os braços inertes, mas movimentou sua equipe de salvação.

Eis por que a Igreja clama atualmente, com uma força sempre maior, a tôda humanidade:

Homens, despertai-vos!

O casamento não é uma coisa puramente profana. Não, mil vezes não! *O matrimônio é um sacramento*. Assim como falamos do sacramento da penitência e da eucaristia, assim também deveríamos falar do matrimônio. E' pena que a expressão "santo matrimônio" não seja de uso quotidiano. Talvez cada um compreenderia mais claramente que suas raízes, sua origem e sua força vivificadora ultrapassam a ordem natural.

A Igreja clama incessantemente ao mundo, e clamará enquanto a humanidade não a ouvir de novo: o casamento é também um dos sete rios que derramam sôbre nós a graça da redenção. O casamento é igualmente uma das sete fontes sagradas, donde jorram as

águas da vida sobrenatural. O casamento é um dos sete cálices quase a transbordar o sangue de Cristo. O casamento é uma das sete mesas, em que Cristo serve a graça que fortifica a vida da alma. O casamento é um dos sete bronzes cujo som reconfortante e argentino guiará os viajores no caminho da vida eterna...

Agradeçamos à Igreja a fôrça com que proclama, e a coragem inabalável com que defende, em nossa época de ruínas morais, o rochedo, base da sociedade humana: o sacramento do matrimônio. Amém.

CONFERÊNCIA IV.

PREPARAÇÃO PARA O MATRIMÔNIO

Um provérbio afirma: “Filhos pequenos — pequenos cuidados, filhos grandes — grandes cuidados”. Pena que não haja uma continuação: os cuidados são, com efeito, maiores, quando, já maiores, se tornam êles moços ou môças, e querem voar para fora do ninho doméstico, e construir um novo lar. Ê, na realidade, o instante em que o coração dos bons pais são dominados por uma grande ansiedade: será para a felicidade o casamento que seu filho ou sua filha quer contrair perante o altar?

Não há pais que deixem de pensar, com o coração oprimido e angustiado, no futuro casamento de seus filhos. Há, porém, muitos, infelizmente, que se atêm a êste sentimento confuso e angustiante, abandonando tudo ao acaso, em lugar de, por meio de uma educação sábia e providente, assegurarem a felicidade futura dêsse casamento.

Os filhos devem ser preparados para o casamento, e quantos pais negligenciam esta educação. Ensinam-lhes a polidez e as boas maneiras, ensinam-lhes a se apresentarem com desembaraço e elegância, ensinam-lhes os esportes, a dança, a música, as línguas, mas só não cuidam de lhes ensinar uma coisa, e de grande importância: a realizarem um casamento feliz. *Para a*

felicidade no matrimônio, há necessidade de uma preparação: I) remota e II) próxima, e se nesta instrução indicamos, em linhas gerais, estas obrigações, é para que os pais se esforcem, graças a elas, por assegurar a paz e a felicidade no casamento de seus filhos.

1) PREPARAÇÃO REMOTA PARA O MATRIMÔNIO

Entre os meios de preparação remota para o matrimônio, insistimos principalmente sobre três pontos, absolutamente necessários para a educação dos filhos, em relação à felicidade de seu futuro casamento. São: *o domínio de si mesmo, a simplicidade e a pureza.*

A) Preparam os seus filhos para um matrimônio feliz *os pais que os educam, seriamente, a se dominarem.* Creio não haver necessidade de grandes argumentos para prová-lo.

Que é a vida conjugal? Uma comunidade de vida; ora, a vida comum não é possível, sem domínio sobre si, indulgência, e capacidade para perdoar.

A vida comum exige certamente muita indulgência, e domínio sobre si mesmo. E muitos dramas conjugais se originam justamente deste fato: os esposos, na sua infância, não aprenderam a se dominar, a respeitar a vontade alheia. Muito maior é este perigo para o filho único, que não tendo nem irmãos, nem irmãs, adquire o hábito de, em tudo e sempre, só se interessar por si mesmo.

Aquêle, porém, que no casamento só se procura, buscando seus próprios interesses, suas próprias vantagens, e sua própria felicidade, não pode levar uma vida conjugal harmoniosa; pois sempre será tentado a ver, na sua união, apenas um objeto de prazer, um instrumento para garantir-lhe a própria satisfação. Ora, a base de uma vida conjugal harmoniosa é saber re-

conhecer o outro espôso como uma personalidade dotada de uma vontade própria, e tendo igualmente direitos, isto é, casar-se não para ser feliz, mas para tornar feliz, encontrando assim a felicidade própria.

B) Não é menos importante, porém, sobretudo em nossos dias, *educar também os filhos na simplicidade, na modéstia e na renúncia a tôda pretensão.*

a) Na realidade, reconhecemos com tristeza que, muitas vêzes, o obstáculo ao casamento é a falta de colocação, de meios materiais para a subsistência, e a insuficiência de rendimentos! Esta é a verdade. E' preciso, porém, acrescentar: não é só a exigüidade de rendimentos, que para muitos, hoje, impossibilita a fundação de uma família. Há um outro fator, *as numerosas exigências de alguns.* E agora, os meus ouvintes não me queiram mal se lhes digo francamente que, principalmente, certas mulheres é que são, hoje, muito exigentes.

De fato, hoje, o jovem, na idade de se casar, não tem, muitas vêzes, rendimentos necessários para sustentar uma espôsa, que apenas cuida de visitas, dancings, que precisa manicura, cabeleireiro, que está ao par das coisas de teatros, dos acontecimentos mundanos, nada conhecendo do govêrno da casa, nem da cozinha, e do cuidado dos filhos. Sim, quando os ordenados são modestos, modestas devem ser também as exigências.

Quando, ao contrário, um môço encontra uma jovem modesta, trabalhadora, discreta, que ao lado da instrução e da inteligência possui também o amor ao trabalho, e o espírito de economia, pode desposá-la corajosamente, ainda que seus rendimentos sejam módicos.

b) "Permiti-nos, porém, uma objeção, dirão talvez algumas môças. Se procedemos para com os môços

de um modo tão atrasado, tão antigo, com maneiras de outro século, então, *nunca nos casaremos*. Observai que eles querem é se divertir, e certamente não o farão com môças simples e modestas, e sim com as que se pintam, que sabem namorar, procurando só o prazer!

Eis como se desculpam muitas excelentes jovens. Se refletissem, porém, um pouco, veriam como não têm razão. De fato, os jovens gostam de se distrair, sim, com môças frívolas e “coquetes”, mas não as querem por espôsas. E como eles têm razão! Porque desposar uma jovem que não vê o sentido e o interesse da vida, senão em contínuas distrações, é evidentemente caminhar para uma catástrofe.

E as môças que não são nem frívolas, nem irrefletidas, nem pintadas, nem ricas, mas sim amáveis e modestas, serão consoladas pela comparação espirituosa daquele escritor italiano que encontra analogia entre os diferentes relógios e os diversos gêneros de môças.

As jovens mundanas e coquetes assemelham-se aos relógios de tôrres: todos olham, mas ninguém as toca.

As jovens bonitas, mas frívolas, assemelham-se aos carrilhões: distraem, a princípio, mas por fim aborrecem.

As jovens ricas são semelhantes aos relógios de ouro: apenas são vistas; informa-se de seu valor.

As jovens, que muito falam, são como despertadores: fatigam os ouvidos.

E as modestas?

Estas são como os relógios que regulam bem: pode-se contar com elas.

Concluamos que os filhos educados na modéstia e na simplicidade tornam-se, mesmo em modestas condições de vida, esposos felizes.

C) Ao lado do domínio de si e da simplicidade, e antes mesmo destes dotes, uma tarefa indispensável

aguarda ainda o educador: *Educar os filhos na moralidade e na pureza.*

Qualquer que seja a idéia filosófica de um homem, quer êle pertença ao cristianismo ou outra religião, quer seja crente ou incrédulo, êle não poderá negar que a castidade e a continência total, na juventude, constituem a melhor preparação para o matrimônio e seu dote mais precioso.

A vida pura e casta é de grande valor cultural: é a escola incomparável da vontade, dá o espírito de disciplina indispensável à vida conjugal; aos céticos, que abanam incrédulos a cabeça, prova que a sensualidade não absorve, de modo algum, a existência de um homem, ainda mesmo rico.

Tudo isto, nós já o sabíamos.

Em nossos dias, porém, uma nova idéia exige na juventude a castidade perfeita, até o casamento. E' o eugenismo. Isto é, aquela ciência que mostra cada vez mais claramente, pelas suas experiências, que um sangue puro e sadio é a maior bênção, e o maior tesouro que um jovem par pode apresentar, fundando uma nova família.

E como, neste ponto, os pais têm uma grave missão a cumprir com relação aos filhos, permiti-me mostrar agora minuciosamente êste seu duplo dever.

a) Eis o primeiro: *Pais, instruí vossos filhos!* Na idade do crescimento, os rapazes e as adolescentes, sentem em si fenômenos até então desconhecidos; quem os guiará nesta idade crítica? Quem os ajudará a se compreenderem, e a compreenderem estas misteriosas transformações físicas e morais, pelas quais deverão passar, conforme a vontade do Criador? Esta é a missão dos pais.

Quem, senão a mãe de família, dirá a seu filho ou a sua filha, ao crescerem, o que significa esta nova

e natural evolução fisiológica, que traz consigo uma condição nova, e que é preciso conhecer tranqüilamente e com uma santa emoção?

Quem, senão a mãe, dirá ao seu filho môço o que deve pensar das môças, e à sua filha môça o que deve pensar dos môços? Ela é quem deve cuidar desta planta, que brota na alma de seus filhos, e donde sairá o respeito ideal para com o outro sexo, as idéias cavalleirescas, o tacto, as atitudes respeitosas de uma pessoa delicada.

E quem, senão o pai, dirá aos filhos já crescidos que não há duas espécies de moral, uma antes do casamento e outra durante o casamento? Que o noivo e a noiva estão sujeitos às mesmas leis morais, e que por sua vez o marido está obrigado às mesmas leis que sua espôsa? Ah! se cada um compreendesse, se compenetrasse e observasse estas coisas, como os casamentos seriam mais felizes, mais harmoniosos e mais belos, e como os esposos e os filhos gozariam mais saúde! Sabeis quantas doenças terríveis desapareceriam da superfície da terra? Quantos dramas de mulheres em pranto, de mães decepcionadas, de espôsas enganadas também se dissipariam? A própria prescrição eugênica tornar-se-ia então supérflua!

Mas se alguns pais querem se subtrair a êste dever, sob o pretêxto de que é uma tarefa difícil e penosa, apresento-lhes, apenas, esta comparação: a alma infantil é como a erva que quer agarrar-se ao carvalho robusto a fim de subir pelo seu tronco. Se não encontra porém o carvalho sobe por uma coluna cheia de teias de aranhas ou um tronco apodrecido. Sobe, mas depois compartilha da mesma sorte.

Pais, que me ouvis, repito-vos, instruí vossos filhos!

b) *Ajudai vossos filhos*, eis a segunda obrigação dos pais.

Aqui a ciência não basta. Tudo depende da fôrça de vontade. Ajudai-os, pois, e obrigai-os a utilizarem-se de todos os meios naturais e sobrenaturais, que os auxiliarão a observar a continência e a pureza em sua juventude.

Os meios naturais são também necessários, como por exemplo a nobreza da vida sentimental, a resistência física, a fôrça de vontade. Fazendo mesmo tudo isto, não poderemos atingir a nossa meta sem o concurso dos meios sobrenaturais, sem a recepção dos sacramentos e uma vida profundamente cristã. Escutemos estas palavras de S. Agostinho: "O' meu Deus, que vosso amor me inflame! Vós me ordenais a castidade: dai-me fazer o que pedis, e pedi-me o que quereis" (Confissões, 10, 29).

Ante os sofismas do mundo atual, sedutor e mentiroso, ensinaí a vossos filhos a fé e a confiança. A fé e a confiança capazes de conservar uma castidade perfeita até o matrimônio, pois Deus, que a exige, conhece também a natureza humana, seus instintos e seus desejos, assim como conhece a fôrça da vontade do homem e da graça sobrenatural. Só obtém a verdadeira liberdade aquêlê que sabe vencer as exigências cegas de seus instintos. Grande é a fôrça adquirida pelo jovem na luta para conservar sua pureza quando lhe mostramos sua missão: goza e prova as alegrias da vitória, que alcançarás se souberes te libertar da escravidão dos desejos pecaminosos, para subires à liberdade da pureza.

Eis com que prudência e amor devem os pais preparar seus filhos, desde jovens, para a felicidade do matrimônio.

II) PREPARAÇÃO PRÓXIMA PARA O MATRIMÔNIO

A preparação próxima não mais depende dos pais, pertence aos jovens. E para isto, há uma instituição tôda particular: o tempo de noivado.

A religião católica cuida de um modo especial e com tacto particular do noivado. Não é um tempo de embriaguez, de fantasias e quimeras, e sim uma época de estudar a si mesmo, e o futuro companheiro de vida.

A) *O noivado é tempo de estudo sério de si mesmo.* Estudo que se deve realizar invocando-se o auxílio particular de Deus. Há com efeito, na vida humana, um momento mais importante, em que haja mais necessidade da direção divina, que o da escolha de um espôso? Não é esta a significação do provérbio russo: "Partes para a guerra? Reza uma vez. Vais andar pelo oceano? Reza duas vezes. Vais casar? Reza três vezes".

a) E' impossível que um jovem sério, no momento de casar-se, não faça um profundo exame de consciência, pois empreende uma grande tarefa.

Eu vou fundar um lar. Deverei ocupar-me de uma mulher e de filhos. Contentar-me com alegrias silenciosas e puras. Trabalhar desinteressadamente. Renunciar, muitas vezes, tantas coisas... Eis a primeira parte dêste exame de consciência.

A segunda parte oferece pensamentos consoladores e confortantes: serei o chefe responsável de um pequeno e feliz reino. Meu trabalho sustentará minha família. Meu amor edificará uma vida nova, e eu é que hei de assegurar a felicidade dêste novo ninho. Será isto difícil, será uma tarefa penosa, um sacrificio perpétuo, mas serei indenizado de tudo isto, ao cêntuplo, quando ouvir estas palavras: "Papai, Papai".

b) E' impossível que também uma jovem séria, *no instante de casar-se não faça, igualmente, um bom exame de consciência.*

Deve refletir: Serei uma boa espôsa, boa mãe de família, boa dona de casa? Há, em mim bastante fidelidade e amor, bastante espírito de renúncia e amor ao trabalho, bastante energia e indulgência, bastante profundidade e amor de Deus, para realizar esta tríplice e pesada tarefa de espôsa, mãe e dona de casa? Há, em mim, mais vida interior que vaidade? Amo eu mais o lar, que a vida mundana? E' isto difícil, penoso, será um perpétuo sacrifício, mas serei mil vezes indenizada de tôdas estas renúncias, de tôdas estas vigílias, de todos êstes trabalhos, quando ouvir estas palavras: "Mamãe, Mamãe!"

O noivado é, pois, um tempo de sério estudo de si mesmo.

B) *Mas é também o tempo de aprender a estudar seu futuro espôso.*

a) Os casamentos infelizes podem ter múltiplas causas, a mais freqüente é a *precipitação com que êles foram realizados*. Viram-se ontem. Amam-se hoje, e casam-se amanhã. Juram uma "eterna fidelidade", mas não sabem a quem. Não sabem qual o temperamento do outro, quais suas idéias, seus hábitos, seus defeitos e seus planos... Pode-se ir para frente na vida com tal leviandade? Tem-se o direito de se casar por um entusiasmo irrefletido sob a impressão embriagadora de uma noite passada no baile?

b) A Igreja precisamente destinou o noivado para os interessados refletirem sôbre êste passo definitivo e se conhecerem *reciprocamente não só nos dias de festas mas ainda nos dias de semana.*

Um poeta alemão compôs uma encantadora poesia intitulada "A prova do amor". Ensina êle, à jovem, só dar o seu coração ao môço que fôr capaz de apanhar um lírio, com tal delicadeza que não lhe caia uma gôta de orvalho. Que profundo símbolo êste belo pensamento! Que aviso! Jovens, não esqueçais de exigir um do outro uma grande e profunda delicadeza de alma.

Sim, eis o que é importante, e não o que poderão dizer de vosso noivado o astrólogo, a cartomante e a quiromante. Não se pode acreditar que haja pessoas, que consultem pássaros ou outros animais acêrca da felicidade de seu casamento.

O noivado, na intenção da Igreja, deve permitir aos jovens verificar se êles possuem as condições necessárias para um bom casamento:

Quais são estas condições? Falaremos delas próximamente; mesmo porque ainda temos que expor uma outra idéia a respeito do noivado.

C) Não é curioso que a Igreja, desejando vivamente para seus filhos um feliz casamento, *sente, contudo, temores a seu respeito, durante o noivado*, sente uma certa angústia, que alguns julgam exagerada? De um lado ela quer que o noivado seja um tempo de conhecimento mútuo, de outra parte, porém, proíbe-lhe com firmeza inexorável muitas coisas a que o coração apaixonado dos noivos não poderia renunciar senão com pesar.

a) *Muitos não compreendem isto*. Muitos se lamentam com amargura que "A Igreja não confie nêles, atribuindo-lhes maus pensamentos". De outro modo ela não exigiria que êles se encontrassem só na presença de seus pais ou conhecidos e não no abandono de uma entrevista particular. Por que não poderia eu fazer, com meu noivo, um passeio no fim da semana, ou via-

gem mais longa? Por que não poderíamos permanecer a sós, um com o outro? Como a nossa religião tem pouca confiança em mim, dizem amargamente muitas mães e moços.

Ora, não é de vós que a Igreja desconfia, nem de um tal moço ou de uma tal mãe, mas sim do homem, da natureza humana tão fraca e inclinada ao pecado. Se vós e vossa noiva fôsseis de madeira ou pedra, a Igreja não se insurgiria contra as excursões a sós, os passeios de lancha a sós, as voltas de motocicleta sòzinhos, os week-end a sós. Mas vós sois jovens, e não sois de madeira nem de pedra. Sois criaturas humanas. Acreditai na experiência milenária da Igreja. Ficai sabendo que por mais puro que seja o vosso amor, no íntimo de todo o coração humano, e do vosso também, tumultuam impulsos perigosos. E a Igreja, pelas suas leis, aparentemente muito rigorosas, quer sòmente impedir que as paixões cegas se desencadeiem dentro de vós.

b) *Mas, realmente, é muito pouco o que a nossa religião permite aos noivos.* Ela permite abraçarem-se respeitosamente ao se encontrarem ou ao se despedirem. E é tudo. Se eu não manifesto, porém, o meu amor ao meu noivo, de outro modo, êle se afastará, deixar-me-á...

Ao contrário, pela atitude recatada da mãe séria, adquirirá esta uma confiança e uma estima ainda maior de seu noivo. Atualmente eu não estou unida a êle, definitivamente, não lhe pertenço ainda, e eis por que eu o trato com uma delicada reserva. Êle pode, contudo, confiar em mim, pois, quando eu lhe pertencer, serei unicamente dêle e nunca de um outro. Mostrei-lhe que sei ser forte...

Cada jovem par noivo não deveria pensar assim?

* * *

Quando os jovens se casam, a Igreja e o Estado registram oficialmente êste acontecimento, e no fim indicam, em estatística, quantos casamentos foram celebrados, qual a idade dos nubentes, qual sua nacionalidade, a classe social a que pertenciam e assim por diante.

O que, porém, a estatística não diz é quais os casamentos felizes ou infelizes; as cifras esquecem as alegrias e os dramas que se desenrolam. Quem conheceria as lágrimas silenciosas de tantos jovens casais, derramadas no silêncio das noites de insônia? Quem poderia conhecer a terrível herança que filhos e pequeninos trazem consigo, no seu organismo arruinado, só porque êste ou aquêle, entre os esposos, ou talvez os dois não quiseram viver antes do casamento de acôrdo com o mandamento divino?

Ah! de vossos lábios caem fàcilmente queixas contra o rigor da Santa Igreja, porque ela não permite “viver a própria vida” e “divertir-se” fora do casamento; vós, a cujos ouvidos retumbam as sedutoras palavras de “casamentos de amigos” ou “casamento de experiência” ou “casamento de week-end”, olhai para a bela flor, que se abre aos raios do sol primaveril. Sôbre ela pou-sa uma borboleta... suga-lhe o mel... êste, porém, ràpidamente se acaba... a borboleta voa para uma outra flor, pois há milhares delas... Mas a pequena flor abandonada lá ficou, corola emurchecida, fanando-se na solidão e no abandono... Assim também, para a flor humana que, igualmente jovem e bela, quiser, porém, gozar de sua juventude contra a lei de Deus...

Moços e môças, olhai essa dolorosa imagem, antes, de abrires os vossos lábios numa queixa contra o sexto preceito da lei divina, ou antes que tenhais calcado aos pés, a proibição divina...

Não terminarei, porém, com esta nota triste, e sim com a bênção que o salmista lança sôbre a família do homem temente a Deus: “Felizes todos aqueles que amam o Senhor, e que andam em seus caminhos. Alimentar-te-ás com o trabalho de tuas mãos, e serás feliz, e coberto de bens. Tua espôsa será no meio da casa como a vinha fecunda; teus filhos serão ao redor de tua mesa, como novas plantas de oliveiras. Assim será abençoado o homem que teme o Senhor. Que o Senhor te bendiga de Sião... e possas ver os filhos de teus filhos” (Sl 127). Amém.

CONFERÊNCIA V.

QUALIDADES DE UM BOM CASAMENTO

Os antigos pagãos tinham uma lenda interessante sobre a criação do coração humano. Acreditavam que quando os deuses criaram o coração humano, dividiram-no em duas partes, e colocaram cada uma delas em dois corpos diferentes. Essas duas metades foram feitas uma para outra, e reclamam-se mutuamente, onde quer que elas vivam, qualquer que seja a sua sorte, seu país, seu povo. Enquanto não se acharem, procuram-se mutuamente. E a sua felicidade é perfeita, quando se encontram... Que delicada observação psicológica, e que experiência da vida em todo êsse simbolismo! A escolha do companheiro da vida é uma tarefa imensa e um santo mistério, proclama o pensamento antigo. E em verdade dois corações procuram-se reciprocamente, o coração do homem busca o da mulher, que a providência criou para êle. O noivado é o tempo em que se deve ver se há na outra metade as qualidades necessárias para um casamento feliz, e se há no môço e na môça as condições para um bom casamento.

Quais são, porém, as qualidades de um bom espôso? Eis a nossa questão de hoje. Não vou naturalmente enumerar tôdas. Não só não haveria tempo para isto, como há conselhos antigos e excelentes, bastante conhecidos.

Não falarei dessas máximas, que a experiência secular ensinou à humanidade, e que são úteis ainda hoje. Por exemplo, evitem-se o quanto possível casamento entre parentes. Entre os esposos deve existir uma diferença de idade suficiente; a jovem, diz-se geralmente, deve ter sete anos mais que a metade da idade de seu espôso; o homem deve ser mais instruído que sua espôsa, pois assim ela o olhará com certa admiração. Eis mais um bom conselho para jovens: ver se o mômço tem amor terno e ardente para com sua mãe, pois assim ela o poderá desposar tranqüilamente, porque igual afeto êle o demonstrará para com ela. E assim por diante. Há uma abundância dêstes velhos e bons conselhos, que são ainda hoje preciosos e dignos de serem observados.

Hoje, contudo, não falarei dêles.

Quero, hoje, dar também aos jovens, conselhos, mas três conselhos que êles em geral não têm o hábito de receber.

Quais são êles? Quais estas três condições indispensáveis aos bons esposos?

1) *Que o jovem seja sério e tenha sentimentos de sua responsabilidade.* 2) *Que a jovem seja modesta e discreta.* 3) *Que, enfim, um e outro sejam profundamente religiosos.*

1) QUE O JOVEM SEJA SÉRIO E CONSCIENTE DE SUA RESPONSABILIDADE

A) A um velho eclesiástico cujo ministério era de longos anos, perguntaram, um dia, qual, entre as funções de sacerdote, a que mais o impressionava. O casamento de dois jovens, ou o entêrro de uma mãe de família, responde o velho e digno pastor. Porque eu nunca vi tão claramente, em qualquer outro lugar, a *imensa*

responsabilidade que traz a vida conjugal para a sorte terrestre e eterna de gerações inteiras.

Quanta razão tinha, realmente, êste velho sacerdote! Quem não compreenderia as conseqüências incalculáveis que um bom ou mau casamento traria para o destino terrestre e eterno dos esposos e mais ainda para o futuro de sua geração?

Quem não sente a importância decisiva de assegurar um bom casamento?

“Assegurar um bom casamento”?, dir-se-á talvez. Mas o casamento é como sorteio. Toma-se ao acaso, sem saber o que se escolheu.

Alguns se esquivam com esta resposta espirituosa, mas a questão é muito importante para que se tenha o direito de assim se esquivar.

B) E' verdade, ninguém pode ler com inteira certeza o coração de outrem. Há, porém, sinais, e por êles tiramos conclusões. E um dêstes sinais, no môço, *é o amor ao trabalho, o sentimento de fidelidade ao dever e a honestidade.*

a) *Se estas qualidades existem no noivo, pode-se, então, olhar mais tranqüilamente o futuro casamento.*

Se elas faltam porém, a jovem nunca deve desposá-lo.

Não atendaís a linguagem irrefletida de muitas jovens: “Eu bem sei que meu noivo é leviano e superficial, mas nada posso fazer, eu o desposarei, porque sou louca por êle”. Esta “loucura” acabará muito depressa, e então que terrível desencanto!

Espero que não tenhais as idéias blasfemas daquela mãe de família a quem uma de suas amigas dizia: “O môço a quem queres entregar tua filha é muito frívolo e volúvel”, ao que ela responde: “Tens razão, bem sei que não é um partido muito desejável, mas isto basta como primeiro marido”.

b) Que ímpia maneira de ver as coisas! O casamento não é um ensaio. *E' uma responsabilidade imensa.* Dever-se-ia sublinhar muitas vêzes, e realçar esta idéia. Pois na atual humanidade espalham-se muito rapidamente idéias como estas: "O casamento é um negócio privado, não atinge ninguém. O casamento é uma compra a prazo. O casamento é um divertimento e assim por diante. Ele não tem esta responsabilidade, da qual o homem de hoje não quer ouvir falar". E no entanto esta imensa responsabilidade origina-se do matrimônio para ambos os esposos, como igualmente para o bem físico e moral das gerações futuras.

O jovem que não possui esta concepção austera do casamento, e o sentido de sua grande responsabilidade, alguns meses após sua realização, dirá a seus amigos, com um riso sarcástico e num tom amargo: "Prestai atenção, sêde prudentes, pois é bastante que eu me tenha deixado prender. Eu não esperava isto. Acreditava que o casamento fôsse coisa bem diferente..." e acompanha estas palavras com um gesto desabusado.

Cada vez que vemos êste gesto de desencanto e que ouvimos êste tom decepcionado, sabemos imediatamente que êste jovem estava desprovido de idéias sérias, e do sentimento de sua responsabilidade, a respeito do casamento.

II) QUE A JOVEM SEJA MODESTA E AME SEU LAR

A) Assim como é de uma importância capital que a noiva se convença de que seu futuro espôso está comprometido do sentimento de sua responsabilidade, assim também é importante que o noivo esteja convencido de que *sua futura espôsa, também ela, possui a simplicidade e o espírito interior necessário.*

a) No Antigo Testamento encontramos um modelo de noivos: *"Tobias e Sara"*. Não se pode ler sem emoção o que o jovem Tobias diz à sua noiva antes de seu casamento: Levanta-te, Sara, e oremos a Deus, hoje, amanhã e depois de amanhã... Porque nós somos filhos de santos e não nos podemos unir como os pagãos que não conhecem a Deus (Tob 8, 4-5).

Como é comovente a lição que Sara recebe de seu pai! Após a celebração do casamento, os jovens esposos despedem-se dos pais de Sara, para voltarem à casa do velho Tobias. "Que o santo anjo do Senhor, diz-lhes o pai de Sara, esteja em vosso caminho, e vos conduza até vosso lar sãos e salvos; que tudo seja próspero em casa de vossos pais e possam os meus olhos ver vossos filhos, antes que eu morra. Então os pais abraçaram sua filha, e deixaram-na ir, após ter-lhe recomendado respeitar seus sogros, amar seu marido, bem dirigir sua família, governar sua casa, e de se conservar ela própria sem mancha" (Tob 10, 11-13).

Poder-se-ia melhor resumir os deveres de uma boa espôsa como fez o pai da espôsa do jovem Tobias?

Noivos, vêde se possuíis êste estado de espírito, esta modéstia, êste gôsto pelo vosso lar.

b) "Mas Tobias e Sara, poderia dizer alguém, viveram em outra época, há milhares de anos; *as môças de hoje não poderiam se moldar por êles...*" Daria a esta jovem uma preparação para seu exame de consciência, tirada de um outro livro, que não foi escrito há milhares de anos, e sim, há pouco tempo. E foi escrito por uma mulher. Uma escritora de visão profunda *que dá os conselhos seguintes para um exame de consciência*: Se passais mais tempo diante das vitrines das lojas, que no trabalho, ou na leitura, ou sob a influência pura de Deus, se após uma semana lembrais ainda exatamente que Lisete tinha um manto côr de malva

com botões vermelhos, enquanto Clara tinha um vestido de crepe azul, então, é sinal que isto vai mal. E se à noite, não podeis dormir porque não sabeis se vossa capa nova será verde garrafa ou vermelha, se repreendeis vossa mãe, porque não tendes um vestido novo para o chá, e se chorais porque vosso chapéu não tem enfeite, então, é tempo muito oportuno para que, em vosso próprio interesse, comeceis uma cura; pois quereis cair ainda mais?

Por isso, jovens, para quem Tobias e Sara são velhos, tomai ao menos êstes conselhos que são inteiramente atuais e novos.

B) De outra coisa ainda deveis cuidar. E' incrível a leviandade com que, algumas vêzes, se trata uma questão vital.

a) As jovens com a mesma leviandade que os moços.

Pergunta-se a uma dessas jovens:

— Por que quereis desposar êste jovem?

— Não sabeis que êle possui um belo carro de seis cilindros?

— Mas então é um auto que quereis desposar, ou um homem?

Pergunta-se a um dêsses moços:

— Por que quereis casar com aquela môça?

— Porque ela é muitíssimo rica.

— Então é um punhado de ouro que quereis desposar?

Aquêles que se casam, em semelhante estado de espírito, podem se admirar se algumas semanas depois sua vida conjugal se transformou num inferno? Não, porque êles realizam em si aquelas palavras da Sagrada Escritura: "Êstes são os que entram no casamento banindo Deus de seu coração e de seu pensamento, e

que se entregam à sua paixão, como o cavalo e o jumento que não têm razão” (Tob 6, 17).

Talvez estas expressões pareçam exageradas, mas são muito bem reais ainda hoje!

Não se acreditaria — se não se ouvisse com os próprios ouvidos — que isto fôsse possível: a jovem desposa o môço porque é um “rapaz elegante”; o jovem, de seu lado, casa-se com a môça, porque ela “dança muito bem”. Que cinismo inaudito, que levianidade insensata, ante o passo mais santo da vida! Ante uma determinação que pesará por tôda a existência.

b) Como é diferente o pensamento da Sagrada Escritura a êste respeito! Certamente agiria muito bem o jovem, se, antes de se casar, procurasse saber se sua noiva corresponde às magníficas exigências que o apóstolo S. Pedro formulava quanto às mulheres. Sabia muito bem que não é a beleza externa que decide seu valor, e eis por que escreve: “Que vosso ornamento não seja o exterior: os cabelos penteados com arte, os ornamentos de ouro ou a elegância das vestes; mas ornaí vosso interior com a pureza incorruptível de um espírito doce e pacífico: tal é a verdadeira riqueza diante de Deus” (1 Ped 3, 3-4).

III) QUE AMBOS SEJAM PROFUNDAMENTE RELIGIOSOS!

Chegamos agora à terceira condição de um bom casamento. Pròpriamente falando deveria êle ocupar o primeiro plano, porque encerra em si, mais ou menos, as duas primeiras condições. Que o môço tenha consciência de sua responsabilidade, e que a jovem ame a vida de família; mas que ambos sejam sincera e profundamente religiosos.

A) *“É, pois, tão importante que o marido ou a mulher tenha religião? perguntam alguns. Importa que*

ela seja bela, de boa saúde, que seja digna e tenha bons rendimentos. Hoje as pessoas são bastante polidas para respeitar as convicções religiosas dos outros, quando delas não partilham. Não vejo, pois, em que eu perderia, se meu futuro espôso ou minha futura espôsa não tivesse religião...

Como falam tão levianamente antes de seu casamento! E quantos constataam depois, no dia de amanhã, o que perderam desposando alguém que não tenha religião!

a) Não nego. Com habilidade e um grande domínio de si, pode-se, apesar da divergência de opinião, conservar a aparência exterior de um matrimônio pacífico e hamonioso, enganando completamente os estranhos. Mas na realidade, apesar de tôda a boa vontade, e de tôda aparência exterior, *faltará alguma coisa de essencial*. Mãos hábeis poderão, igualmente, fazer rosas artificiais, que muito se assemelham às naturais. Falta-lhe, porém, alguma coisa: o doce perfume das rosas vivas.

Quereis saber por que o vosso companheiro de vida deve ter religião? Porque no casamento é que é preciso os dois sêres formarem um só. E de tal modo, que não se encontre no mundo igual exemplo de união. Mas como o homem não pode ser perfeitamente um, senão com Dèus, vós também não podeis adquirir esta união perfeita desejável com vosso companheiro, se não vos encontrardes em Deus, e em Deus vos unirdes.

b) Se vosso espôso fôr realmente um homem culto, talvez respeite vossas convicções religiosas. E' bastante, porém, para vós esta atitude simplesmente negativa? *Pois é a religião que deveria ser esta fôrça positiva*, êste traço de união mais forte que qualquer outro, que vos ajudará nas mil horas tristes e amargas da vida comum. E no entanto é justamente ela que vos vai faltar.

Sim, a delicadeza e o amor podem aplainar muitos obstáculos; é possível também que não noteis a grande divergência de vossas opiniões, e que gozeis, ambos, de numerosos raios de felicidade. Isto, porém, enquanto não houver nuvens em vossa vida! Quando vierem os dias de prova, — e qual o homem que não os encontra? — então vereis claramente que nem tudo pode ser aplainado, e não podeis mais encarar, unidos, a dor; não podeis mais, unidos, vos levantar, *porque não podeis, unidos, rezar.*

E que acontecerá quando vosso marido que é culto, rico, belo, mas irreligioso, exigir de vós, na vida conjugal, coisas ante as quais vossa alma piedosa tremerá de horror e que êle não exigiria, se tivesse religião? Que acontecerá, então? Em que terrível alternativa ficareis? Ou lhe obedecereis, e vossa vida espiritual, então, se desmoronará, ou lhe resistireis, e êle indignado e descontente voltar-se-á para uma outra. E de que vos valerá, dissei-me, um marido culto, elegante, com uma bela colocação?

B) Após isto, não será difícil responder a êste dilema: *Casar-me-ei com alguém que tenha religião, ou com alguém que não tenha religião?* E quantas vezes os jovens não se encontram diante desta pergunta.

a) Vejamos primeiro o caso em que a *jovem é religiosa, enquanto não o é o jovem.*

Se o homem é abertamente contra a religião, atacando-a ou insultando-a, então — creio que todos o compreenderão — a resposta não pode ser senão negativa, porque a vida da pobre mulher seria um martírio incessante.

Ninguém alimente ilusões, dizendo como muitas: “Meu marido, é verdade, não tem religião, e é hostil a tôda a idéia religiosa, mas eu o converterei”.

Isto, porém, não será fácil, e talvez nunca aconteça. O casamento não é uma casa de reeducação, onde pessoas essencialmente mal formadas possam se tornar santos.

Talvez houvesse alguma esperança, se o marido fôsse apenas um indiferente. Mesmo neste caso, quantas renúncias, quantos sacrifícios e quantos esforços serão precisos, durante dezenas de anos, para chegar a algum resultado! E se no entanto isto não acontecer? A desunião e a separação permanecerão perpétuamente: a mulher, com a sua religião, quer educar seus filhos religiosamente, mas o marido não pode ver isto silenciosamente, e podendo zomba de sua mulher, de sua "beatice", esforçando-se por arrancar da alma de seus filhos os princípios cristãos implantados pela mãe.

Naturalmente não poderei dizer outra coisa: a môça religiosa nunca deve desposar um môço irreligioso.

b) Desgraçadamente, porém, o que mais frequentemente se pergunta em nossos dias é o inverso da questão: *Um jovem religioso pode casar-se com uma jovem irreligiosa?* Uma jovem sem religião? Não será uma idéia absurda? Existe êste fenômeno?

Sim, a existência atual produz estas jovens! De outro lado, porém, graças a Deus, tornam-se cada vez mais numerosos os rapazes cultos, instruídos, delicados que levam uma vida séria e profundamente religiosa. Semelhantes môços poderão desposar môças sem religião?

Com que inquietação dizem, às vêzes, os pais: que o nosso filho jamais contraia casamento desigual! Têm êles o direito de temer, se entre ambos existe uma grande diferença de fortuna, de posição social e de educação. Sabeis, porém, qual a diferença mais perigosa? E' a espiritual. Entre os dois, abre-se então um abismo horroroso e intransponível.

Disse-vos há pouco que a jovem religiosa não deve desposar um jovem incrédulo; com mais energia ainda devo dizer: *Por nada dêste mundo um jovem religioso deve casar-se com uma jovem irreligiosa.*

Porque quando o jovem perde a sua fé, torna-se êle quando muito grosseiro e mesquinho, mas quando a môça descrê, torna-se ela verdadeiramente endemoninhada. Sabei que eu ouvi esta afirmação, com os meus próprios ouvidos, do ilustre ginecologista húngaro, o professor Jean Barsony, que após uma existência longa, cheia de experiência, dizia: "E' bem triste para um homem não ter fé; quando, porém, é uma mulher que não a possui, torna-se ela um demônio!" E esta é a razão por que um homem incrédulo é mais fácil de se converter do que uma mulher que não tem fé.

c) Mas se assim é e se as idéias religiosas dos jovens são indispensáveis, para a harmonia de seu futuro lar, *todos os pais não deveriam compreender a santa obrigação de, religiosamente, educar seus filhos?* Com efeito, direi mais simplesmente, êles deveriam ver quanto as convicções religiosas de seus filhos terão, no futuro, a sua recompensa, e quanto elas serão o fundamento mais seguro de um feliz casamento.

a) Infelizmente há pais que não têm nenhuma idéia disto. *Há pais que receiam que seus filhos tenham muita religião.* Há pais que não se preocupam com os lugares frequentados pelos filhos, contanto que não seja a Igreja. O cinema? Não faz mal. A rua? Não tem importância. Os amigos suspeitos? Está muito bem. Há pais que não cuidam de saber o que seus filhos têm em suas mãos. Romances imorais? Pouco importa. Revistas levianas? Não tem importância. Mas se vêem um livro de piedade ou um têrço, se o pobre filho quer se confessar ou comungar muitas vêzes, ouvirão com

certeza: "Sim, devemos ter religião, naturalmente. Não somos pagãos. Mas tu fazes muito..."

b) Desejava que os pais negligentes na educação religiosa de seus filhos lessem uma obra comovente de um dos mais célebres escritores: F. Herczegh.

A mina acaba de desmoronar, e após a horrível catástrofe, no meio daquele terror, ante a água que sobe cada vez mais, na galeria, dois homens conversam, encerrados naquele túmulo subterrâneo. Um engenheiro e um operário.

Tendes o hábito de rezar? pergunta o operário ao engenheiro.

Não. Só se aprende a rezar nos joelhos da mãe. E se não se aprendeu junto dela nunca mais se aprenderá.

Que terrível advertência, que espantosa responsabilidade! Compreendeis o pêso imenso desta frase? Há plantas que, na primavera, não puderam florir, por uma causa qualquer e elas não darão mais frutos. O mesmo se dá com a alma humana se na primavera da vida nela não desabrochou a oração, não se desenvolveu uma vida profunda e sèriamente religiosa.

Pais, quereis formar vossos filhos para um feliz matrimônio? Dai-lhes, desde sua juventude, uma educação profundamente religiosa.

Uma jovem estava prestes a se casar. E quando ela refletiu sèriamente sôbre a grande responsabilidade e o grande dever que a esperavam, no casamento, perguntou angustiadamente: "Será que um verdadeiro católico pode contrair um casamento feliz?"

A resposta não pode ser senão esta: "Um católico não o pode, mas dois podem perfeitamente. Podem-no dois sêres realmente religiosos, que com fidelidade, paciência, generosidade e amor, trabalham em união

com a graça sacramental, cuja fonte se abriu no altar de seu casamento”.

A conclusão feliz de um casamento depende finalmente da ação misteriosa da santa vontade divina. “Aquêles que Deus não uniu separam-se”, diz um autor alemão.

Só Deus conhece bem o coração humano. Casar-se sem Deus é, pois, cegueira, loucura, um drama inevitável. E certamente após muitas existências infelizes e desgraçadas, poderão os esposos dizer: Erramos, pois não tomamos Deus como terceira pessoa em nosso casamento.

De fato, os que desejam se unir para sempre devem antes examinar se êles se convêm um ao outro, como duas metades de um coração dividido em dois.

Tem o homem o sentimento de suas imensas responsabilidades? A mulher ama o seu lar? E, principalmente, anima-os um fervoroso amor de Deus?

Milhares e milhares de corações palpitam neste velho globo terrestre. Corações ardorosos e frementes de moços e môças. Para cada coração de jovem, Deus criou o coração de uma jovem, e tanto a felicidade de cada um, como o interêsse geral, a boa ordem social, a paz da vida humana, a sorte temporal e eterna, dependem do encontro da cada coração com o outro que Deus lhe criou.

Poder-se-ia terminar, recitando para cada um dos que me ouvem hoje, nos quatro cantos do mundo, a “Ave-Maria” para os nossos jovens que ainda não se casaram, *a fim de que seus corações se encontrem, se unam, sirvam juntos a Deus, nesta terra e depois desta vida cantem, eternamente, os louvores a Deus.* Amém.

CONFERÊNCIA VI.

IMPEDIMENTOS MATRIMONIAIS

Sabe muito bem a Santa Igreja que os homens quando contraem, pelo sacramento do matrimônio, uma união para tôda a vida, dão um passo de um alcance decisivo, não sòmente para sua felicidade neste mundo, como também para seu destino eterno. Sendo felizes no seu casamento, poderão, no âmbito de uma vida terrestre harmoniosa, cuidar pacificamente dos interesses de sua vida eterna; ao contrário porém, as ruínas de sua vida familiar desgraçada sufocarão nêles o desejo da vida eterna.

A Igreja, com um amor solícito, segue os passos de seus filhos, que se dispõem ao casamento, e eis por que colocou ela, em seu caminho, as advertências, os "impedimentos matrimoniais". Que são impedimentos matrimoniais? São avisos que assinalam os obstáculos contra os quais, segundo a experiência secular da Igreja, pode fàcilmente lançar-se a nau do casamento.

Poder-se-ia crer, fàcilmente, que os impedimentos matrimoniais são, pròpriamente falando, coisas supérfluas. Quanto mais, porém, se adquire a experiência da vida, quanto mais se observam os dramas conjugais, mais se reconhece a sabedoria, a necessidade das prescrições da Igreja. Não é em vão que, apoiando-se em sua experiência milenária, a Igreja estabeleceu impedi-

mentos. Embora aparentemente sem importância, ocultam êles uma profunda sabedoria e um grande amor pelas almas. Cada impedimento preserva da desgraça uma parcela da felicidade doméstica. E eis por que, cedo ou tarde, sob uma forma ou outra, encontra sua punição aquêles que passa levianamente por sôbre êles, visto que são a cristalização da experiência milenar da Igreja.

I) *Há impedimentos que todos olham como inteiramente naturais.* Dêstes não falarei senão rapidamente, na primeira parte. Há outros, porém, que muita gente critica, em nossos dias, sem compreendê-los, como por exemplo:

II) o impedimento de se casar com divorciados e

III) o impedimento de *casamento misto*.

I) IMPEDIMENTOS MATRIMONIAIS EM GERAL

A) A Igreja, baseando-se em suas observações de muitos séculos, descobriu numerosos perigos, que podem ameaçar a felicidade do casamento, e reuniu-os sob o título de “impedimentos matrimoniais” nos artigos de seu Código de Direito Canônico. Há os que tornam nulo o casamento, e chamam-se “impedimentos dirimentes”. E há os que proíbem o matrimônio, mas não o tornam inválido, se o contraem, apesar disto. São os “impedimentos proibentes”.

Assim, por exemplo, há um impedimento dirimente, quando os noivos são parentes entre si, e não obtiveram a dispensa, ou quando alguém não quer casar-se, e no entanto apresenta-se ao altar, levado por uma grave ameaça ou um constrangimento.

B) Chamo particularmente a atenção de meus ouvintes, para êste último ponto, e peço-lhes: Pais, deixai vossos filhos casar, mas não os queirais casar.

Quando um homem e uma mulher se unem um ao outro, para sempre, é o acontecimento mais importante de sua vida. E' uma grande tarefa, uma responsabilidade imensa, encontrar o companheiro de existência, que Deus vos escolheu. E' preciso que esta escolha seja inteiramente livre, completamente à vontade, de ambas as partes, sem que ninguém se imiscua nesta decisão. Os pais, sem dúvida, devem dirigi-los com seus afetuosos conselhos, mas a última palavra, nesta questão, pertence unicamente aos jovens interessados.

E é realmente com um santo orgulho que consideramos o mérito do cristianismo, insistindo muitíssimo na livre escolha dos esposos. Conhecemos as tristes aberrações de outrora. Pais vendendo realmente a jovem filha ao que mais oferecia, e casando entre si, por interesses materiais, jovens que se odiavam.

O cristianismo sempre protestou contra isso, e protesta ainda hoje. Protesta de tal modo, que só reconhece como válida a união resultante do livre consentimento de ambas as partes.

E' a consequência lógica da própria doutrina da Igreja, segundo a qual não é o padre que administra o sacramento do matrimônio, êle é apenas a testemunha oficial. São os esposos que o conferem reciprocamente, no momento em que, ante o altar, pronunciam o "Sim: "Sim, quero tomá-lo como espôso ou por espôsa".

Se um dêses "sim" não foi pronunciado livremente, e, de bom grado, por uma das partes, mas sob o efeito de um temor grave ou de um constrangimento, não houve casamento. E mesmo que vivam dezenas e dezenas de anos, não haverá casamento, a não ser que o interessado tenha consentido mais tarde.

Eis os impedimentos que se podem facilmente compreender, e dos quais não é preciso falar mais longamente.

Há outros impedimentos que os indiferentes não querem conhecer. Tal é o impedimento de os divorciados contraírem novo casamento.

II) CASAMENTO DE DIVORCIADOS

No tempo do profeta Malaquias, o povo judeu foi duramente provado. Gemia e suplicava ao Senhor, mas Ele não o escutava. O profeta repreendeu-o, dizendo-lhe a razão destas provações: “Vós cobris de lágrimas, diz o Eterno, o altar do Senhor, vós o cobris de gemidos e prantos, porque o Senhor não olha mais para as vossas oferendas, e nada mais recebe agradavelmente de vossas mãos. E perguntais por quê? Porque o Senhor foi testemunha entre vós e a mulher de vossa juventude a quem fôstes infiel, ela que era a vossa companheira, a vossa legítima mulher” (Mal 11, 13-34).

O Senhor castigava, pois, o seu povo, porque entre os judeus encontrava-se quem, deixando suas legítimas espôsas, se casava com as pagãs. Não deveria punir, também, a humanidade atual, onde não alguns, mas centenas e centenas abandonam suas espôsas legítimas e querem contrair com outras novo casamento?

A) *Quantos casos difíceis não se encontram no mundo atual, tão moralmente desordenado!*

a) Um casal apresenta-se ao pároco. Querem se casar. O pároco olha-os tristemente, e diz: “Não podeis casar, pois o primeiro marido desta senhora vive ainda”.

— Mas somos divorciados ante a lei civil.

— Isto nada resolve. O casamento é válido. Não podeis casar.

— Não podemos casar novamente? respondem ambos indignados. Mas eu vos peço, sou um alto fun-

cionário, preciso ser casado. Temos religião, e queremos casar na Igreja. E se a religião católica não nos casa, então iremos a outra Igreja — assim se expressam êles, coléricos, e vão se casar em uma outra religião.

E ei-los bem tranqüilos.

Tranqüilos? Não se enganam a si mesmos? Renegaram a sua fé, mas exteriormente se mostram cristãos porque a sociedade assim o exige. Deram um passo que os exclui da Igreja, não podem mais se confessar, nem comungar, mas êles têm “religião”, porque “êles se casaram na Igreja...” de uma outra religião.

b) Outro caso. Dois jovens se apresentam para casar. A futura espôsa toma a palavra: “Senhor pároco, eu sou católica, meu noivo não o é, mas está pronto a assinar o juramento de educar os filhos na religião católica, não há, pois, nenhum impedimento. Contudo... não sei, creio que há uma pequenina dificuldade. Meu noivo já foi casado. Mas sua mulher era da mesma religião que a dêle, e sua religião concedeu-lhe o divórcio... Isto não faz mal, não é?” pergunta tímidamente a jovem.

E agora ela ouve assombrada que há uma dificuldade, e que ela não pode casar-se.

“Não posso? Por quê?” pergunta a môça em tom obstinado.

“Porque a religião católica tem como santo e indissolúvel mesmo o casamento de outras religiões. E vê, pois, ainda hoje, como válido êste primeiro casamento”. Dizei-me, não é esta uma conclusão que se impõe realmente? Se dois acatólicos, mas pertencentes a uma religião cristã, se casam, consideramos êste casamento como válido. Mais ainda que a sua própria religião. E se a sua religião o dissolveu, nós não o consideramos dissolvido.

Mais ainda: Se um judeu e um não católico se casam, seu casamento é também válido. E se sua religião lhe concede o divórcio, eles não podem desposar um católico, porque consideramos válido seu primeiro casamento. Mais que eles mesmos.

B) *Eis como é intangível para a Igreja o laço conjugal.*

a) Mas não compreendo, poderá dizer alguém. Ouço sempre dizer: Casai-vos na Igreja Católica. Porque só é válido o casamento realizado perante ela. E presentemente não se casa esta jovem, porque o noivo se casou à primeira vez em uma Igreja não católica.

A coisa no entanto é muito clara. A Igreja católica naturalmente *só pode mandar em seus próprios fiéis*. A êstes aplica-se a lei: vosso casamento só é válido, se vos casardes em uma Igreja Católica. Mas, pelo contrário, ela julga e reconhece o casamento dos outros homens, junto a sua religião. Se portanto dois não católicos se casam segundo a sua própria religião, a Igreja considera êste matrimônio como válido. Diante de nós, é santo, válido, e indissolúvel o matrimônio contraído por dois judeus, dois budistas ou dois japoneses. E se um dêles quiser, estando ainda vivo o outro, contrair um novo casamento com um católico, a Igreja não o permitiria, porque seu primeiro casamento é considerado válido, ainda mesmo que fôsse dissolvido pela própria religião.

b) Creio que alguns poderão se surpreender do que vou dizer. A Igreja católica não só respeita o matrimônio realizado em outras religiões mas respeita mais ainda que elas mesmas, e olha-o ainda como válido, mesmo que talvez esta outra religião o tenha dissolvido. Mas é desta austera concepção, que a Igreja

Católica tem o matrimônio, que naturalmente resulta sua grande estima pelo casamento em outras religiões.

Mas se esta atitude resoluta da Igreja, quanto aos divorciados é compreendida por almas de boa vontade, há ainda uma lei eclesiástica que perturba mesmo a êstes, uma lei que êles não compreendem ou mesmo talvez critiquem levianamente. E' a atitude da Igreja a respeito dos casamentos mistos.

III) IMPEDIMENTOS DE MISTA RELIGIAO

A) Sei que toco num ponto difficil e delicado, querendo expor as idéias da Igreja Católica sôbre os casamentos mistos.

a) Sei quanto esta questão é delicada e agradar-me-ia muito mais não ser obrigado a estudá-la. *Mas seria sábio e oportuno êste silêncio?*

Os casamentos mistos desgraçadamente existem. Digo desgraçadamente, porque são a consequência da deplorável divisão religiosa. Quantos atritos daí resultam, quantas energias dissipadas, coisas das quais não é necessário mais falar. Os casamentos mistos, pois, existem, quer dêles se fale quer não. Ninguém nos levará a mal, se expomos claramente o ensinamento da Igreja Católica, nesta questão.

b) Antes, porém, de dizer por que a Igreja Católica se opõe aos casamentos mistos, quero fazer uma advertência preliminar. Desejaria afirmar, com tôdas as minhas fôrças, que naturalmente não quero melindrar a quem quer que seja, e nem tenho intenção de irritar aquêles que talvez neste momento me ouvem e que, com a autorização da Igreja, *contrairam válidamente um casamento misto.*

A Igreja segue, com uma solicitude ansiosa, desde o berço, o desenvolvimento espiritual de todos os fiéis;

e se, por princípio, ela condena os matrimônios mistos, é por causa dos perigos que aí se ocultam, e dos quais falo agora; em certos casos, ela os permite generosamente, ainda que contrariada, contanto que se realizem sem renegar seus princípios. Eis por que, se êstes casamentos são contrários aos seus princípios, ela os permite, quando seus inconvenientes, o quanto possível, são afastados.

Quando, porém, a Igreja concedeu a alguém a dispensa para que contraia um casamento misto, nenhum sacerdote tem o direito de censurá-lo por viver em um tal estado. Creio ser indispensável apresentar estas reflexões preliminares. Espero que êstes, que assim estão casados, não se sentirão feridos pelas idéias que se seguirão, mas as tomarão em conta, a fim de evitar os perigos de semelhantes matrimônios.

B) Vejamos, pois, a doutrina da Igreja quanto aos casamentos mistos. E' uma coisa bem conhecida que ela lhes é aberta e categoricamente contrária e que o seu desejo é que o jovem católico se case com môça católica e vice-versa.

a) Isto seria o ideal da Igreja. Mas se os jovens, dos quais um é católico e outro não, têm apêgo um pelo outro, e possuem sérias razões para se casarem, a Igreja, ainda que com o coração desolado, concede-lhes a dispensa do impedimento do casamento misto, com a condição de que os filhos sejam católicos. Se ambas as partes não se comprometem por escrito a respeitar estas cláusulas, êles não podem obter a dispensa, não poderão casar-se em uma Igreja Católica, e não poderão contrair um matrimônio religiosamente válido.

b) Tal é o pensamento da Igreja e muito bem conhecido, *neste ponto; e por causa dêle ela se vê obrigada a suportar uma multidão de ataques e censuras.*

“Como êste desprêzo pelas outras religiões é mesquinho, injustificado e humilhante para os outros”.

O que dissemos, porém, precedentemente, prova que não é assim. Ouvistes que, segundo a doutrina da Igreja, quando dois cristãos não católicos se casam, êsse matrimônio aos nossos olhos é também um laço sagrado, contanto que não haja impedimento dirimente. A Igreja não despreza, pois, os casamentos dos não católicos, não os olha como de menor valor que os de católicos.

Se impõe condições rigorosas, nesta questão de casamentos mistos, isto não constitui de modo algum desprêzo pela outra parte, mas é unicamente para proteger e fortificar a vida religiosa de seus próprios fiéis.

C) Continuemos, agora, cuidadosamente o nosso exame. *“Por que a Igreja adotou uma atitude rigorosa?”*

a) A Igreja opõe-se aos casamentos mistos, primeiramente, porque *difícilmente êles realizarão aquela união perfeita das almas como exige a harmonia do casamento.*

As raízes mais profundas da harmonia e da felicidade da vida conjugal alimentam-se na comunidade perfeita de almas. Se esta comunidade não penetra perfeitamente tôda a vida espiritual de ambos os esposos, se êstes “esponsais espirituais” não se realizam, os “esponsais físicos” não podem trazer felicidade.

Ora, é impossível não se perceber que nos casamentos mistos êsses “esponsais espirituais” são bem difíceis, senão completamente impossíveis. Porque formalmente se exclui a união dos esposos, no terreno mais importante e sagrado, o terreno da alma: Não lhes basta estar unidos em tôdas as demais questões. Homem e mulher, juntos, fazem suas visitas, juntos passeiam, vão ao teatro, juntos estão em tôda a parte, só na casa de Deus não podem estar juntos, aí seus cami-

nhos se separam. Muito se poderia dizer da amargura que prova a alma da parte católica. E esta separação durará a vida inteira, embora êles queiram fazer acreditar um ao outro que nada os poderá separar.

b) *Demais, os esposos devem se educar mutuamente, e exercer recíproca influência.*

Não vos admireis de me ouvir falar em educação do homem e da mulher, já em idade adulta, mas realmente é assim. Os esposos exercem, um sôbre o outro, uma fôrça educadora poderosa. Aquêles que vivem juntos dezenas de anos, num casamento feliz e único, assemelham-se na velhice não só nas qualidades morais, mas até muitas vêzes nos traços do semblante. A primeira condição, porém, desta educação moral recíproca, é que êles estejam unidos nas questões religiosas. Os esposos deveriam se encorajar reciprocamente nas práticas religiosas. Mas como poderá um dêles animar-se a confessar-se, a comungar, a guardar a abstinência, a ir à missa aos domingos, a receber os sacramentos dos enfermos, enquanto o outro não observa nada disto, ou mesmo olha-o como inútil?

c) Realizando aquilo que êles prometem, de ordinário, antes do casamento misto, não haverá conflito, porque estamos de acôrdo, *para que não haja questão religiosa entre nós*. Afirmo-lhes, porém, que se êles puseram em prática esta resolução, tristes conseqüências daí advirão!

A idéia religiosa não é um acessório supérfluo da alma humana, que se possa impunemente deixar de lado. "Eliminaremos completamente de nossa vida as questões religiosas" Bem! "Suprimo eu inteiramente o uso de meus joelhos..." e alguns meses depois estou paralítico. "Renuncio completamente ao uso de minhas mãos..." alguns anos depois elas estarão atrofiadas.

O mesmo se dá se eu elimino tôda a questão religiosa. Inevitavelmente chego à indiferença e à tibieza religiosas.

Com as questões religiosas, é-lhes preciso excluir todos os problemas da vida espiritual, pois em grande parte estão ligadas entre si. Mas se os esposos os eliminam também, que lhes resta senão apenas o laço da vida puramente sensual? Mas não será preciso dizer como será instável uma felicidade que se fundamenta em semelhante alicerce.

Ainda que duas pessoas pudessem, por um domínio imenso de si mesmos, chegar a não trocar entre si uma palavra sobre religião, *os filhos não podem*. São êles sempre muito intransigentes, ardentes, exaltados, e defendem suas convicções até o extremo. Que acontecerá quando os rapazes voltarem de uma aula de religião, diversa da das meninas, e explodir a guerra de religião entre irmãos e irmãs?

E que não se diga que tudo quanto afirmo seja alucinação, perigo imaginário. Escutai o que me escreveu ultimamente uma infeliz mulher. Creio que bastará ler algumas linhas desta carta dolorosa:

"E' uma mulher bem infeliz que vos fala, Monsenhor. Estou casada há 14 anos, com um reformado incrédulo, e grande inimigo dos católicos... Quando vou à Igreja, êle se encoleriza tanto que quase adocece, não posso rezar em casa diante dêle porque se zanga. Não me deixa ir a parte alguma, não tenho conhecimento algum porque êle foge da sociedade. Faço minhas orações às escondidas, no meu quarto, ou então trabalhando. Muitas vêzes tomo um livro, mas, em lugar de lê-lo, recito ocultamente o meu têrço. Poderia ler algum livro frívolo, com isto êle não se incomoda; não quer, porém, ouvir falar de coisas religiosas. Leio, escondida, a revista "O Sagrado Coração", e depois, a queimo ou dou para alguém. Monsenhor, disse-me o

que devo fazer. Devo eu abandonar a Igreja para o interesse da paz, renunciar a frequentá-la, justamente isto que é a minha única consolação, a minha única alegria, e o meu conforto na tristeza de minha vida? Que devo eu fazer?" Eis a carta: ela diz mais sobre a questão que muitos sermões.

d) Mas ainda não disse tudo. A nossa santa Igreja opõe-se ainda aos casamentos mistos, no interesse da boa educação dos filhos. Sem dúvida, se a parte não católica assinou o juramento de educar no catolicismo todos os seus filhos, a Igreja consente neste matrimônio misto. Não dá, porém, este consentimento com alegria, e sim por necessidade. Porque ela sabe, mesmo neste caso, faltar um fator precioso: *o piedoso exemplo de ambos os esposos*. Quem não vê como é difícil a tarefa dos atuais educadores, quando uma multidão de influências contrárias vêm destruir na alma dos filhos o efeito educativo. É, pois, muito necessário, que o piedoso exemplo dos dois esposos venha reforçar as convicções religiosas dos filhos. No casamento misto pode introduzir-se facilmente um outro perigo. Se a parte não católica, assinando o juramento, permanece fiel e nada faz contra a educação religiosa dos filhos, são os avós que muitas vezes agem. Estes se esforçam muitas vezes até abertamente para ganhar à sua religião os pequeninos. Não é raro o caso que morrendo a parte católica, conforme a lei, os filhos católicos fiquem confiados à educação do pai não católico.

E' impossível, refletindo tranqüilamente em tudo isto, que não se veja quanto é justo o desejo da Igreja: um católico não deve desposar senão uma católica, e uma católica, um católico.

Porque no matrimônio misto a religião da parte católica, apesar de toda boa vontade, está exposta a sérios perigos, e é preciso uma força imensa de alma,

disposições de um confessor da fé, convicções religiosas inabaláveis, para superar êstes perigos. E infelizmente, em muitos casos, realizam-se os temores da Igreja, porque geralmente, no matrimônio misto, é a parte católica que perde. Muitas vêzes perde não só a piedade, mas até a própria religião.

* * *

Apesar de tantas vêzes atacada, esta é a doutrina da Igreja quanto aos casamentos mistos. Não há nenhuma lei da Igreja que tenha sido tão atacada, criticada, injuriada e caluniada, como a questão dos casamentos mistos: “A Igreja não tem coração...” “é um abuso de poder...” “é a escravidão da consciência”... “é sêde de domínio...” tais são, e há muitos outros, os juízos preconcebidos e injustificados que se levantam contra a Igreja.

Não pode entender a questão do juramento de educar catolicamente os filhos aquêle que está fora da Igreja, aquêle que não compreende os cuidados de seu coração materno, aquêle que não conhece a profunda santidade de suas idéias. A Igreja Católica, com efeito, sabe e professa que Nosso Senhor Jesus Cristo lhe confiou a plenitude total da redenção, e as almas resgatadas pela sua morte. Ao mesmo tempo responsabilizou-a, em consciência, pela vigilância de seus fiéis, a fim de que nenhum de seus filhos se separe do rebanho de Cristo, e vagueie longe da sua Igreja.

Eis o que permite compreender tôda a questão do juramento exigido da parte não católica. Não é nem a sêde de dominar, nem o abuso de poder, nem a crueldade, mas sim uma santa questão de consciência, uma santa responsabilidade, um santo dever. Se a Igreja está convicta de que lhe confiaram o tesouro da fé cristã e das graças divinas, então ela conclui lógicamente que

não pode permitir que um só filho de um só de seus fiéis se separe da Igreja de Cristo.

E a idéia final de tudo isto não poderia ser resumida mais justa e brevemente do que pela declaração de um católico. Queria que suas palavras cheias de sabedoria e experiência chegassem aos ouvidos de todos que se preparam para o casamento.

Este católico viveu dezenas de anos em paz e felicidade com sua esposa não católica. Era uma mulher de alma delicada, muito atenciosa, com a qual o marido era feliz e estava contente. E no entanto. . . um dia, já na sua velhice, ele declarava: "Se tivesse de me casar hoje, eu não pediria a Deus uma esposa melhor. Hoje ainda eu escolheria esta esposa excelente e devotada, mas exigiria *que ela se fizesse católica*".

CONFERÊNCIA VII.

O CASAMENTO MONÓGAMO

Não vos admireis se começo, hoje, narrando velha lenda grega, tirada do paganismo, antes de Cristo. Decorre, porém, daí uma idéia tão nobre, tão instrutiva, e capaz mesmo de envergonhar a muitos cristãos. Esta lenda grega pressagia e simboliza uma idéia cristã, tão magnífica, que valeria a pena ser contada, não uma, mas várias e muitas vezes.

Trata-se de Penélope, a espôsa do herói grego Ulisses, nobre exemplo da espôsa fiel. Fazia 20 anos que Ulisses partira da ilha de Ítaca. Primeiramente tomou parte na guerra de Tróia, depois se desviou em sua viagem de volta, vagando aventureiramente sobre o mar. Durante êste tempo, em casa, os pretendentes molestam constantemente sua espôsa, e não lhe dão sossêgo. Finalmente, na sua angústia, a pobre mulher promete desposar um dos pretendentes, no instante em que tiver acabado o trabalho de tapeçaria que começara. Durante o dia ela trabalhava assiduamente sob os olhos dos pretendentes, e à noite desfazia tudo o que tecera durante o dia.

Chega, porém, um dia a notícia que Ulisses voltava. Após 20 anos de ausência, o espôso volta.

Apresenta-se à mulher. Ela, contudo, não ousa acreditar nem em seus próprios olhos: se fôsse uma

ilusão! Permanece longa e silenciosamente assentada diante do marido, que não vê há 20 anos, e que olha perscrutadoramente. Ela não crê, senão quando Ulisses lhe conta um segredo que nenhum outro, a não ser seu espôso, poderia conhecer. Penélope agora soluça, abraçada ao marido. “Não te zangues, Ulisses, diz ela. Os deuses não nos permitiram gozar, unidos, a nossa alegre juventude, e esperar o fim da velhice. Não te irrites contra mim, se não te saudei à tua chegada, porque meu pobre coração tremia sempre ante o pensamento de que pudesse vir alguém para enganar-me com suas palavras. Há tantos que fazem o mal pelas suas astúcias”.

Mulher admirável! Verdadeiramente digna do elogio, que mais tarde, no Averno, lhe fazia Agamenon. “Filho feliz de Laerte, ilustre Ulisses! Tiveste, como quinhão, uma espôsa altamente virtuosa. Como se conduziu ela magnificamente, a filha de Icários, a nobre Penélope! Como pensava ela sem cessar em Ulisses, o espôso de sua juventude! O renome de sua fidelidade nunca desaparecerá!”

A glória de sua fidelidade não cessará nunca. E’ verdade, após séculos, a lembrança dêste belo exemplo de fidelidade conjugal vive ainda. Esta narração não é histórica, é sòmente uma lenda. E’ a prova magnífica de que a humanidade, já antes de Cristo, sentia que a fidelidade até o túmulo, união sagrada entre um só homem e uma só mulher, pertencia essencialmente à dignidade do matrimônio.

O que a humanidade apenas suspeitava, antes de Cristo, adquiriu uma perfeita clareza após a sua vinda, como demonstraremos agora. Isto é:

I) *A própria idéia do casamento exige realmente a monogamia.* II) *A monogamia exige a fidelidade conjugal.*

1) A PRÓPRIA IDÉIA DE CASAMENTO EXIGE A MONOGAMIA

A primeira tese de hoje é a seguinte: “*só a monogamia, isto é, a união indissolúvel de um homem e de uma mulher, pode constituir a forma matrimonial digna da humanidade*”. Portanto, nem a poligamia e nem a poliandria são autorizadas.

Bem sei que é preciso demonstrar esta tese com provas sólidas, pois dificilmente encontramos no mundo uma tese que tenha sido tão forte e superficialmente atacada, como esta verdade. Quem quer que saiba apenas ler e escrever crê-se autorizado a apresentar, a respeito do matrimônio, os mais fantasiosos planos de reforma.

“A monogamia é, hoje, uma coisa antiquada, dizem êles; não pode ser esta eternamente a forma do matrimônio. Hoje a organização econômica da humanidade é bem outra, é preciso adaptar-lhe a forma do matrimônio...”

Eis, mais ou menos, a essência dos projetos de reforma, esparsos à direita e à esquerda, e que, infelizmente, seduzem com bastante facilidade a muitos homens.

E' preciso, contudo, examinar mais profundamente esta questão, e veremos que a monogamia não é uma invenção arbitrária da humanidade, que se possa modificar ou suprimir. Não! Não se pode suprimir a monogamia, porque é um mandamento formal de Deus, não se pode mais suprimi-lo, porque é um elemento indispensável da verdadeira civilização da humanidade.

A) O casamento de um só homem, com uma só mulher, é realmente a forma mais antiga do casamento, e deve *sua existência à vontade do próprio Criador*, e disto não duvidará quem conhece a Escritura Sagrada (Gn 2, 24; Mt 19, 5; Mc 10, 8; 1 Cor 6, 16; Ef 5, 31).

Conforme os Livros Santos, Deus criou *um só* homem e *uma só* mulher e estabeleceu entre êles o primeiro matrimônio. Desde sua origem, pois, existia o matrimônio entre um só homem e uma só mulher, isto é, era monógamo.

Este ensinamento da Sagrada Escritura está perfeitamente confirmado pelas descobertas etnológicas que estabeleceram que, em tempos os mais remotos, junto a todos os povos, a família era monogâmica.

Quiseram provar o contrário em nome da ciência. Reconhecemos, dizem alguns, que a monogamia é realmente a forma mais perfeita do matrimônio, mas não é a sua forma primitiva. A monogamia é unicamente o resultado de uma longa evolução cultural. Ora, atualmente, está absolutamente provado que a verdade é precisamente o contrário, isto é, que a monogamia foi entre todos os povos a forma a mais antiga do casamento, e que a poligamia e a poliandria são deformações posteriores. Muito justa e admirável a observação do filósofo Wundt: "Não foi a civilização que criou a monogamia, ao contrário, a monogamia é que foi a base e a condição preliminar da civilização".

A monogamia, pois, não pode ser suprimida, porque é a expressão da vontade de Deus.

B) Não se pode mais aboli-la, porque a *monogamia é, ao mesmo tempo, um elemento indispensável da verdadeira civilização.*

a) *A vida social não se realiza sem certas forças e certos valores morais*, como por exemplo: o sentimento da responsabilidade, o domínio de si, a indulgência para com os outros, o espírito de renúncia e de sacrifício... etc. Estes são os fatores culturais, sempre indispensáveis à sociedade humana, qualquer que seja a mudança de organização que aí intervenha. A melhor forma matrimonial será, pois, a que mais assegurar

a estabilidade dêstes valores culturais e dêstes fatores sociais.

Ora, não se pode duvidar que é precisamente o matrimônio monogâmico que os assegura. E êle obtém êste resultado, disciplinando os instintos do indivíduo, tornando-se a base símbolo da ordem social. A vida familiar bem ordenada é o mais forte sustentáculo de uma vida pública pacífica, e a garantia do desenvolvimento normal da cultura humana.

b) E' imenso o horizonte que se vislumbra, quando se trata de conservar ou abolir a monogamia. Para os que refletem, de fato, não há mais dúvida hoje que a propaganda insensata levantada em nossos dias contra a forma cristã do matrimônio, não é senão uma parte, uma manifestação da grande luta decisiva a que se entregam os inimigos da sociedade contra tôda ordem social. Os partidários do divórcio talvez não compreendam êles mesmos que sua exigência não é senão uma parte de bolchevismo espiritual, que com suas tendências destrutivas tem por finalidade a ruína de tôda ordem social, e da paz da humanidade.

A família só pode ser pela monogamia o que deve ser, isto é, uma célula de vida social. E' a família monogâmica que educa no homem as virtudes sociais: responsabilidade, cóoeração, disciplina e indulgência pelo próximo; a necessária maturidade da alma, e o espírito de reflexão exigem a firmeza e a estabilidade do casamento.

O homem deixa-se fàcilmente levar pelo desejo de julgar tôda a sua vida terrestre, suas obrigações e seus deveres, unicamente em relação aos próprios prazeres. Goethe, porém, tinha razão quando afirmava: "gozar envilece". Sobretudo quando não se vê outra coisa da união humana, a mais santa e profunda, o

casamento, senão um contrato de duração limitada em vista dos prazeres recíprocos.

Quando Nosso Senhor Jesus Cristo, em termos decisivos que não deixam dúvida, restabeleceu a monogamia (Mt 19, 4-6) e promulgou as leis do matrimônio cristão, realizou ao mesmo tempo uma reforma cultural imensa.

c) *Foi, também, a restauração da dignidade da mulher.* A igualdade da mulher com o homem e o respeito à mulher subsistem ou desaparecem, com o casamento monogâmico. Com a poligamia desaparece a dignidade da mulher. Deveriam elas pensar muito nisto, elas que, por leviandade, inclinam-se pelo divórcio, pelo novo casamento, isto é, pela poligamia porque o divórcio e o novo casamento nada mais são que uma poligamia, uma poligamia praticada não ao mesmo tempo, mas sucessivamente.

Um homem e uma mulher, eis o ideal cristão. Pois só estas duas partes podem dar ao matrimônio uma afeição, uma vida e ambições intactas e completas. O dom de si, no casamento, deve ser tão nobre e íntimo, tão total e confiante, que só pode ser realizado entre duas pessoas. Há uma só alma que o possa dar e uma só alma para o receber.

II) A MONOGAMIA EXIGE A FIDELIDADE CONJUGAL

E' preciso que o casamento seja monogâmico, pois a monogamia faz brotar a flor mais bela do matrimônio: *a fidelidade conjugal.*

A fidelidade absoluta guardada reciprocamente pelos esposos até o túmulo é, de uma parte, um mandamento expresso de Cristo e, de outra parte, é também a prova do amor mais terno, e da maior generosidade, e a flor mais santa da vida conjugal. E' isto um fato

bem conhecido, uma verdade tão evidente, que dispensa outras explicações.

A) Infelizmente precisamos insistir sobre um outro ponto da questão. E' que se ouvem, muito frequentemente em nossos dias, palavras como estas: "Tudo isto é muito bonito. Mas não será ingenuidade falar, hoje, em fidelidade até o túmulo... *Pode-se, mesmo, guardar ainda esta fidelidade conjugal?*"

a) E' assim que se põe a questão, e ao mesmo tempo se dá esta resposta: "A fidelidade perfeita, a monogamia total, o homem de hoje não a pode observar. Há os que a admitem, o os que não a admitem, poucos os que a observam..."

Não nos envergonhamos ouvindo semelhante coisa? ouvindo tais afirmações frívolas nos lábios da "gente do mundo", e de "gente sensata?" Homens que por coisa alguma diriam, por exemplo: "A franqueza perfeita, a lealdade absoluta em negócios, a honestidade em questão de dinheiro, nada disto se pode observar. Há os que a admitem, e há os que não a admitem, pouco os que a observam".

b) *Quantos alaridos se alguém aventurasse tal opinião!* Pois tocar no dinheiro de outrem não é lícito. Mentir e faltar a sua palavra não é permitido. Mentir, porém à sua espôsa, faltar à palavra que se empenhou, e arruinar a felicidade de uma outra família, será permitido? "Como se faria bem, escreve uma mulher a quem uma secretária roubara seu marido, como se faria bem, explicando a êstes gangsters, que roubar o espôso de uma outra é um pecado maior, um crime mais desprezível que roubar seu dinheiro".

Tem perfeitamente razão esta pobre mulher. Não é uma inconseqüência funesta, que ninguém tenha idéia de defender o roubo ou a mentira, e no entanto tenta-se,

com a alma tranqüila, subtrair as questões sexuais ao âmbito da lei moral.

Com efeito, o sexto mandamento nada mais é que a aplicação da honestidade do domínio sexual, como no domínio da justiça, no sétimo, e no domínio da verdade, no oitavo, domínios onde a honestidade é tida por todos como evidente e natural.

Que responderemos à questão: Pode-se observar a fidelidade conjugal, como Deus a prescreveu?

Pode-se guardar a fidelidade conjugal até o tumulto, mas aquele que quer guardá-la deve evitar tudo o que possa dificultar a sua observância e fazer tudo para facilitá-la.

B) Aquêlê que quiser guardar a fidelidade conjugal *deve evitar tudo o que possa dificultar sua observância.*

a) Torna-se difícil a *fidelidade conjugal, por uma conduta leviana, por divertir-se com a tentação e a imaginação desregrada. "Principiis obsta!"* Resisti desde o primeiro instante, e lembrai-vos do aviso severo de Nosso Senhor Jesus Cristo, no sermão da montanha: "Quem olha para uma mulher, para cobiçá-la, já adulterou com ela, no coração!" (Mt 5, 28).

Poder-se-á dizer, talvez: "E' um modo de ver muito severo". "Um pecado de pensamento não pode ser tão grave como um de ação".

Examinemos a profunda psicologia do Salvador nesta questão. A essência do pecado consiste sempre na determinação da vontade, e não no gesto exterior, na execução. Aquêlê que voluntariamente se ocupa com pensamentos imorais, que entretêm desejos e sentimentos culpáveis, está num declive do qual não se pode afastar.

Por que não pode afastar-se? Porque o processo psicológico, por ordem de sua natureza, continua a agir;

a imaginação cientemente excitada irrita o sistema nervoso, e o sistema nervoso abalado exige o pecado.

b) Pode-se guardar a fidelidade conjugal? Sim, caso não se torne difícil a lei, pela sua própria cegueira, leviandade ou frivolidade. Pode-se guardá-la, caso não se esqueça do aviso de S. Pedro: “Sêde sóbrios e vigiai porque vosso adversário, o diabo, rodeia-vos como o leão que ruge, procurando alguém para devorar” (1 Ped 5, 8). Como êste aviso é bastante oportuno! Como seria pequeno o número dos lares destruídos, como seriam diminutos os pecados cometidos contra a fidelidade conjugal, se estas palavras do apóstolo ecoassem aos ouvidos, ao menos daqueles que, não as leviandades, mas as obrigações, os deveres, os trabalhos de vida expõem a êste perigo!

Se elas ecoassem aos ouvidos de chefes de escritório, dos diretores, dos patrões, que durante todo o ano se assentam a uma escrivaninha, onde há uma datilógrafa ou contadora, ou uma secretária... O trabalho vos reuniu no mesmo escritório, mas, atendei, nunca estais sós os dois, há sempre um terceiro, em um canto, o diabo, “procurando, como o leão que ruge, alguém para devorar”.

C) Para guardar, contudo, a fidelidade conjugal não basta uma atitude negativa, não basta evitar tudo o que a dificultaria. E' preciso adotar uma atitude positiva: *é preciso fazer tudo o que facilita a fidelidade.*

a) Há alguns anos, o Santo Padre Pio XI introduziu na côrte pontificia uma nova e interessante série de audiências: a *audiência dos recém-casados*. Por mais fatigado que estivesse o Soberano Pontífice, recebia sempre os recém-casados; recebia-os até em Castel Gandolfo, onde ia repousar algumas semanas, durante o mais forte calor de Roma.

Desde o fim de julho de 1932, dezenas e dezenas de milhares de jovens casados vieram de tôdas as partes do mundo, pedir ao chefe da cristandade a bênção para sua união. Estou plenamente convicto de que se para êstes jovens casais o problema da fidelidade conjugal não é um problema impossível, não o será para quem sabe empregar com alma fervorosa os meios que nos oferece a nossa santa religião, tais como a prece, a confissão, a comunhão, e em primeiro lugar uma severa disciplina sôbre si mesmo.

b) *Sim, domínio de si.* Não se tem o direito de recuar diante desta palavra. Pois não se pode dissimular que a observância da fidelidade conjugal exige um grande império sôbre si mesmo.

De fato, ela exige lealdade. Exige honestidade. E' uma luta e uma renúncia às quais ninguém pode subtrair-se. Com que direito se foge à luta, e ao sacrifício exigido para conservar a fidelidade conjugal? Sim, para poder sempre e em tôdas as circunstâncias conservá-la, é preciso domínio de si, espírito de renúncia e muitas vezes, também, sacrifícios.

"Mas é precisamente o impossível, objetar-se-á talvez. Eu não me casei para observar a continência, e apanhar assim uma doença nervosa".

De fato, não vos casastes para observar a continência. Um dos fins do casamento é permitir, dentro dos limites legítimos, a vida sexual, enobrecendo-a e a santificando. Mas se alguém, por um motivo qualquer, como a doença de sua espôsa, temor de novos filhos, não pode exercer os direitos do casamento, é obrigado a aceitar a continência. E' a única maneira cristã de agir, e não a fuga covarde para o lodaçal sedutor e perigoso da infidelidade conjugal.

"Mas eu não quero ficar doente por causa da continência! . . ."

Será que acreditais sempre nas palavras terrivelmente arcaicas com as quais pessoas sem consciência ou superficiais dificultam a observação do sexto mandamento? Quereis dizer que não sois um homem?

Pois ser um homem significa poder dominar a voz do instinto.

Ser um homem significa poder sujeitar com mão forte os desejos sensuais.

Acreditai-me, ou antes experimentai a fôrça sublime que habita na alma humana, e vereis como se pode com ela acalmar o oceano tempestuoso das paixões, e vereis que tudo quanto se conta sôbre os perigos da continência nada mais é que palavras supérfluas. Experimentai praticar a continência, e vereis que mesmo a natureza mais fogosa pode obedecer às leis divinas, com o socorro da graça de Deus.

O apóstolo S. Paulo pronunciou uma frase, cuja verdade se realça de um modo especial pela situação desordenada da família atual. "*Se viverdes segundo a carne morrereis*" (Rom 8-13). Notamos, com espanto, como estas palavras se aplicam à família moderna. O homem experimentou suprimir as leis divinas eternas, mas presentemente êle é obrigado a reconhecer, alarmado, que esta vida conjugal, organizada segundo a carne, conduz irremediavelmente à ruína.

E' o que muito bem compreendeu o grande Miguel Ângelo pintando para a Capela Sixtina a criação da primeira mulher. Contemplai neste quadro como Eva, no instante em que ela tem consciência de si mesma, estende as mãos para Deus. Sente ela instintivamente que estará perdida, irremediavelmente perdida, se as relações naturais entre o homem e a mulher não forem reguladas pelas leis divinas, e colocadas sob sua proteção.

A única forma de casamento, digna do homem, é a união entre um homem e uma mulher, contraída por tôda a vida, até o túmulo, e esta união tem por conseqüência a fidelidade conjugal. Penélope, aquela nobre mulher do paganismo antigo, pressentia-o já. Mas só o cristão pode compreender perfeitamente esta fidelidade conjugal, constante e absoluta, porque sabe que pelo batismo tornou-se êle membro do corpo místico de Cristo, e que o amor puramente natural de ambos os esposos cristãos transforma-se pelo sacramento do matrimônio em amor sobrenatural de união com Cristo.

Enquanto duas criaturas humanas se amam por uma atração puramente natural, não se pode crer nem em sua sinceridade, nem em sua duração. Quando porém, dois sêres se encontram no amor, como membros do corpo místico de Cristo, então não se tem a recear o desvio de seu amor; nem um dos esposos “adorará” o outro, nem exigirá atos vergonhosos e culpáveis, e nem se tornará brutal. Tal fidelidade e tal amor serão verdadeiramente constantes, e sobreviverão às vicissitudes da existência.

E êste amor é a base sólida, o maior apoio, e a mais forte garantia da fidelidade conjugal. Porque o *amor mais nobre e mais puro desaparece quando é simplesmente humano; não desaparece, porém, o amor do qual Deus é a base, a fôrça e o traço de união.*

* * *

Durante a existência terrestre, o homem, muitas vêzes, encontra-se ante pesadas responsabilidades. O instante, porém, mais importante da vida, o mais decisivo, o de maiores conseqüências, é o instante em que o jovem, em vestes de cerimônia, e a jovem, com seu véu branco, estão ajoelhados ante o altar, e com voz

comovida respondem, um após outro, àquela interrogação solene:

Declarais, reconheceis, e jurais diante de Deus, e de sua Santa Igreja, que recebeis neste momento por vossa mulher e legítima espôsa N. N. aqui presente? Prometeis e jurais guardar-lhe fidelidade em tôdas as coisas, como um fiel espôso deve à sua espôsa, conforme a lei de Deus?

E vós, N. N., declarais, reconheceis e jurais também diante de Deus, e da Santa Igreja que recebeis, agora, como vosso marido e legítimo espôso N. N. aqui presente? Prometeis e jurais guardar-lhe fidelidade em tôdas as coisas, como uma fiel espôsa deve a seu espôso segundo a lei de Deus?

Terminando nossa última conferência, rogamos para que os jovens corações que se dispõem para o casamento se encontrem. Hoje, porém, vamos rezar por aquêles que se casaram, vamos pedir pelos esposos cristãos, para que possam, com a graça de Deus, conservar, por tôda a sua vida, a fidelidade que prometeram, com juramento “em tôdas as coisas”, e *que após uma união feliz e harmoniosa* êles possam, juntos, louvar o Senhor, durante tôda a eternidade. Amém.

CONFERÊNCIA VIII.

A "REFORMA" DO MATRIMÔNIO

Não há ninguém no mundo que não esteja a par da crise em que se debate a família moderna. Não há quem não perceba as convulsões por que passa a sociedade atual, porque a base da vida social, a família, vacila sob nossos pés. Mesmo que os jornais e os livros não falassem da "crise da família", mesmo que as assembléias, conferências, círculos de amigos, não se ocupassem dêste tema, nós seríamos obrigados a constatar esta grande crise, pelos projetos fantasiosos de reforma com que alguns querem resolver êste problema urgente.

O cristianismo possui o grande remédio, para curar esta enfermidade mortal, remédio do qual já falamos, nas instruções precedentes, e do qual falaremos ainda nas que se seguirem. Hoje, consagremos a nossa instrução ao exame dêstes fantasiosos planos de reforma, não porque êles possam resolver alguma coisa, mas para vermos claramente em que abismo moral pode cair a humanidade, em que situação difícil ela fica, quando, procurando uma solução, extingue o facho do Evangelho. Hoje, quero: I) *citar alguns exemplos dêstes matrimônios "estilo novo"*, e em seguida,

II) *mostrar por que a Igreja rejeita estas caricaturas do casamento.*

1) CARICATURAS DO CASAMENTO

O matrimônio cristão é a união, até a morte entre um homem e uma mulher. E' contra esta forma de casamento que, em nossos dias, se emprega uma forte propaganda, favorecendo duas novas modalidades de casamento. Um é o casamento de experiência, e outro, o casamento de camaradagem.

A) O "*Casamento de experiência*"! Não refletistes na aterradora frivolidade que se oculta nesta última palavra?! Experimenta-se um automóvel, e se aparece um novo tipo de carro, troca-se o antigo pelo novo. Pode-se, contudo, trocar uma mulher, como se troca um automóvel, segundo a moda?

a) "*Casamento de experiência*"! Bastaria apenas refletir um pouco, para se compreender a sua impossibilidade e a sua loucura. Não se pode casar por um ano, por dois anos, com o fim "de experimentar durante êste tempo".

Porque o que se experimenta durante êste tempo não é um casamento.

O casamento, com efeito, compreende essencialmente a união total, e a fusão completa de dois sêres exige, pois, necessariamente um sentimento de permanência, a consciência da indissolubilidade, a exclusão do temor, de que, um dia, possa mudar. A estabilidade pertence à própria essência do matrimônio.

Mas como podem êles fazer experiência desta estabilidade, se não se decidem êles próprios à estabilidade, pois que, para êles, isto não é senão uma "experiência"?

É, pois, perfeitamente claro que aquilo que se chama casamento "por experiência" não é a experiência de um verdadeiro casamento, mas sim a experiência egoísta de prazeres superficiais sensuais, a fuga ante

o dever, e uma ausência total de pensamentos e energias que decorrem do verdadeiro matrimônio.

b) *Não será, porém, uma aventura ligar-se por juramento a uma coisa que a gente não sabe se poderá conservar?* dizem os defensores de casamento de experiência: Como poderá alguém jurar a um outro guardar-lhe fidelidade, na vida e na morte, na felicidade, como na desgraça, se não experimentou antes como será aquela existência com outros esposos?

Este argumento parece plausível, mas é totalmente superficial e em nada científico. A mais recente psicoterapia, de fato, dá razão à forma cristã do casamento. Esta ciência provou que uma resolução firme e enérgica exerce uma ação benéfica, purificadora e fortificadora sobre a inteligência e a vontade, movimentando valores, que, sem isto, ficariam inativos; convocando para a luta, contra o domínio dos sentidos e as seduções que se possam apresentar, tôdas as suas qualidades, adormecidas em nós. O juramento solene de fidelidade acompanha-nos, como o anjo da guarda, durante tôda a vida, encoraja-nos, fortifica-nos, ensina-nos a renúncia, o perdão, a vigilância! Feito êste juramento, devo obedecer. Não posso agir de outra maneira.

c) Ao contrário, a idéia que existe em nosso íntimo, “as coisas poderiam ser de outro modo, por que esforçar-nos?”, tira-nos, em grande parte, o gôsto da vigilância do domínio de nós, da renúncia, da indulgência. A convicção de que posso romper o meu casamento dá liberdade aos caprichos, às fantasias, aos instintos, e aos desejos ocultos em todo homem.

Uma profunda psicologia oculta-se nessa declaração do concílio de Trento, pela qual a graça sacramental do matrimônio “remata o amor, fortifica a unidade indissolúvel e santifica os esposos” (Sessão 24). A graça aumenta realmente as fôrças naturais, a tal pon-

to, que o homem fortificado pela graça sacramental do matrimônio é capaz de guardar a fidelidade perpétua, o que não se daria com a natureza humana entregue a si mesma.

d) Ninguém, pois, tem o direito de dizer de si mesmo o que infelizmente tantos dizem com facilidade para se escusarem: “Não tenho culpa, se eu não posso guardar a fidelidade conjugal: eu *sou polígamo por natureza, é minha constituição*”.

Que fórmula inocente de desculpar o desencadeamento dos mais baixos instintos!

Sois polígamo por natureza e por constituição? Que direitos, e que atitudes tomaríeis, se um dia, diante de vós que sois chefe de escritório, diretor de usina, ou rico banqueiro, um caixa honesto assim se escusasse: “Desculpai-me, senhor, não vos escandalizeis com os meus desfalques, porque vós sabeis que sou desonrado por natureza, é minha constituição”. E que faríeis, se um dia, vosso filho, levado pela mentira, assim se desculpasse: “Não te zangues, papai, é meu temperamento, é uma tendência hereditária de meus antepassados”.

Que dizeis disto? Certamente ninguém tem o direito de apelar para a sua “constituição”, quando mente ou quando rouba, assim como ninguém pode dar a mesma desculpa, quando viola a fidelidade conjugal. Deveria antes reconhecer que o que lhe falta é a coragem de lutar contra a natureza que o arrasta ao pecado, e que existe em todos os homens e não unicamente nêle.

Creio que dissemos bastante sôbre o “casamento de experiência”.

B) Há pessoas, que acham a idéia do “casamento de experiência” contraditória em si mesma, mas não querem admitir a forma cristã do matrimônio. Experi-

mentam recorrer a uma outra fórmula. E' o *casamento de camaradagem*. "Não sejamos esposos à moda antiga, mas vivamos como bons camaradas, um ao lado do outro".

Por inocente que pareça esta expressão romanesca, somos obrigados a ver claramente que o "casamento de camaradagem" não é menos perigoso que o de "experiência".

a) O casamento de camaradagem despreza *em primeiro lugar, totalmente, o caráter feminino* e, na verdade, quer transformar a natureza da mulher. Vós me compreendeis certamente se afirmo que o traço fundamental da natureza feminina é um certo grau de entusiasmo pelo qual olha com admiração aquêlê que ela ama, porque é mais forte, e maior que ela, podendo sentir-se tranqüila em seu amor que a protege. Isto não vem do capricho do homem, mas da experiência dos séculos, que se expressa nos seguintes conselhos: o marido, o quanto possível, deve ser maior que sua mulher, mas pela instrução deve ser-lhe absolutamente superior.

Este desejo natural, que a mulher tem, de querer "admirar" seu marido, prova o absurdo daquela afirmação de que as relações entre marido e espôsa consistem numa simples camaradagem.

b) Mesmo que tomássemos a palavra no bom sentido, e disséssemos que em todo o matrimônio ideal o marido e a mulher, em certo sentido, são como bons camaradas que se ajudam, se encorajam, se consolam e se distraem mutuamente, mesmo, então, não pensamos que tudo isto possa chamar-se "casamento de camaradagem". Aí, com efeito, *a mulher não se coloca no mesmo nível que o marido, ela não é mais que um joguête entregue ao prazer do homem*, que a conserva enquanto quer, e dela pode usar.

Não é menos evidente que êste casamento não poderá dar, um dia, filhos. A mulher, pois, está obrigada, por causa dos instintos egoístas de seu marido, a renunciar aos seus desejos naturais mais profundos e que para ela significam o cúmulo de sua felicidade terrestre: a maternidade. Respondei-me, não é brincar odiosamente com as palavras, chamar “camarada” um ser tão egoísta?

Esta “camaradagem” não satisfaz nem sequer o homem. E’ o que nos diz a vida com seus terríveis exemplos. Acontece freqüentemente que o homem acaba cansando-se desta liberdade de procedimento, característica do casamento de camaradagem, e quer contrair um verdadeiro matrimônio. Sim, é o que acontece muitas vezes. Mas o que raramente acontece é êle casar-se com sua antiga “camarada”. Êle a conhece muito bem, e sabe que ela não é digna de um verdadeiro matrimônio.

Nestes matrimônios “estilo novo”, a mulher expõe-se à mesma sorte da fôlha arrancada à árvore: o vento brinca com ela, durante um certo tempo, leva-a, fá-la voar, girar, mas, finalmente, deixa-a irremediavelmente cair na lama do caminho.

c) “Mas a Igreja não quer, então, compreender que a *evolução cultural da humanidade tende para uma liberdade cada vez maior?*” objetam os fervorosos adeptos dêste casamento. “As velhas formas rígidas da vida conjugal não podem mais corresponder a esta aspiração crescente de liberdade”.

Como êste raciocínio é inexato e superficial! A característica do domínio cultural intelectual é o encadeamento cada vez maior das tendências indisciplinadas do homem. Faremos exceção só neste ponto? Quantas leis complicadas, que prescrições, que regras

de decência, e de convenção social reprimem, dentro de nós, o livre impulso de nossos instintos e de nossas paixões! O homem criou tôdas estas leis e estas prescrições, no decurso de seu desenvolvimento cultural, gradativamente, compreendendo aos poucos que elas são indispensáveis à vida social.

A forma cristã do casamento não corresponde às aspirações humanas de liberdade? O homem não é livre senão na medida em que domina, em si, as tendências animais. Não é notável que as numerosas cerimônias e convenções de decôro e as inúmeras cerimônias e convenções sociais se encontram hoje, precisamente, no povo que é também o mais livre, os ingleses? A forma exterior e a liberdade interior de maneira alguma se contradizem. Ao contrário, são o sustentáculo inabalável da parte mais preciosa e mais nobre do nosso eu.

II) A IGREJA REJEITA ESTAS "REFORMAS" DO CASAMENTO

Após tudo isto será fácil compreender por que a Igreja condena estas "reformas" do casamento.

Rejeita-as, porque seus argumentos não provam. Condena-as também, pelas suas conseqüências calamitosas.

A) E' preciso reconhecer que êste ou aquêlê argumento é tão objetivo, tão aceitável, que, à primeira vista, se poderia facilmente ficar abalado. Examinando-se, contudo, a coisa mais profundamente, percebe-se a sua falsidade.

Entre outros raciocínios, conhecidos e aparentemente admissíveis, eis um por exemplo: "E' bem verdade que nós nos juramos fidelidade, na vida e na morte. Tornou-se, porém, evidente que não fomos criados um para o outro. Durante anos procuramos nos acostumar

um com o outro, mas a situação piorava cada vez mais. E hoje temos, um para com o outro, uma *aversão insuperável*, tão forte que a vida comum é uma perpétua mentira, uma disputa incessante. Não será mais honesto separarmo-nos do que continuar enganando o mundo, e simulando farisaicamente uma fidelidade e um amor que não existem?"

a) Em primeiro lugar, reconhecemos que o *caso apresentado é possível!* "Uma aversão insuperável"! Que palavras terríveis nos lábios de um cristão! Em que corações surgiu esta aversão, após o casamento? Naqueles cujo amor antes do matrimônio era insensato. Aconteceu, com efeito, que nestes o atrativo, o entusiasmo e exaltação, que repousavam sobre as sensações puramente exteriores, desapareceram após o casamento, e se transformaram em ódio. Porque tudo o que se baseia nas qualidades físicas sujeitas a mudanças transforma-se também com elas. Semelhante amor e semelhante acorde diminuem, à medida que decrescem a beleza, a saúde, a juventude, e algumas vezes também a fortuna, a reputação e os sucessos dos esposos.

Quem, contudo, realiza um matrimônio, sobre bases tão vacilantes, não tem o direito de se admirar se, no decurso dos anos, tudo isto desapareça, dando lugar a uma "aversão insuperável", de que falamos. Poderiam eles vencer esta aversão por uma conduta sábia, e um domínio de si, mas estas palavras de há muito estes esposos arrancaram de seu vocabulário.

b) Precisamos tratar ainda de uma outra questão. Uma vez que em um matrimônio, realizado sobre fundamentos puramente exteriores e sensuais, esta "aversão conjugal" realmente pode existir, não resulta daí que elas são *livres, por esta razão, de faltar ao grande ideal da indissolubilidade do matrimônio?*

Em absoluto.

Dai resulta a grande advertência que a Igreja não cessa de fazer: Não vos decidais nunca a casar-vos levados ou pela beleza exterior, ou pelo encanto físico, ou pela situação ou pela riqueza. Pois só não desaparece com a beleza física e com a juventude o amor que se baseia em valores morais. Esse amor, através dos anos, aumenta-se, transfigura-se, espiritualiza-se cada vez mais, porque não é o semblante exterior, sujeito à mudança e à velhice, que nêle se ama e sim o ser íntimo, a alma imutável, que não envelhece, mas embeleza cada vez mais.

B) Consideremos, além disso, as *conseqüências catastróficas* destes casamentos, para tôda a sociedade.

a) Aquêles que com tanto entusiasmo falam da necessidade de “reformular o matrimônio”, e de “estabelecê-lo sobre novas bases, *deveriam ver claramente como trabalham desatinadamente, para a ruína dos mais santos valores.*

E' horroroso, com efeito, pensar na decadência moral, que feriria a humanidade, se um dia essas formas frívolas que tantos, hoje, apregoam cegamente, mas que felizmente não seguem, fôssem realmente postas em prática. Se hoje há ainda moralidade e honestidade entre os homens, ao menos o quanto possível, e se na vida conjugal atual se encontram, ainda, concórdia, paz, alegria e compreensão mútua, tudo isto tem por princípio o respeito religioso, com que vossos ancestrais rodeavam o casamento.

Que perspectivas, porém, nos aguardam se êstes frívolos projetos de reforma conseguissem laicizar totalmente o casamento, e extirpar suas raízes religiosas, e reduzir realmente a união mais santa de suas criaturas humanas, ao plano de casamento de experiência ou de camaradagem?

Que caos moral reina já, hoje, no mundo neste domínio, e como se voltou para o paganismo! E' supérfluo falar disto! Uma senhora da sociedade está com o seu quarto marido, mas tem o hábito de se encontrar ocasionalmente com os três precedentes e entreter-se gentilmente com êles, pois, com efeito, "não se tratava senão de casamento de experiência". Tal senhor está com sua terceira espôsa, permanecendo em boa amizade com as outras duas, pois trata-se apenas de "casamento de experiência".

b) Não penseis que hoje é sòmente o padre que fala em mim, para deplorar êste desprêzo frívolo pelas leis de Deus. Não. Seria obrigado a chegar à mesma constatação, se eu temesse, ùnicamente, pelo futuro da humanidade, se as *minhas palavras* fôsem sòmente ditadas pela *solicitude e pelo amor ao futuro de nosso povo*.

A base, o fundamento, a célula da sociedade humana é a família. Destruí-a e tòda a sociedade se desmorona. Dissolvei a família, e os povos caem na imoralidade, a revolução é inevitável.

As leis de Cristo condenam, da maneira mais formal, a dissolução do casamento. Mas o homem moderno ouve, incessantemente, clamar a seus ouvidos que isto é a maneira antiquada de ver as coisas, e que os nervos inquietos do homem atual não suportam mais a fidelidade até a morte: Casai-vos, pois, ousadamente por experiência, e contrai casamentos de camaradagem, mesmo que clame a lei religiosa.

E os homens abandonam a sã razão, seguem estas fórmulas sedutoras, e no mundo inteiro aumenta o número de famílias abaladas e desfeitas.

E coisa curiosa, que vemos nós? Será, agora, mais feliz a humanidade? Agora que há tantas mulheres abandonadas, após a "experiência" quanto os cogume-

los após as chuvas, será a vida mais pacífica, mais alegre, mais perfeita que antes, quando não se conheciam êstes novos e monstruosos têrmos?

Nada disto. Entre as ruínas do Santuário do lar, destruído, multiplica-se a má erva dos vícios vergonhosos, com os quais os nossos antepassados nem sequer sonharam.

Deus, sim, pode de diversos modos falar aos homens. Fala pelos mandamentos, enquanto êle escuta a sua razão. Quando, porém, a sã razão é desprezada e se calcam aos pés as leis divinas, e os homens correm cegamente para sua perdição, então êle permite êste dilúvio que tudo arrebatça, permite que a sombra infernal dos vícios vergonhosos tudo assole, a fim de que êles não possam mais, impunemente, calcar aos pés seus mandamentos.

c) E agora sòmente é que nós compreendemos bem por que a Igreja se opõe a êstes novos gêneros de casamentos. Opõe-se porque todos êles ferem o *dogma fundamental da indissolubilidade do matrimônio*. Ora, como veremos, é da própria essência da religião cristã nunca permitir, sôbre pretêxto algum, que mãos criminosas se levantem contra esta lei. O matrimônio não é uma excursão de fim de semana, mas sim o ponto de partida de uma viagem, que se prosseguem em comum, para a eternidade.

E' um dos méritos inesquecíveis da Igreja católica, e a sociedade deve ser-lhe eternamente grata, por ter defendido corajosamente, em tôdas as épocas, a indissolubilidade do casamento, apesar do despotismo dos poderosos, dos raciocínios capciosos dos pseudo-filósofos, e das retumbantes palavras lançadas à multidão.

A Igreja teria evitado tantas calúnias, sarcasmos e ataques, não teria sofrido tantas perdas dolorosas,

se ao menos de quando em vez, nos casos mais graves, tivesse fechado os olhos sôbre êste ponto! Por causa da Reforma perdeu a metade da Alemanha. Podeis imaginar a dolorosa ferida que isto lhe causou. Mas pouco depois vem o divórcio de Henrique VIII da Inglaterra. E à Igreja bastaria dizer uma só palavra: “declaro dissolvido o casamento de Henrique VIII”. Nada mais que essa palavra, para não perder, depois da metade da Alemanha, tôda a Inglaterra. A Igreja, porém, não disse esta palavra. *Perdeu a Inglaterra, mas salvou o matrimônio.*

* * *

Quando o veneno penetra no organismo humano, ou falta um elemento essencial na alimentação, êste organismo reage, dando sinais de dor. O homem torna-se corado ou empalidece, a febre, as palpitações, as fraquezas tornam-no incapaz para o trabalho. Se a sociedade atual, êste grande organismo humano, tem palpitações, fraquezas e febre, uma das causas principais é que o veneno das idéias frívolas sôbre o matrimônio penetrou em seu organismo. Falta-lhe a fôrça nutritiva da família cristã.

Não permitamos êste envenenamento, nem uma leviandade qualquer a respeito do matrimônio. Não podemos, nós católicos, participar desta anarquia, muito menos quanto ao matrimônio. Queremos que aí também reine a ordem. Uma ordem que repouse sôbre as sólidas experiências dos séculos passados, sôbre as leis da natureza e sôbre as leis de Deus.

Queremos que a família seja, em miniatura, como um Estado bem governado, com divisão de trabalho, autoridade e obediência, honestidade e fidelidade ao dever. Queremos aí uma união tão forte, que só a morte possa rompê-la. Queremos que a bênção, a concórdia e o amor do trabalho nasçam desta instituição, que na

realidade, hoje, é a fonte de tantas maldições, divisões e discórdias.

Pois reconhecemos que a família atual necessita realmente de reforma.

Mas isto não se dará pelo casamento de experiência ou de camaradagem, que nada mais são que estrumes orvalhados com o perfume das belas expressões literárias da licença e da frivolidade dos costumes, — mas sim pela fidelidade, honestidade e disciplina, colocando novamente o matrimônio na altura moral a que o elevou o único e verdadeiro reformador da humanidade, o Redentor do mundo, Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

CONFERÊNCIA IX.

A INDISSOLUBILIDADE DO CASAMENTO (I)

Em 19 de junho de 1934, na Câmara dos Senhores, o conde José Karolyi, hoje junto de Deus, pronunciou um discurso, do qual citaremos algumas linhas nesta instrução.

“O estado húngaro sacrificou milhões e milhões para o futuro material, moral e nacional da jovem geração, e contudo verificamos, com tristeza, que uma crise e uma decadência cada vez mais deploráveis, manifestaram-se na sociedade e na família. A falta está na base da família, da sociedade, do estado. O número de divórcios é cada vez maior, e aumenta-se a quantidade de crianças que crescem sem pai e sem mãe. De que servem os numerosos sacrifícios pecuniários que o estado húngaro fez pela geração futura? De que serve a educação moral que ela recebe nas instituições e escolas, se, em casa, no seio da família ela não vê senão coisas que a escandalizam, e contempla muitas vezes uma vida em oposição ao exemplo moral? Segundo a história, a pureza da vida familiar, em todos os países, e em todas as nações, é a escala do progresso ou da decadência nacional.

Conforme as estatísticas nacionais, prossegue o orador, o número de divórcios em nossa Hungria mutilada, é exatamente quatro vezes maior que a cifra de

1913. As colunas de nossos jornais estão cheias de casos de divórcios, de escândalos familiares e de crimes, cometidos por crianças, homicídios e parricídios. Julgo que o governo e o parlamento não têm o direito de ver tudo isto sem agir. E' preciso que o poder público e a legislação intervenham enèrgicamente nesta explosão revolucionária das paixões humanas, e de irresponsabilidade!"

Assim falava êste nobre coração, inquieto pela sorte de sua pátria.

Mas quando vemos os legisladores leigos contemplar, também consternados, as conseqüências prejudiciais que se originam do divórcio e dos abalos sofridos pela família, podemos imaginar a dor provada pela Igreja. Com efeito, é ela que em primeiro lugar deplora a perda dêstes incomensuráveis valores morais enterados sob as ruínas do santuário familiar destruído.

E' também esta solicitude que me conduz, nesta série de instruções sôbre o casamento cristão, a consagrar três a êste dogma fundamental do cristianismo, a indissolubilidade do casamento. Nos dois primeiros, mostraremos o grande ideal cristão: a indissolubilidade do matrimônio, e os motivos pelos quais nossa santa religião ainda hoje persiste inquebrantavelmente nesta idéia. No terceiro consideramos as calamitosas conseqüências desta triste aberração, o divórcio.

Em nossos dias, o número de divórcios eleva-se assustadoramente. Parece que a humanidade volta novamente para a poligamia dos tempos que precederam à vinda de Cristo, quando muito com esta diferença que naquela época se possuíam ao mesmo tempo tantas espôsas quanto o permitiria sua situação de fortuna, ao passo que atualmente se pode tomá-las, uma após outra, enquanto houver ocasião de divorciar.

A Igreja, apesar desta calamitosa epidemia, e des-

ta terrível falta de senso moral, continua com uma coragem inquebrantável a proclamar, defender e exigir a indissolubilidade do casamento.

Mas sôbre que razão se apóia a religião católica, para manter com uma lógica rígida e grave a indissolubilidade do casamento? Tal é o ponto levantado nesta instrução.

Tríplice resposta. O casamento deve ser indissolúvel, pois é: I) *da Vontade divina*. II) *da própria essência do matrimônio*. III) *do fim do matrimônio*. Há ainda um quarto argumento decisivo em prol da indissolubilidade: o interêsse da humanidade. A exposição dos três primeiros exige tanto tempo que sou obrigado a deixar o quarto para a próxima instrução.

I) A VONTADE DIVINA EXIGE A INDISSOLUBILIDADE DO MATRIMONIO

A) O nosso primeiro argumento, em favor da indissolubilidade do matrimônio, é naturalmente a *vontade do próprio Deus*.

a) *Deus criou, no princípio, um homem e uma mulher, um casal portanto*. Por aí, já Ele manifestava a vontade de que o casamento não existisse senão entre um homem e uma mulher. Mas Ele ainda manifesta, continuamente, por êste fato curioso e inexplicável para a razão humana, que o número de homens e de mulheres é constantemente o mesmo. Mais ou menos nasce o mesmo número de rapazes e de môças. Êste fenômeno natural, particular e independente da vontade humana, proclama também que o Mestre e Criador do mundo não destinou e criou senão uma mulher para cada homem.

E quando os judeus diziam ao Salvador que a Lei mosaica permitia ao marido, em alguns casos, repudiar sua mulher, Nosso Senhor respondeu-lhes ca-

tegòricamente: “Foi por causa da natureza de vossos corações que Moisés permitiu repudiar vossas mulheres, mas no comêço não foi assim” (Mt 19, 8).

E’ bem verdade. No comêço não foi assim. Quando da criação, a unidade e indissolubilidade do casamento constituíam uma lei positiva, e Cristo a restabeleceu em todo seu rigor.

b) Como restabeleceu? Pelas palavras eternamente memoráveis e universalmente conhecidas: “O homem deixará seu pai e sua mãe, unir-se-á à sua mulher, e serão dois numa só carne. . . Que o homem não separe o que Deus uniu. . . Eu vo-lo digo, aquêlê que repudia sua mulher, e casa com outra, comete um adultério; e aquêlê que se casa com uma mulher repudiada torna-se adúltero” (Mt 19, 5-6-9).

“Aquilo que Deus uniu”. . . Como Deus une os esposos? Primeiro pelo amor ardente que Êle acende nos dois jovens corações. Em seguida pela virtude do Sacramento. E enfim pelos filhos que Êle lhes dá, quando o amor conjugal se manifesta na união mais íntima.

O que Deus uniu de maneira tão múltipla, o homem não tem, pois, o direito de dissolver e separar. Por nenhum título, qualquer outra pessoa tem o direito de profanar e ferir o santuário da família. Os esposos, pois, não podem, êles mesmos, dissolver o seu casamento, nem por um acôrdo comum, nem por uma decisão unilateral.

Os têrmos empregados por Nosso Senhor Jesus Cristo mostram inteira e claramente que Êle quis pôr novamente em vigor a noção do casamento, que se afrouxara no Testamento Antigo. As palavras que acabamos de citar e outros ensinamentos de Nosso Senhor (Mt 5, 31-32) formam a base do dogma fundamental da Igreja, segundo o qual um casamento válido e consumado nunca pode ser dissolvido.

B) "Talvez Nosso Senhor não quisesse ser tão rigoroso, pensará alguém. Parece, pelas palavras citadas precedentemente, que no caso de falta muito grave, *como seja no delito contra a fidelidade conjugal, Ele permitiu* o divórcio. De fato, é bem assim que entendem as outras religiões. Só a Igreja precisamente não abranda sua atitude rigorista".

Ela não abranda porque não pode abrandar. Porque é absolutamente certo que Nosso Senhor, mesmo neste caso, não quis permitir um novo matrimônio.

a) *E' o que resulta das palavras pronunciadas pelo Salvador em uma outra circunstância.* No Evangelho de S. Marcos, por exemplo, Nosso Senhor fala assim: "Quem abandonar sua mulher e se casar com outra comete adultério contra ela. E se a mulher abandonar seu marido, e se casar com outro, comete adultério (Mc 10, 2-12). Aqui, Nosso Senhor não faz sequer uma exceção. Qualquer que seja a causa do repúdio da mulher, mesmo por infidelidade, ela não pode mais se casar, pois aqui o Salvador nem mesmo evoca mais êste pecado.

Sem dúvida, por êste pecado vergonhoso é permitido repudiar a parte culpada, é o que chamamos "separação dos corpos", mas após êste repúdio, não se suprimiu o valor do laço conjugal, e nem é permitido casar-se novamente. Cessa a obrigação de coabitar, mas não desaparece o valor do matrimônio. E tudo quanto Nosso Senhor diz da mulher pecadora vale naturalmente também para o marido prevaricador.

b) E que é preciso assim entender as palavras de Nosso Senhor, *demonstram a admiração e o pasmo dos discípulos.* Eles respondem, com efeito, ao Salvador: "Se tal é a condição do homem a respeito da mulher, é melhor não se casar" (Mt 10, 9-10). Isto é, se a infidelidade é uma causa de repúdio, mas se, depois

disto, não é possível casar-se novamente, então é preferível não entrar em negócio tão cheio de riscos. Os apóstolos entenderam muito claramente as palavras de Nosso Senhor, no sentido de que não é permitido casar-se novamente, mesmo no caso de infidelidade.

Assim é que compreendia igualmente S. Paulo. "Mas aos casados mando, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido. E, se ela se separar, que fique sem se casar ou que se reconcilie com seu marido" (1 Cor 7, 10-11). Poder-se-ia dar uma explicação mais digna de confiança das palavras de Nosso Senhor? Quem ousaria compreender melhor as palavras de Cristo que S. Paulo?

O novo casamento não é, pois, permitido, mesmo que já se tenha dado a separação dos corpos.

c) Chegamos a esta conclusão também por uma consideração.

Ninguém te mo direito de pensar que o Filho de Deus tenha querido recompensar tão grave pecado. Ora, seria realmente premiar a violação da fidelidade conjugal, se pudesse por isto contratar um novo casamento.

Tomemos a vida tal como ela o é. A causa dos numerosos divórcios não é tanto a incompatibilidade de gênio, ou as divergências de idéias entre os esposos, mas sim uma terceira pessoa no horizonte.

Bastará dar um exemplo. Há vinte e quatro anos vivem juntos um homem e uma mulher. Houve entre eles rixas e desavenças, é isto inevitável onde vivem juntos dois seres humanos. Mas as coisas iam indo. O filho de vinte e três anos completou os seus estudos universitários. Sua filha de vinte e um anos casou-se... E agora eles querem divorciar-se. Não a filha, mas os pais. Depois de vinte e quatro anos de casados. Mas por quê? Porque uma pessoa se encontra na vida do

marido. Este homem de cinqüenta anos apaixonou-se por uma jovem de vinte.

— Isto não é senão um exemplo. Mas quantos outros se poderiam citar!

Quantos viveram dezenas e dezenas de anos, em um casamento feliz e pacífico, quando, um dia, em seu lar uma jovem ou uma mulher sem consciência, e com mãos sacrílegas, destrói a felicidade do santuário familiar.

Eis, porém, que intervém a proibição de Nosso Senhor Jesus Cristo e o veto da Igreja Católica: “Não permito tocar no casamento”. Não compreendeis que imensa gratidão devem todos os esposos honestos à Igreja, porque ela não permite que esta terceira pessoa, sem consciência, possa contratar um casamento válido com a parte divorciada, e possa triunfar insolentemente sobre as ruínas de um lar que ela destruiu?

Ao contrário, diante daquela atitude severa da Igreja, não será uma inconseqüência a atitude da lei civil pronunciando o divórcio no caso de infidelidade? Isto é, favorecendo o que comete uma falta? Pois o que está cansado de sua espôsa, ou a que se cansou de seu marido, pode facilmente dêle livrar-se de um modo bem simples: quebra a fidelidade conjugal, dando causa ao divórcio. Houve realmente, neste caso, uma recompensa por enorme falta.

II) A PRÓPRIA ESSÊNCIA DO MATRIMÔNIO EXIGE SUA INDISSOLUBILIDADE

Esta severidade da Igreja é uma conseqüência lógica, que decorre da própria essência do casamento. Como recordaremos mais tarde, as razões morais, pedagógicas e sociais falam em favor da indissolubilidade do casamento. Outra é a importância do argumento que provém da essência do matrimônio, e pelo qual é

simplesmente impossível dissolvê-lo, porque a indissolubilidade pertence-lhe essencialmente.

O que não se compõe de partes não pode ser dividido em partes, é claro. Ora, os esposos cristãos, após seu casamento, não formam mais partes independentes porque o *casamento cristão* é a *imagem da união mística* de Cristo e da Igreja. Mas esta união santa entre Cristo e sua Igreja é perpétua e indissolúvel, e subsistirá, enquanto houver homens sobre a terra. Sendo assim, pois, esta união santa entre o homem e a mulher, reprodução da de Cristo e da Igreja, deve durar tanto quanto fôr possível a união matrimonial entre duas pessoas, portanto até a morte de uma das partes.

E' uma verdade tão clara e uma realidade tão irrevogável que a Igreja nada aí pode mudar. É, pois, infundada e destinada à destruição, porque nasce de uma ignorância quanto à essência do matrimônio, a esperança de alguns de que, um dia, a Igreja, com o tempo, mudará seu ponto de vista tão rigoroso e amenizará esta questão do laço matrimonial. Ela não o fará, por que não o pode. A própria essência do casamento protesta contra a sua dissolução. Em matemática dizem que "um e um fazem dois". Pelo casamento, porém, Deus estabeleceu que, "um e um fazem um", isto é, que pelo matrimônio um homem e uma mulher se unem em um novo misterioso organismo, tornando-se cada um membro do corpo do outro. E' o que declara o próprio S. Paulo, quando escreve a respeito do amor do espôso: "Os maridos devem amar suas mulheres como seus próprios corpos" (Ef 5, 28).

No matrimônio cristão, o homem e a mulher, unem-se, pois, em um novo organismo místico, como há uma união mística entre Cristo e sua Igreja. Aquilo que por essência é um não pode ser separado em dois. Cristo

não pode estar separado da Igreja, e o homem não pode também separar-se de sua espôsa.

III) O FIM DO CASAMENTO TAMBÉM EXIGE SUA INDISSOLUBILIDADE

O casamento deve ainda ser indissolúvel, pois só assim êle pode realizar seu magnífico destino, e atingir seu fim.

Qual o fim do matrimônio?

A) *Seu fim primeiro é assegurar, dignamente, a conservação da espécie humana.*

a) Os filhos podem vir à vida, mesmo fora do matrimônio, *mas não se pode educá-los senão no quadro pacífico da vida familiar*: Entre sêres vivos cujos filhos são capazes, desde o seu nascimento, de viver por si mesmos e que encontram por si o que lhes é necessário à subsistência, é evidente que não há necessidade de uma vida familiar duradoura. Consideremos, porém, o recém-nascido. Há na terra ser mais débil, mais fraco que êle? O pintainho busca seu alimento, no mesmo dia que deixa o ôvo. A criança, ao contrário, até a idade de 14 a 16 anos, e algumas vêzes 20 e 24, tem necessidade de seus pais.

Enquanto seus pais educam o primeiro filho, chega um segundo e depois mais um outro, e a difícil e santa tarefa começa novamente. Isto não é uma indicação muito expressiva da natureza, mostrando que o casamento não pode ser concluído por tempo limitado, mas deve durar até a morte.

b) O inverso também vale. Pois se os filhos têm o direito de que a fragilidade de sua juventude encontre um apoio na vida familiar firmemente organizada, por sua vez os pais envelhecidos têm o direito de esperar o auxílio de seus filhos já crescidos.

A indissolubilidade do matrimônio não é, pois, uma invenção humana, uma idéia arbitrária, e nem um constrangimento exterior que se possa mudar no correr das idades, mas é a expressão de uma necessidade íntima do homem, que não se modificará enquanto a natureza e a constituição do homem não se transformarem. Portanto, nunca.

Sabeis como se protege, com forte muro, a fonte que jorra misteriosamente na calma da floresta, como se recolhe em um reservatório, para que a lama não manche suas águas vivificantes e límpidas. Pois bem, a humanidade encerrou as fontes santas da vida no quadro austero do casamento, para que a fonte da vida humana, não fôsse manchada pelas impurezas.

B) Outro fim do *casamento é o auxílio recíproco e a união perfeita dos esposos*. Isto, porém, não se realiza senão dentro do casamento indissolúvel.

a) *O mundo das idéias no homem é bem outro que o das mulheres*: desejos, caprichos, tendências, tudo é diferente, e os dois sexos precisam completar mutuamente suas próprias faculdades. Êste complemento recíproco não se realiza, contudo, senão dentro de uma união inseparável. E, sem ela, permaneceriam certas falhas tanto no homem como na mulher.

O homem, por exemplo, em parte alguma, como no lar, pode satisfazer sua capacidade natural e sua tendência para o domínio. Assim também, em nenhuma outra parte, êle encontra para seus negócios mais íntimos, suas decepções, suas fadigas, tanta compreensão como junto de sua espôsa amável, que lhe dulcifica a vida com seus sorrisos. Em compensação, sem a família, não se desenvolvem na alma da mulher tantas qualidades, sobretudo o amor generoso até o sacrifício.

b) Examinemos, em seguida, *a fusão perfeita das almas*, sem a qual não se pode imaginar a união com-

pleta dos esposos, mas que não se realiza sem a indissolubilidade.

Quase não se pode acreditar quanto esta união completa das almas dos esposos faz jorrar no homem e na mulher forças preciosas. Há homens que chegaram à perfeição de suas capacidades, e de suas energias, porque encontraram uma espôsa que os compreendia, colocando-se ao seu lado com o entusiasmo de um amor silencioso. Espôsas que tinham uma confiança absoluta em seus maridos compreendiam seus fins, encorajavam-nos em seu caminho, faziam desaparecer as rugas de sua fronte fatigada, e compartilhavam de seus sucessos. Há grandes homens que a história glorifica com justiça, pelos seus altos feitos, mas se quisermos ser justos, seríamos obrigados a recordar o mérito que lhe advém de suas espôsas.

O inverso também é verdade. Muito deve agradecer a alma tímida e receosa da mulher à energia de uma alma viril. Como chega ela, facilmente, ao seu completo desenvolvimento, quando se une ao amor robusto de um espôso que bem a compreende! Muita razão tinha o escritor francês quando assim fazia falar um de seus personagens: "Se eu tivesse naquele instante ao meu lado, uma espôsa amorosa como me teria elevado! Entregue, porém, a mim mesmo, não pude conservar bastante confiança em mim. E' preciso que haja uma testemunha de nossos esforços. Alguém que anote os golpes, conte os pontos, e ponha a coroa sobre nossa fronte, tudo como outrora, na época da distribuição dos prêmios, braços carregados de livros, eu procurava entre a multidão os olhos de minha mãe"... (Mauriac, *Le Noeud de vipères*).

Pode haver ainda alguém que não compreenda por que é preciso a indissolubilidade do casamento?

c) Há ainda outra coisa. Entre os dois esposos

não deve haver segredos, devem manifestar, um ao outro, suas tristezas, como nunca se faz diante de outro homem. Isto pertence à essência do casamento. Não serão, porém, capazes disso, senão na certeza de que esta confiança e êste dom de si durarão perpétuamente. Esta confiança desapareceria no momento em que surgesse apenas o receio de uma transformação, receio de que aquêle em quem depositais total confiança possa um dia ser vosso inimigo, pior que um estranho, porque poderia fazer mau uso, em público, da confissão feita no momento de absoluta confiança.

São exageros? Quem não quiser crer, leia, se tiver coragem, os aborrecidos depoimentos, feitos pelos esposos, um contra o outro, no processo de divórcio. Como podem ser tão grosseiros, mesquinhos e cruéis!

d) Deixai-me, ainda, lembrar uma outra idéia. Não esqueçamos o valor educativo do casamento indissolúvel. A idéia de indissolubilidade afasta e domina os caprichos e os defeitos, enquanto a possibilidade do divórcio não faz senão crescer o número de casamentos infelizes, e de discórdias. A convicção de que os esposos estão unidos um ao outro para sempre leva-os a ser indulgentes, a se perdoarem mutuamente, a pacificarem imediatamente as inevitáveis pequenas ou grandes discórdias, a aplainar as dificuldades e a agir como prescreve S. Paulo: "Que o sol não se ponha sobre vossa ira" (Ef 4, 26).

E' pois preciso contar com a natureza humana inclinada ao pecado. Se se pode divorciar, se há razão suficiente para isto, porque "não se suportam mais um ao outro", como apareceria logo no horizonte uma terceira pessoa, objeto de paixão, que leva aos antigos esposos a verificarem que não mais se podem aturar. A impossibilidade do divórcio é o melhor juiz de paz nestes casos. Como é fácil vencer a tentação sedutora,

quando se lhe pode responder: E' inútil, não nos podemos divorciar. Não nos podemos separar; então vale mais entender-nos melhor.

* * *

A família é a célula da sociedade. Não só no sentido jurídico e econômico, mas também em razão de sua grande força educativa, pois é aí que nascem as virtudes que formam a vida social, o sentido de responsabilidade, a compreensão, e o domínio de si. Pode-se representar uma vida humana sem estas forças morais? Ao contrário, para que elas possam nascer na vida familiar, é preciso que o casamento seja de longa duração, constante, sem perturbação, indissolúvel, portanto. E' preciso tempo para as boas coisas, particularmente para o desenvolvimento destas virtudes.

Não exageramos, pois, sustentando que o casamento indissolúvel é o traço de união da vida em sociedade. Suprimi a indissolubilidade, e o edifício da sociedade humana cairá em ruínas.

Os bancos não dão senão juros mínimos para os depósitos que se retiram a qualquer instante. Ao contrário, se se tem confiança nos bancos depositando o capital a longo prazo, recebem-se juros mais elevados. Não se tem o direito de denunciar a qualquer momento o depósito da fidelidade conjugal. E' preciso levá-lo até o túmulo para se ter maior interêsse. Interêsse para os esposos, e também para a sociedade.

Ah! se a humanidade atual compreendesse novamente tudo isto! Se ela visse ao menos pelas amargas experiências atuais em que perigo se colocou, desprezando o mandamento divino e atacando a indissolubilidade do matrimônio! Nada melhor podemos desejar à humanidade do que ver brilhar no frontispício de cada lar, em caracteres indeléveis, o mandamento de Cristo: *"Que o homem não separe o que Deus uniu"*. Amém.

CONFERÊNCIA X.

A INDISSOLUBILIDADE DO CASAMENTO (II)

Na instrução anterior examinamos três argumentos em favor da indissolubilidade do casamento: a vontade divina, a essência do casamento, e enfim sua finalidade. O Criador exprimiu claramente sua vontade, quando criou uma só mulher para um só homem. Nosso Senhor exprimiu-a também, quando colocou a indissolubilidade do casamento entre as leis fundamentais do cristianismo. E' igualmente exigida pela própria essência e fim do casamento.

A questão, porém, é de uma importância tão vital, que dela trataremos nesta instrução. Para reforçar o que já foi dito anteriormente, indicarei na primeira parte um novo argumento: I) *A indissolubilidade* do casamento, exigida ainda pelo interesse da humanidade, porque o divórcio põe em perigo os imensos valores morais, e é assim caminho certo à ruína da sociedade. II) Estas razões são mais fortes, e de interesse ainda mais capital, que *objeções* levantadas habitualmente contra a indissolubilidade do casamento e que examinaremos na segunda parte.

I) O INTERESSE DA HUMANIDADE EXIGE TAMBÉM A INDISSOLUBILIDADE DO CASAMENTO

Por que não se pode dissolver o casamento? Tal é a nova questão levantada nesta palestra.

Não se pode, porque o divórcio é uma tragédia, uma catástrofe, uma verdadeira maldição.

A) Uma maldição para o homem, B) ainda mais para a mulher, C) mas sobretudo para os filhos, D) o divórcio é finalmente um verme roedor, o inimigo da ordem social e do bem geral.

A) *O divórcio é uma maldição para o homem.*

a) Não vêem alguns que pelo divórcio o homem perde também muitas coisas.

“Como? Torna-se êle livre como um pássaro. Que perde o pássaro quando sai da gaiola?” assim raciocinam talvez alguns espíritos.

Como é superficial e frívola esta maneira de pensar! Quem olha as relações entre o homem e a mulher, das alturas do cristianismo, vê a situação de outro modo. Percebe o abismo, em que, pelo divórcio, precipita-se também a alma do homem, e sente o abalo que faz tremer a sua alma, em consequência dessa separação.

Falarei francamente. O casamento indissolúvel e monógamo é uma exigência inquebrantável do cristianismo. Mesmo que não fôsse um dogma cristão e uma lei moral, o interesse bem compreendido do homem o exigiria também, porque as relações entre o homem e a mulher não podem ser resolvidas de outra maneira, sem arruinar os valores morais da alma.

b) E' nobre e sublime o sentimento que chamamos “eros” e que o Criador inflamou entre a alma do homem e da mulher. *Quanto mais elevada é a tarefa que foi confiada a uma faculdade ou sentimento humano, mais terrível é a ruína quando ela se afasta de seu bom caminho.*

Quem não conheceu jovens dotados de magníficos dons, destinados a um grande futuro, diante dos quais se abria uma carreira cheia de promessas e que caíram, asas quebradas, tornando-se inúteis e vencidos, porque se lançaram nos braços de Eros indomável? Como *Dante*

via claro nas profundezas da alma humana, quando representava em seu "Inferno" os escravos de Eros lançados constantemente de um lado para outro, por uma tempestade terrível! Sim, êste abatimento, vazio interior, esta instabilidade, êste flutuar de um lado para outro, é a sorte reservada aos homens que quiserem se subtrair à constância da fidelidade e da monogamia. Eis por que o divórcio é maldição também para o homem.

B) Naturalmente é uma maldição bem maior para a mulher.

a) A triste sorte da espôsa abandonada é muito conhecida para que me detenha muito sôbre esta idéia. Pobre mulher abandonada, que dera, pelo casamento, ao seu marido, o seu maior tesouro, seu mais precioso bem, e que agora se acha atirada à rua, despojada de tudo. Acabrunhada, entregue a si mesma, muitas vêzes numa situação material difícil, arrasta ela amargamente uma existência sem alegria. Existe ainda uma oportunidade, se ela tem uma fé viva, que a conduz à Igreja, ao confessionário, à santa mesa, para aí sobreviver a fôrça e o consôlo, nestes anos de dolorosa prova.

b) Naturalmente há as que não passam assim todo o resto de sua vida, mas elas se casam uma vez, depois uma segunda vez, e se preciso fôr cinquenta vêzes... e esta conduta espalha um ar envenenado, cujos bacilos infectam, como uma peste, as idéias morais do próximo.

E aqui, eu vos lerei novamente algumas linhas do discurso do conde José Karolyi, do que já vos citei uma passagem, na instrução anterior:

"Êste contágio ainda não se espalhou tanto entre os camponeses. Eis por que é preciso agir hoje, pois o povo do campo recebe o exemplo do alto. Como deve êle olhar o palácio, que durante séculos honrou, respeitou, se hoje, em muitos dêstes lugares, não vê

êle senão o escândalo, se, em muitos dêles, vê entrar a terceira ou a quarta mulher. E que são algumas vezes estas mulheres? Não falemos nisto...

Há vinte anos, não aconteceria o que vi recentemente em um salão.

Uma senhora conversando com seus dois antigos maridos, enquanto que o terceiro marido em exercício olhava-os sorrindo. Não podia imaginar que isto fôsse possível. E que direi dêste jovem "scout" que, no último verão, campeava na floresta com seus camaradas. Tendo lhe perguntado quais eram os seus pais, deu êle o nome de sua mãe, e acrescentou, com a ingenuidade de uma criança de doze anos, que estava com seu quinto pai. Choraria, ouvindo esta criança. Que se passa na alma de tal criança? Qual será o ideal de uma geração assim? Que idéia fará de fidelidade, da maternidade e da família, quando ela crescer? Pois ela não terá mais ideal. De que serve a formação de caráter junto aos "scouts" se esta criança cresce em companhia do quinto pai?"

C) E aqui chegamos a um novo argumento, mais forte ainda, que altamente protesta contra o divórcio. O divórcio é uma maldição para o homem, maldição maior ainda para a mulher, mas para a *criança é a maldição mais horrorosa.*

Se tudo quanto evocamos não existisse, se o homem e a mulher tivessem só a ganhar no divórcio, — vimos, porém, o quanto êles perdem, — seria preciso então dizer: Nunca o divórcio. Por quê? Porque o divórcio pode, quem sabe, ser vantajoso para a mulher, nunca o será, porém, para a criança, e portanto não o é, nem para a sociedade, nem para a nação.

a) Quanto a boa educação dos filhos exige que os pais vivam unidos! *Que perigo o divórcio para a alma das crianças, em tôda a sua existência!*

A tragédia começa no processo do divórcio. A luta encarniçada e feroz trava-se entre os pais: quem cuidará dos filhos, o pai ou a mãe? Quantos estragos inauditos, na alma da criança, quando se vê obrigada a escolher quem deve amar: seu pai ou sua mãe? E' verdade que isto não tem mais valor, quando o tribunal divide os filhos, metade ao pai, e metade à mãe.

Consumou-se o divórcio. Presentemente, começa a "educação" dos filhos. A educação? Que educação? A parte que cuida dos filhos prima por querer arrancar de seus corações o amor natural a respeito da outra parte. Conta-lhes tudo quanto ela sabe de mal. A outra parte, a quem arrebataram os filhos, tudo faz para reconquistá-los, e para tal fim não recua ante os meios os mais extravagantes. E a alma da infeliz criança será irremediavelmente sacrificada, neste funesto vaivém. Infelizes crianças, órfãs antes da morte dos pais! Pobres avezitas caídas do ninho, e cuja alma não pode gozar de todo um mundo de felicidade, por causa do divórcio dos pais!

b) E a prova de que isto não é uma fantasmagoria, nem uma idéia sem fundamento, mas uma terrível realidade, nós a encontramos na carta que um filho, cujos pais se divorciaram, escrevia ao Menino Jesus, por ocasião do Natal. Nem Demóstenes falaria de maneira tão comovente contra o divórcio. Nem Cícero lhe faria semelhante ato de acusação, como a cartinha que o pequenino João escrevera com sua letra ainda incerta, no Natal, ao Menino Jesus: "Caro Pequenino Jesus, peço-te isto, leva-me para o céu. Queria tornar-me um anjo. E eu prometo que serei um anjo bem delicado, e farei tudo o que me mandares. Sou tão infeliz aqui. Sabes que o papai mandou embora a minha mãe, porque recebeu uma outra mamãe. Mamãe levou-me, mas não vivo bem com ela. Não há mais açúcar. Faz tanto

frio aqui. Atualmente mamãe tem um novo papai, mas ela ainda chora muito. O novo papai é um bêbedo. Mamãe lamenta-se aos vizinhos, dizendo que não sabe mais o que fazer, porque assim morreremos de fome. Eu disse a mamãe que matarei o novo papai. Mamãe, porém, me disse que o pequenino Jesus ficaria zangado. No catecismo aprendi que os anjos são muito felizes, e que não obedecem senão ao Pequeno Jesus. Desejaria muito ser um anjo, porque sou tão infeliz. Eu te suplico, Pequeno Jesus, leva-me depressa contigo. Beijote as mãos. Jeanot”.

Não é uma invenção, mas sim um acontecimento. Dizei-me, pois, teremos o direito de revoltar-nos e indignar-nos, se um dia estas criancinhas, crescendo, se tornarem malfeitores, homens sem moralidade, ladrões, assassinos? Dizei-me: quais os culpados? as crianças pervertidas, ou os pais, cujo divórcio foi uma ocasião para a ruína de seus filhos? Se esquadrimos a juventude dos famosos celerados, quantas vezes não encontramos, como origem de seus crimes, uma família separada.

D) Não há mais tanta necessidade de insistir sobre a última constatação, de que o *divórcio é também uma maldição para a própria humanidade* e que o divórcio é o meio mais seguro para arruinar uma nação.

a) Sei que alguns, vendo isto, hão de fazer esta reflexão: “Naturalmente! os padres são obrigados a falar assim. Respondei-me, porém, agora, não mais como padre, mas como homem que sabe compreender e compadecer-se: Se não fôsseis padre, afirmaríeis tão categoricamente que o casamento não pode ser dissolvido? Rogo-vos não faleis agora como padre, mas como homem conhecedor dos corações, e das lágrimas dos que sofrem...” Bem. Vou responder. Quero responder com tôda a sinceridade. Quanto mais avanço em

idade, tanto mais tenho podido conhecer os corações e as almas que sofrem. Vejo mesmo o quanto, sob o ponto de vista humano, a Igreja tem razão para não dissolver o casamento.

Pois torna-se cada vez mais evidente para mim que a grande luta levantada em favor do divórcio, não é senão uma parte do grande assalto que o ateísmo e o paganismo moderno abrem contra a orientação sobrenatural da humanidade, contra a religião. O fim que têm em mente os divorcistas não é, em absoluto, curar os sofrimentos dos esposos infelizes, mas sim subtrair a humanidade às leis divinas. A guerra travada contra o casamento não é senão um aspecto da grande guerra de idéias. Aquêles que se orgulha de sua fé em Deus e em Cristo não pode, pois, colocar-se no campo dos inimigos.

b) De outro lado, mesmo no ponto de vista puramente humano, não posso aprovar o divórcio, porque já *a sua simples possibilidade exerce uma ação desmoralizadora sobre a humanidade, paralisa seu ardor combativo, e faz retroceder muito a educação moral.*

Sob qualquer aspecto que se olhe a coisa, reconhecemos que o divórcio nunca foi um acontecimento nobre e edificante, mas sempre uma tragédia, uma falência, uma ruína. Uma tragédia moral que exerce uma influência deprimente, paralisadora, corrupta sobre a vida sã e harmoniosa da família, tal como os combatentes que perdem a coragem e o ardor, quando os traidores fogem covardemente em plena batalha.

Sabendo, porém, os homens que o casamento é indissolúvel serão mais indulgentes, domarão seus caprichos, vencerão suas tendências, isto é, educar-se-ão a si mesmos. Se a possibilidade do divórcio flutua constantemente aos seus olhos, então, em cada pequeno aborrecimento buscam vergonhosamente um refúgio,

e recuam com medo ante o desdobramento de forças sem as quais não podem representar nenhum progresso moral.

II) OBJEÇÕES CONTRA A INDISSOLUBILIDADE DO CASAMENTO

Se assim é e se a Igreja não permite tocar na indissolubilidade do casamento, isto não significa que ela não conheça as objeções contra a indissolubilidade e não saiba que dêste rígido princípio decorrem para o indivíduo, infelizmente, algumas vezes conseqüências desastrosas.

Escutemos as objeções mais freqüentes.

A) *Mas isto é barbaria, crueldade!* chamam aqueles cujos ombros se dobram sob a cruz de um casamento infeliz. Milhares e milhares de esposos devem levar uma vida de amarguras, por causa de um princípio, do princípio de indissolubilidade sobre o qual a Igreja não quer ceder, e que devemos sorver até as últimas gotas.

a) Que responderemos a êstes infortunados? Duvidaremos de suas palavras? Não. Pois o que êles dizem é a verdade, mas a desgraça é *que êles dizem apenas a metade da verdade*. "Por causa dêste princípio de indissolubilidade do casamento, milhares e milhares de esposos arrastarão uma vida cheia de amarguras", é verdade. O que é mais verdade ainda é que por causa dêste mesmo princípio milhões e milhões de esposos vivem unidos, para o bem da humanidade. Em geral não se toma conhecimento senão de coisas extraordinárias, sensacionais, escandalosas e dramáticas. Não, porém, do fato, conseqüência da lei severa da indissolubilidade do casamento segundo o qual muitos esposos vivem juntos, quando sem esta prescrição rigorosa

estariam separados desde muito tempo, enquanto que por causa dêste mandamento esforçaram-se por se acostumar um com o outro, sendo indulgentes, e mutuamente perdoando-se. Milhares e milhares de choques se podem produzir no casamento, mas serão superados por esta convicção absoluta: não há divórcio, é impossível. E' verdade que devo demonstrar muita indulgência... que devo suportar muita coisa... mas juramos uma fidelidade perpétua, e não se pode mudar. E' melhor então dedicar-me ao trabalho de me habituar, e dominar-me.

b) *“Mas, então, o casamento, mesmo o bom casamento, é um sacrifício perpétuo!”*

E' verdade. Um sacrifício perpétuo. E para que êste sacrifício seja possível, Nosso Senhor Jesus Cristo abriu-lhe uma fonte tôda especial de graças: o sacramento do matrimônio. Muitas vêzes, mesmo pessoas bastante religiosas, têm, em geral, idéias superficiais a êste respeito. Ora o casamento não é um negócio sentimental, nem uma cerimônia, nem um ato do estado civil, é um Sacramento. Um sacramento que assegura graças para tôda a vida, para os dias difíceis, em que a recíproca fidelidade de esposos, o domínio de si, seu amor, sua indulgência, estão sendo provados.

B) *“Oh! sei de tudo isto!”* responderá talvez um de nossos irmãos infelizes. *“Tudo experimentei, mas mutuamente não nos suportamos mais. Enfim, não fomos feitos um para o outro. A vida comum tornou-se um inferno, um inferno! Não há, pois, uma separação possível?”*

a) *Sim, há uma separação possível, mas não novo casamento.* Quando a Igreja vê que a vida comum se tornou totalmente impossível e intolerável, permite que os esposos se separem abandonando esta comunidade de vida. Mas o liame conjugal não se rompeu por isso.

Continuará a existir enquanto não morrer uma das duas partes. Não é, pois, permitido novo casamento, vivendo a outra parte.

Não é permitido? Por quê? Porque Nosso Senhor Jesus Cristo o proibiu claramente, como demonstrei anteriormente. Não é questão de uma lei eclesiástica, nem de um decreto de tal ou tal papa. O que o papa prescreve um outro papa pode abolir, mas o que Deus ordenou, Ele o fez baseado em leis inerentes à nossa própria natureza, e também em leis positivas, e ninguém sobre a terra tem o direito de mudar uma palavra.

b) Há ainda uma outra razão, indicada pela alma delicada de uma ilustre escritora. Difícilmente há, em nossos dias, uma mulher escritora mais célebre que a romancista norueguesa *Sigrid Undset*, titular do prêmio Nobel. Não nasceu católica, mas converteu-se, e foi, justamente, a concepção ideal do casamento, na Igreja Católica, que impressionou mais fortemente a sua alma.

Apresenta ela, contra o novo casamento, uma idéia muito interessante, inteiramente original e nova. Os esposos separados, escreve ela, devem permanecer sem novo casamento, porque o primeiro ainda é sempre válido, e, por consequência, devem rezar e fazer penitência um pelo outro, a fim de que a outra parte se converta e volte. Devem permanecer numa situação que *nenhum obstáculo impeça uma reconciliação, se o outro quiser voltar.*

Realmente, que delicada maneira cristã de pensar! Quantas vezes, de fato, acontece que justamente a parte causadora da separação reflete e vê o que perdeu e o mal praticado. E se uma prova qualquer, uma doença, uma infelicidade, lhe toca, ela está pronta a voltar, com arrependimento. Não é uma bênção esta concepção

austera do catolicismo, não permitindo novo casamento, e deixando assim aberto o caminho de volta?

C) “Isto é muito bonito. A Igreja prega um ideal magnífico, *mas. não vê ela então a triste realidade?* Não vê que a humanidade está muito longe dêste ideal? O casamento monogâmico, indissolúvel, a fidelidade conjugal, a fidelidade mútua, e para com os filhos... tudo isto é o ideal, um ideal sublime. Mas a Igreja não vê então quão poucos o seguem? Por que não tem ela um pouco mais de indulgência? E então não perderia milhares e milhares de fiéis que abandonam a religião de seus antepassados, porque ela não permite um segundo casamento”.

Porque isto seria a ruína da humanidade. Certamente ela vê, com o coração aflito, os que desertam de sua bandeira, mas nada pode fazer para amenizar sua exigência. Ela não pode, porque nada pode fazer contra as prescrições divinas. Ela não o pode, porque agindo de outro modo, não só daria razão aos fracos e hesitantes, e os fortificaria em suas idéias frívolas, mas, ainda, privaria os que lutam corajosa e seriamente da força reconfortante do ideal. Tem ela o direito de rebaixar êste ideal ao nível dos fracos e hesitantes? Tem o direito de colocar um anteparo aos raios do sol, unicamente porque os olhos doentes não suportam seu brilho puro?

D) Coloquemos pois as duas idéias, uma ao lado da outra, e façamos o balanço: que significa a indissolubilidade do matrimônio e o que significa a possibilidade de rompê-lo?

A indissolubilidade do matrimônio significa o verdadeiro respeito da mulher, da sua dignidade, de sua igualdade de direitos com o homem. O divórcio significa a humilhação da mulher, sua escravidão absoluta.

A indissolubilidade do matrimônio significa o amor

e a educação dos filhos. O divórcio significa o receio dos filhos ou, se há filhos, significa a ruína e o drama doloroso de sua educação.

A Indissolubilidade do matrimônio significa um sentimento de segurança: aconteça o que acontecer, estamos perfeitamente unidos um ao outro. A possibilidade do divórcio significa um temor, uma ansiedade, uma desconfiança perpétua... A outra parte não me abandonará em minha doença, em minha velhice, em minha miséria?

A indissolubilidade do matrimônio significa *o domínio de si*. Devemos permanecer um ao lado do outro, devemos-nos acostumar um com o outro e mostrar-nos generosos e indulgentes, reciprocamente. Mas a possibilidade do divórcio acentua ainda mais os contrastes, pois sempre me ronda esta tentação: para que esforços? Se não lhe agrado, separar-nos-emos.

A indissolubilidade do matrimônio significa a *fidelidade conjugal*.

“Jurei fidelidade até a morte”. Ao contrário a idéia da possibilidade do divórcio encoraja a tentação de infidelidade: “por que lutar contra ela se se tem o direito de fazê-lo?”

Em uma palavra, a indissolubilidade do matrimônio é a *base da Igreja, do Estado, da sociedade e da civilização*. A possibilidade do divórcio, ao contrário, abala os alicerces vitais da humanidade, conduz ao endurecimento moral e à ruína dos povos. Olhemos as estatísticas dos divórcios. Só no ano de 1929, houve na Hungria mutilada 14.500 divórcios. Só num ano 29.000 pessoas romperam os laços da fidelidade “perpétua”, que juraram. Um número, ao menos igual de crianças, ou quem sabe maior, talvez 40.000, ou porventura 50.000, tornaram-se assim órfãs e foram lançadas à rua, ou às mãos de padrastos. Isto no interesse da nação?

Olhemos a estatística dos suicidas: os divorciados se suicidam em número muito maior que as outras pessoas. Será no interesse da nação?

Olhemos a estatística dos jovens criminosos: 60 por cento têm seus pais divorciados, 20 por cento são de nascimento ilegítimo. Será o interesse da nação?

Quando a família adocece, todo o povo também adocece. Destruída a família, destruiu-se também o povo, e não há nem bem-estar material, nem lei, nem exército, nem política que possa sustar sua decadência.

* * *

Os antigos romanos possuíam uma divindade chamada Jano; era o deus que guardava uma das portas da cidade. As legiões passavam sob o arco de Jano, quando partiam para a guerra ou quando voltavam, e daí o costume de fechar a porta do templo de Jano, quando se estava em paz.

Em nossos dias, a Igreja Católica assume a tarefa sobre-humana, aquela luta de vida e de morte, para fechar novamente a grande porta que o mundo, afastado de Deus, abriu frívolamente, e pela qual se infiltra na humanidade um perigo mais devastador que a guerra. Compreendamos bem que, se a Igreja conseguisse fechar a grande porta do divórcio, se ela convencesse a humanidade da impossibilidade do divórcio, então a humanidade gozaria novamente os benefícios da paz. Como devemos agradecer à nossa Igreja por resistir abertamente às idéias do mundo frívolo, e proclamar impavidamente: Espôso, se fôr preciso sofrer muito, ceder e perdoar muito um ao outro, fazei-o por amor do céu, fazei-o! Mas não o divórcio... não o divórcio.

Não o divórcio, porque nada podemos tirar ao mandamento formal de Deus.

Não o divórcio, porque não podemos precipitar na ruína moral filhos sem pai e sem mãe.

Não o divórcio, porque não temos dinheiro para novas casas de correção e novos orfanatos.

Não o divórcio, porque não podemos atirar o nosso povo a uma catástrofe.

Não o divórcio, porque não queremos introduzir um verme roedor na árvore da sociedade e fechar com lodo a antiga fonte da vida humana.

Quem respeita a santa vontade de Deus é contra o divórcio. Quem ama a jovem geração é contra o divórcio. Quem cuida da vida humana ordenada é contra o divórcio. Quem ama sua pátria, e a ama não só em palavras, mas com o perigo mesmo da própria vida, é contra o divórcio.

Tende piedade, meu Deus, de nossa pátria. E fazei que todos os esposos e tôdas as famílias compreendam, e observem a vossa santa vontade, o vosso grande mandamento: não há divórcio, não há divórcio possível. Amém.

CONFERÊNCIA XI.

O DIVÓRCIO

Há alguns anos desenrolou-se em Berlim um processo de divórcio inteiramente curioso. Um homem e uma mulher desejavam vivamente o divórcio. Concordaram em declarar que não podiam viver unidos. Não se entendiam, porém, em uma questão extremamente importante: Para quem ficaria o cão? Sim, o pequeno cão que ambos amavam com um amor sem limite em lugar dos filhos, que não tinham. Pois não tenho necessidade de dizer-vos que êstes esposos que queriam divorciar-se não tinham filhos. Aliás êles não os quiseram.

A espôsa foi obrigada a submeter-se, com o coração pesaroso, à sentença que deixava o pequeno cão à guarda do marido. A mulher, contudo, tinha o direito de, uma vez por semana, ir ver o seu òrfãozinho e levá-lo a passeio durante quatro horas. A mulher devia, pois, durante estas quatro horas, esforçar-se por ultrapassar seu marido em amabilidades, e combater no coração de seu pequeno tesouro a sua influência e assegurar assim o apêgo e a afeição de seu pequenino cão.

Assim terminou êste processo de divórcio. Não se sabe se rir ou chorar. Rir diante desta comédia de dois esposos em luta, não por estarem sem filhos, mas para saberem a quem pertencia o cãozinho. Rimo-nos

disto, mas não deveríamos antes perguntar angustiados: Que se espera de uma humanidade que a tanto se abaixou?

Nas duas últimas instruções tratamos da indissolubilidade do matrimônio, e procuramos pesar todos os argumentos, que sob o ponto de vista religioso, moral, social e pedagógico se podem alegar a favor da indissolubilidade do casamento.

Infelizmente, diante dêste alto ideal se levanta a vida real. A triste realidade mostrando a multidão de divórcios que se espalham na sociedade, como peste, minando o mais santo ideal da humanidade.

Após as altas e ideais considerações das duas instruções anteriores, vamos pois agora descer a triste realidade. Após examinarmos o que deveria ser, examinaremos o que é. *Falaremos do divórcio*. I) Da proporção assustadora a que se eleva, em nossos dias, o número de lares destruídos, isto é, *do número crescente de divórcios*. Não falarei senão brevemente, porque é um fato bem conhecido. II) Queria expor com mais detalhes *a imensa miséria e a desordem moral crescente* que surgem das ruínas do santuário familiar desmoronado.

Possa esta instrução ser ao mesmo tempo uma resposta a êstes inúmeros esposos que, em suas cartas, me expuseram seus dolorosos lamentos. Praza a Deus que eu leve a paz às almas aflitas.

I) O AUMENTO DO NÚMERO DE DIVÓRCIOS

A) A primeira triste realidade de que trataremos nesta instrução é *pois o aumento assustador do número de divórcios*, sobretudo após a guerra.

a) *Treme aquêle que lança um olhar, ainda que rápido, sôbre as ruínas do santuário familiar demolido*

E não é verdade, como pensam alguns, que a causa dos divórcios está não no relaxamento da moralidade, mas sim na situação material e econômica desfavorável. Nada disto. Porque se tal fôsse verdade, quem compreenderia que em Budapest a maior parte dos divórcios se deu precisamente na sexta circunscrição, enquanto que foi menor o número nos dois quarteirões mais pobres? Não vos quero fatigar apresentando longas estatísticas. São elas, com efeito, muito conhecidas, para que eu seja obrigado a apresentá-las novamente. É um fato muito sabido que em certos países existem agências especializadas, que fazem ofertas de serviços às jovens famílias, prometendo-lhes um concurso rápido, pontual, preço moderado, fornecendo-lhes motivos de divórcio, tudo pronto, com pagamentos mensais. É igualmente muito sabido que nas grandes cidades se encontram casas onde moram quase que exclusivamente divorciados. Divorciados e pessoas que estão no seu segundo, terceiro ou quarto matrimônio. A proprietária no rés-do-chão vive com o seu terceiro marido. Já se divorciou duas vezes. No primeiro andar, no pátio, uma mulher acaba de casar-se novamente na última semana e traz consigo os três filhos do seu primeiro casamento. O senhor que habita um belo apartamento do primeiro andar, para a rua, está quase a se divorciar. Tôda a casa fala nisto. E muitos lhe dão razão.

b) *“Naturalmente que ele vai se divorciar! Que lhe resta a fazer se não se entende com a sua mulher? Experimente uma outra. Experimentará até encontrar uma boa. Todo o mundo tem direito à felicidade. E se certos “princípios” e certas “considerações” se opõem à minha felicidade, passo simplesmente sôbre isto... E a Igreja faria melhor se compreendesse que o homem de hoje tem idéias dêste gênero. Por quanto tempo quer ela manter esta proibição arcaica? Não há reli-*

gião, no mundo, bastante forte para resistir ao modo de ver geral da humanidade...”

Quantos falam muitas vezes assim!

E em parte êles têm razão. Têm razão, no sentido que fora da religião católica não há poder no mundo capaz de lutar contra a onda de divórcios. E' bem verdade. Mas em compensação, a Igreja compreende a responsabilidade de sua missão divina, sente em si uma fôrça divina capaz de resistir à avalanche, sente um olhar lúcido, olhos puros, vontade indomável e mandamento de Cristo, e eis por que ela não pode nunca ceder.

B) *“Contudo a Igreja deveria mostrar-se indulgente. Não vivemos mais na Idade Média, mas no século do rádio, do avião, e da eletricidade. A Igreja não sabe desta multidão de dramas que se originam do fato de não permitir ela o divórcio?”*

a) *Sim, conhece-os. E como ela se compadece disto!* Como ela se compadece dêstes homens que compreenderam séria e conscienciosamente a grande questão do casamento, e não são responsáveis se desposaram uma boneca frívola, leviana e dissipadora. Como ela se compadece destas mulheres que se apresentaram com todo o idealismo de uma alma pura diante do altar de seu casamento, e encontraram, em lugar de cavalheiro ideal sonhado em seu quarto de jovem, um marido grosseiro, brutal e insuportável. Como poderia a Igreja não se compadecer dos sofrimentos dêstes inocentes! Como não veria ela tôdas estas rixas, discórdias e amarguras que nascem, quando são obrigados à vida comum, dois sêres que gostariam mais de se dizerem imediatamente um eterno adeus!

Ninguém diga, pois, que a Igreja ignora o heroísmo sôbre-humano exigido pela indissolubilidade do casamento; sabe que há casamentos infelizes, onde guar-

dar a fidelidade até a morte equivale a um verdadeiro martírio.

b) *Mas por que, então, não se abrandam estas severidades aparentemente exageradas?*

E' porque ela nada pode modificar no mandamento formal de Cristo. E é também porque vós não vêdes senão um lado da questão, enquanto que ela vê igualmente e outro. Vêdes só os numerosos sofrimentos que a indissolubilidade pode causar. Mas a Igreja vê também os valores indispensáveis que dependem desta mesma indissolubilidade. Ela vê que atualmente milhares e milhares de pessoas sofrem por causa da indissolubilidade, e seria não milhares de homens mas a humanidade inteira que se arruinaria, se fôsse possível o divórcio.

Até quando manterá, pois, a indissolubilidade do casamento? Enquanto houver homens sobre a terra. Homens que devam executar a vontade de Deus: "O homem não separe o que Deus uniu" (Mt 11, 6).

E se por causa disto perde ela sempre mais fiéis? Mesmo assim. E se com isto ela perde novos países, como perdera outrora a Inglaterra? Ainda mesmo assim. Porque ela pode tudo sacrificar, menos uma coisa: O mandamento de Cristo.

II) CONSEQUÊNCIAS FUNESTAS DO DIVÓRCIO

Todo o homem capaz de lançar um olhar bastante profundo no caos incomensurável, e na miséria moral a que arrasta inevitavelmente o divórcio, compreende quanta razão tem a nossa religião, para lutar com todas as suas forças contra o divórcio.

Não quero aqui apresentar considerações teóricas. E' a triste realidade, é a vida mesma que vai falar. Não há sermão que possa mostrar tanto as maldições

do divórcio, como as duas cenas tomadas ao vício que eu quero lembrar aos meus ouvintes.

A) Uma mulher de quarenta anos assentou-se diante de mim, em meu escritório. Quando começa a falar, ainda não chora, mas luta contra a sua grande dor. Logo, porém, sua voz se torna velada, sua aflição torna-se cada vez mais acentuada, e por fim tôdas as suas palavras são entrecortadas de soluços:

— Somos casados há vinte anos, ambos bons católicos, durante muito tempo fomos à confissão e à comunhão. Tenho quatro filhos, o primeiro com dezesseis anos, e o mais jovem com seis anos. Durante dezessete anos, levei com meu marido uma vida de felicidade. Mas há três anos, uma jovem, a caixa de nossa casa comercial, veio colocar-se no meio, e daí por diante meu marido mudou completamente. Tornou-se brutal, nervoso, abandona sua família, mal está em casa à noite... E eu suporto isto tudo há anos. Não por mim, mas por meus filhos. Choro e sofro em silêncio. Mas agora não posso mais. Esses últimos dias descobri tudo, e êle me confessou tudo. Estava, é verdade, muito comovido, e me fez promessas, mas está acabado. Eu não posso mais com isso, vou divorciar-me.

E a pobre senhora chora amargamente.

a) De fato, quem ousaria afirmar que ela não é uma pobre mulher? Quem ousaria duvidar que pesada cruz amarga a sua existência? E agora, eu lhe vou dizer que não se divorcie. Posso dizer, contudo, que lhe vou aconselhar talvez o maior sacrifício que Deus possa esperar de uma criatura humana sôbre a terra. *Mas é preciso que eu a persuada, pois não há melhor solução.*

— Então, senhora... vós quereis vos separar de vosso marido... E' verdade que nestas circunstâncias dolorosas a Igreja permite a separação, isto é, desliga-

vos do juramento que fizestes, por ocasião de vosso casamento, de permanecer junto de vosso espôso durante tôda a vida. A Igreja pode autorizar-vos a deixar vosso marido, mas, naturalmente, não é possível novo casamento.

— Ah! não penso nisto. Estou satisfeita com um. Por que hei de tomar novo marido?

— Mas refleti bem nas conseqüências de vosso gesto. Pensai primeiramente em vossa alma. Neste momento sentis e não pensais que seja de outro modo que podereis guardar a castidade à qual vos abrigará esta separação. Mas que enorme domínio de vós isto exigirá! Quantos discursos tolos precisareis ouvir: “sois ainda jovem e levais uma vida tão triste”. Podeis sempre resistir a êstes assaltos?

— Irei me confessar e comungar, muitas vêzes. Sim, creio que tudo irá bem.

— E' verdade. Vossa alma, para vós, estará em ordem. Mas pensais também no que acontecerá ao vosso marido?

— O que acontecerá? Êle já me abandonou, e já caiu.

— Sim. Mas se lhe perdoardes e tudo esquecerdes — oh como isto é difícil! — êle poderá ainda levantar-se. Se, ao contrário, vos separardes dêle agora, o deixais no abismo do qual talvez não mais possa sair. Dissestes que vosso marido, outrora, era piedoso. Pode-se, pois, ainda esperar. E' verdade êle tropeçou, mas se agora êle vos pede perdão...

— Mas, dizei-me, Monsenhor, pode-se esquecer semelhante coisa?

— Não é esta a questão. Não se consegue sempre apagar uma lembrança e governar os sentimentos. Mas a intenção. A vontade. O gesto de perdão. A reconciliação com quem se arrepende. E eu ainda não falei

da pesada responsabilidade que assumis por uma separação: a sorte de vossos filhos.

— Eu também sinto muito. Se tudo suportei até aqui, foi por causa de meus filhos.

— E continuareis a fazê-lo. Porque não quereis que êstes infelizes se tornem órfãos, vivendo seu pai e sua mãe. Não podeis querer que seu jovem ideal se desmorone como um castelo de cartas. Não podeis querer a horrorosa tragédia por que passam os filhos, cujos pais se separam, e que conseqüentemente arruinam estas almas.

b) Compreendo que alguns, talvez, queressem intervir em favor desta mulher. Intervir perguntando:

— Por que uma pessoa tão infeliz e inocente não se pode casar de novo? Na primeira vez ela não foi feliz, não foi bem sucedida. Por que não se casaria novamente? *Será que ela não tem direito à felicidade?*

Quantas vezes não se ouve êste brado de indignação. E aquêles que assim falam não percebem, talvez, quanto esta linguagem não é cristã. Sim, o cristão quer também ser feliz, mas só conforme a vontade de Deus e não contra ela. Ora, nesta questão, como em tôdas as outras, a vontade divina corresponde justamente aos interesses da sociedade, do bem comum da humanidade. Mas o interesse da humanidade e a conservação do bem comum se sobrepõem à felicidade particular e mesmo aos sofrimentos individuais.

“Que me importa êste interesse geral”? dirão alguns amargamente. Eu não cuido senão do meu próprio interesse”.

Não, mil vezes não! Quando estoura a guerra, todo mundo é enviado para a frente, porque o interesse da pátria o exige. “Que me importa o interesse da pátria? Fugirei”. Será que alguém poderá falar assim?

Existirá um direito maior para dizer — que me importa o bem geral, fugirei da frente da vida familiar?

B) Infelizmente há os que desertam. Há os que não observam o mandamento formal de Deus, e *contratam um novo casamento, enquanto o outro cônjuge ainda vive.*

a) Sabeis o que daí resulta? Uma conversa como esta :

— O que faz a Igreja Católica é inaudito. *Fui me confessar e não recebi absolvição.* Jesus Cristo não ensinou esta crueldade. Ele perdoou mesmo a mulher adúltera... Onde se encontra entre nós a caridade cristã?

Assim esbravejava diante de mim, indignada, uma senhora, que dificilmente me deixava dizer uma palavra.

— Mas, senhora, a recusa da absolvição é um termo tão horrível, uma pena tão dolorosa que nenhum confessor a aplica, sem uma extrema necessidade. Se vos foi realmente recusada a absolvição, houve para isto um motivo muito sério.

— Um motivo? Acusei-me de ter um segundo marido.

— Bem! Vêde como fizestes mal, indignando-vos contra o vosso confessor. Não encontrareis no mundo inteiro um confessor que vos possa dar a absolvição.

— Por quê? Se eu confesso meus pecados? Será que Cristo não perdoou a mulher adúltera?

— E' a segunda vez que invocais êste exemplo. Se lerdes, todavia, esta história na Sagrada Escritura, vereis que êste caso não fala em vosso favor. Não sabeis o que disse Nosso Senhor, absolvendo-a? "Ide, e não pequeis mais" (Jo 8, 2). Eis a condição de absolvição: Não pequeis mais. E' verdade, caístes, fôstes fraca, mas, agora, não o fareis mais? Vós, porém, senhora, não podeis prometê-lo, e é justamente por isto

que não podeis receber a absolvição. De nenhum padre nem do próprio Cristo. Porque viveis com um homem que, segundo Nosso Senhor Jesus Cristo, não é vosso espôso, e viver com êle, juntos, como se fôsseis casados, constitui um contínuo pecado, grave. E agora julgai vós mesma se merece absolvição aquêle que diz: Muitas vêzes cometi o pecado, e eu peço perdão disto, ainda que queira continuar a viver assim...

— Mas como sabeis que, segundo Nosso Senhor Jesus Cristo, êle não é meu marido?

— Como? Pelo próprio Cristo. Concentrai-vos um pouco, abri o evangelho de São João, no capítulo IV, e lereis aí a conversação que o Salvador teve, junto ao poço de Jacob, com a Samaritana, que estava com o seu sexto marido. "Jesus lhe diz: ide, chamai vosso marido, e vinde aqui. A mulher responde: Eu não tenho marido. Jesus diz: Tendes razão em dizer que não tendes marido, porque tivestes cinco maridos, e aquêle que tendes agora não é vosso; nisto dissestes a verdade" (Jo 4, 16-18).

Parece que esta senhora compreende sua falta. Olha em silêncio, e depois pergunta docemente:

— Mas, então, que fazer? Devo eu deixar meu segundo marido?

— Vêde, agora, achastes a única solução.

— Não, isso não pode ser, respondeu ela, indignada. Vivemos juntos há dez anos. Isso não pode ser. Mas eu quereria confessar-me. Não há de fato outro meio?

— Não há, senhora.

— Que crueldade! É uma lei tão severa e tão dura, que trará a ruína da religião católica. E eu também vou deixar o catolicismo por causa disto.

— Ides renegar a fé por isto? Em suma, a religião católica não é a verdadeira, porque prega estritamente o mandamento de Cristo? Não será esta uma atitude se-

melhante a um pequeno aluno que, diante da severidade de seu mestre, declara: agora não acredito mais que dois e dois são quatro. E' bem verdade, muitos sofrem por causa dêste princípio, mas que um princípio seja severo e difícil, não é isto que importa.

— Não é isto? Que é então?

— E' se o princípio é verdadeiro e justo. Se sua observância é um mandamento de Deus. Se é um fundamento necessário da vida humana. Se os interesses superiores da vida humana, o bem comum o exigem, como o pedaço de pão, como a respiração. E se assim fôr, e assim é para a indissolubilidade do matrimônio, é preciso sustentá-lo, observá-lo, ainda que êste princípio para alguns seja fonte de sofrimentos e dramas.

A senhora levanta-se com um ar teimoso, sai, e de fato deixa a religião católica. Nossa Igreja a vê partir com o coração apertado, como Nosso Senhor viu afastarem-se os discípulos incrédulos (Jo 6, 67), mas ela não pode cortar uma só palavra da lei, como Cristo não cortou uma letra de suas palavras.

C) Citarei ainda outro caso? Há ainda os mais dolorosos. Há casos em que as pessoas não só se entregam à cólera, mas levantam suspeitas sem razão. *Emittem levemente juízos superficiais sôbre a maneira de agir da Igreja.* Esbravejam, acusam, e quando se lhes explica a questão emudecem.

Um dia, um homem, todo fora de si, encontra-se comigo, e sufocando de indignação acaba por proferir:

— E' inaudito. A Igreja também toma partido pelos ricos. Ontem, casou-se um de meus colegas, um jovem riquíssimo, em tal paróquia. Pois bem, sua espôsa já é casada. Que significa isto? Os ricos têm direito a tudo. Só os pobres que não o têm.

Mal tenho tempo de dizer uma palavra.

— E' que seu primeiro marido faleceu!

— Nada, não morreu. Eu o conheço pessoalmente. E' um alto funcionário. Eu mesmo assisti ao seu casamento.

— Então... como, presentemente, não vos posso responder, estudarei o caso.

Fiz pesquisas. E que resultou? Isto: realmente houvera o primeiro casamento, mas, desde o primeiro instante fôra inválido. A jovem, com efeito, não queria desposar o môço. Durante dois anos, defendera-se com tôdas as suas fôrças. Finalmente sua mãe a despedira e ameaçara de morte. A resistência da pobre môça se quebrara, e ela apresentara-se ante o altar, e pronunciara o seu "Sim", mas contra a sua vontade. Ela não queria dar seu consentimento. E nunca pensara nisto. Naturalmente um tal casamento não pode ser válido. Assim mesmo neste caso a expressão "a Igreja anulou seu casamento" é inexato, porque um casamento válido e consumado não pode ser anulado, mas a Igreja só constatou que o casamento não existia, mesmo realizadas as cerimônias. Ambas as partes estão livres, portanto, e podem contrair matrimônio.

Deixemos agora êstes tristes exemplos. Foi preciso mostrarmos nesta instrução estas dolorosas tragédias. Terminaremos sob estas impressões acabrunhadoras e desesperadoras?

Em absoluto.

Sim, nossa alma freme, quando vemos os dramas horrorosos que o divórcio espalha sôbre a humanidade. De outro lado, porém, apresentam-se aos nossos olhos os casamentos felizes, em que, hoje, vivem muitos esposos, e sôbre os quais hoje ainda se elevam a civilização e a sociedade humana.

Graças a Deus há ainda hoje casamentos felizes. Casamentos em que os pais e filhos, todos crentes, vivem unidos, no temor de Deus, no amor recíproco, e

no espírito de sacrifício. Há esposos que sabem se sacrificar, que, com alma generosa, sabem “levar o fardo uns dos outros” (Gál 6, 2), que após dezenas de anos passados juntos, não só chegaram à semelhança espiritual, mas apresentam em sua velhice, sobre seus semblantes, uma semelhança de traços. Há muitos destes, muitos mais mesmo, do que pensa o mundo frívolo, que observam a fidelidade e o juramento sagrado, feito ao pé do altar. Trabalham juntos, juntos descansam e lutam, e juntos alcançam a vitória.

E quando um deles chega à última hora, por amarga que seja a separação, ela não é sem esperança. Creio que é bem verdadeira a frase que li a propósito de um desses esposos. No momento da morte, toma em suas mãos ardentes as mãos de sua esposa, e olhando-a longamente, diz-lhe essas palavras: “Agradeço a Deus de te haver dado a mim”.

Deve agradecer e render graças a Deus quem d’Ele recebeu um espôso ou uma esposa ideal.

E agora peço aos que receberem de Deus a grande graça de um matrimônio feliz que rezem muito, a fim de que os outros também obtenham o mesmo favor, e que sobre a base do santuário pacífico e feliz da família se possa edificar, sobre a terra, uma vida humana mais feliz e bela, e que a família feliz e unida se encontre um dia na felicidade eterna do céu. Amém.

CONFERENCIA XII.

O CASAMENTO FELIZ

Nas últimas instruções falamos tanto de casamento infeliz e das famílias infelizes, que já é tempo de falarmos enfim da felicidade no casamento e das famílias felizes.

Felicidade familiar! exclamarão talvez com voz cansada muitas vítimas de tristes decepções. — A felicidade familiar! Sim, eu também tive êste sonho, quando me ajoelhei com minha noiva, ao pé do altar iluminado e sobre nossas mãos enlaçadas desceu a bênção do sacerdote. O órgão tocava melodiosamente, o altar estava ornado de flôres, a vida se nos apresentava cheia de promessas. E hoje? Que resta hoje de tudo isto? Que sucedeu, na realidade, de tôdas estas esperanças?

E' verdade. . . E no entanto vou tratar do casamento feliz. E eu perguntarei a vós que vos lamentais tão amargamente, dizei-me — não sereis vós, de algum modo, culpados se poucas de vossas esperanças se realizaram? Não pensastes que, casando-vos, encontraríeis a felicidade já preparada? Ninguém, contudo, a recebe assim. Vós recebestes, apenas, a possibilidade. Recebestes uma tarefa que vós mesmos deveríeis resolver. A infelicidade, porém, é que vós mesmos não trabalhastes para que o vosso casamento fôsse feliz. A infelicidade é que pensastes ser coisa pronta aquilo que devíeis realizar

à custa de vossa ativa colaboração. A infelicidade é que não mobiliastes bem o vosso lar.

— Não compreendi bem, respondereis talvez. Como não mobiliei bem a minha casa? Cada móvel foi executado sôbre os planos do melhor entalhador.

— Sim, eu creio. Mas há em vosso lar três móveis, que são, pròpriamente falando, indispensáveis à felicidade familiar?

— Três móveis? Estou realmente curioso para saber quais são êstes três móveis.

— Será justamente do que trataremos nesta instrução. Recomendam-se, não é?, aos jovens casados as casas onde poderão adquirir seu mobiliário. Vou agora recomendar três peças de mobília, três móveis de uma virtude maravilhosa. Por pobre que sejais, podeis obtê-los, e se os possuídes a vossa vida familiar será feliz. Ao contrário, porém, por rico que sejais, se faltam êsses três móveis em vosso lar, vosso casamento não poderá ser feliz.

Quais, pois, êsses três móveis, sem os quais não há família feliz?

A mesa da família, o crucifixo e o berço. Falaremos agora dos dois primeiros. Ao terceiro consagramos duas instruções especiais.

1) A MESA DA FAMÍLIA

A) Creio não ser necessário explicar de um modo especial que, mencionando a mesa de família como primeiro móvel indispensável, *penso particularmente em todos os problemas da vida comum dos esposos.*

A mesa de família não significa, pois, sòmente o móvel ao redor do qual se reúne com amor tôda a família, e onde o pai assenta-se ao entrar, fatigado do seu trabalho. Significa ainda mais a *comunhão* das al-

mas, a perfeita harmonia, *a união de corações*, base indispensável de um casamento feliz, e que repousam sobre duas colunas: autoridade e amor. Porque, realmente, a felicidade familiar exige a conveniente união da autoridade e do amor.

b) A família não é uma associação, nem uma sociedade por ações, nem um sindicato, mas um *organismo vivo*. Ora, a vida de um organismo tem leis que não se podem modificar. Pode-se fortificar o organismo, favorecer seu desenvolvimento, facilitar seu trabalho, mas tudo com uma única condição: não se tocar nas bases sobre as quais está construída toda a sua vida.

Uma destas leis fundamentais é, por exemplo, no casamento, a inseparabilidade dos esposos, a indissolubilidade do laço conjugal, como já dissemos anteriormente. O que pode ser anulado não é casamento.

Mas para que a vida conjugal corra sem empecilhos, para que floresçam nela a felicidade e todas as alegrias que o próprio ideal cristão do casamento encerra em si, torna-se necessária a realização de uma outra lei fundamental. Ei-la: é a boa ordem e a distribuição do trabalho entre os membros da família, ou em outros termos, o conveniente emprêgo da autoridade e do amor.

B) *A mesa da família apóia-se, pois, em primeiro lugar sobre o princípio de autoridade.*

a) E' o princípio que S. Paulo formula claramente quando dá em sua epístola aos Efésios a seguinte ordem: "As mulheres sejam submissas aos seus maridos como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja" (Ef 5, 22-23).

Naturalmente ouvindo esta prescrição de S. Paulo dirão, talvez, as mulheres:

"O Cristianismo não reconhece, pois, que a mulher é igual ao homem? Não é atraso exigir hoje que a

mulher obedeça a seu marido? E o marido não abusa dêste poder?"

"De fato, é preciso reconhecer que realmente há homens que pela sua conduta e modo de pensar são indignos de chefiar uma família. Reconhecemos também que o marido pode abusar de sua autoridade. E contudo esta exigência do cristianismo não é humilhante para a mulher. Pelo contrário, ela garante a felicidade familiar, e é o que veremos, se compreendermos bem o que não significa a obediência da mulher e o que ela significa na realidade".

b) *Primeiramente ela não significa* que a mulher tenha menos valor, menos direito e menos dignidade que seu marido. Não se trata naturalmente disto.

Não significa ainda mais que a mulher deva realizar todos os caprichos e todos os desejos de seu marido, mesmo aqueles que não podem ser satisfeitos sem humilhação para a mulher ou sem pecado.

Enfim, não significa que o marido tenha o direito de tratar sua mulher como uma criança menor, privada de uso de razão, de tiranizá-la, brutalizá-la, e fazê-la sofrer.

Não se trata disto.

Mas então que significam estas palavras de S. Paulo, exigindo da mulher a obediência ao seu marido?

Significam que a boa ordem e a felicidade familiar são incompatíveis com as máximas propagadas pelas pessoas frívolas, incompatíveis com a "emancipação da mulher", e as suas manifestações, incompatíveis também com a emancipação fisiológica, econômica e social da mulher.

A emancipação fisiológica significa que a mulher teria o direito de se furtar aos encargos, que acompanham a sua dignidade de esposa e mãe, o que o cristianismo condena.

A emancipação econômica significa que a mulher tem o direito de se entregar a operações econômicas independente de seu espôso, sem sua participação, e mesmo contra a sua vontade, não cuidando de sua família.

E' isto que o cristianismo condena.

Quanto à emancipação social, ela consiste no direito, para a mulher, de destruir as muralhas do santuário familiar, de abandonar a sua missão no lar, de não cuidar de seu marido e de seus filhos e exercer um trabalho na vida pública. E' isto que o cristianismo condena.

Não o permite, porque se seu marido é a cabeça da família, a mulher é o seu coração, e não se pode, sem perigo mortal para ambos, tomar o coração independente da cabeça, emancipá-los um com relação ao outro e separá-los um do outro.

Onde dois vivem juntos, é absolutamente necessário que um dêles dirija, conduza e "mande". Se numa família não há "comando", nem "obediência" ela se desagregará cedo ou tarde. Obediência quer dizer inclinar a vontade, ceder. Quem cederá? O mais sábio. E é preciso que a mulher seja a mais sábia.

Infelizmente as môças imaginam muitas vezes o casamento como uma festa perpétua, um encanto contínuo. Mas a vida não é isto. Não existe harmonia absoluta neste mundo, e cedo ou tarde, pequenas divergências surgirão entre os esposos, mesmo os mais cordatos, e então, é preciso que um dos dois ceda. Seja então a mulher. Porque se considerarmos realmente um casamento feliz, notamos e descobrimos que a mulher que sabe aplainar as dificuldades é a mais sábia. É, pois, uma ilusão perigosa para as jovens pensar que poderão governar os esposos, e que isto será sempre assim, porque êles as amam.

c) Não interpreteis, contudo, como uma servidão indigna esta obediência em que pensa S. Paulo quando diz: *“O homem é a cabeça da mulher como Cristo é a cabeça da Igreja!”* Esta frase de S. Paulo indica claramente que a obediência da mulher é, pròpriamente, não a seu marido mas a Cristo. A mulher obedee por causa de Cristo, e eis por que é muito natural que ela não possa obedecer-lhe senão nas coisas que Cristo também aprova e permite.

Esta consideração faz desaparecer definitivamente todo o receio de que esta obediência seja humilhante para a mulher. E' humilhante para a Igreja obedecer a Cristo? Quanto ao mais S. Paulo escreve literalmente: *“Mais, como a Igreja é sujeita a Cristo, assim também o sejam em tudo as mulheres a seus maridos”* (Ef 5, 24).

E' sòmente nesta concepção elevada, que se podem realizar na vida conjugal a “santidade” e a “pureza” que S. Paulo exige claramente quando escreve *“Cada um de vós saiba guardar seu corpo na santidade e na pureza sem se abandonar aos arrebatamentos da paixão como fazem os pagãos, que não conhecem Deus”* (1 Tess 4, 4-5).

Quantas famílias S. Paulo não deveria chamar, hoje, de pagãs! Êle exige de fato que o espôso cristão viva com sua espôsa cristã de tal forma que em suas relações com a mulher se manifestem a santidade e a pureza, isto é, que um e outro se testemunhem reciprocamente o respeito, o amor e a delicadeza, que fazem da família um verdadeiro santuário.

C) Tudo, porém, que dissemos até agora, não é senão uma das bases da mesa familiar necessária à felicidade da família: a autoridade. Mas para que esta mesa tenha uma base mais firme, *é-lhe necessária uma outra base, o amor.*

a) E as espôsas que talvez pensem sempre com angústia nas palavras de S. Paulo exigindo a obediência, reconciliar-se-ão certamente com êle, lendo a frase seguinte. Porque, se é verdade que êle exige da mulher obediência e submissão, escreve igualmente aos maridos: *“Maridos, amai vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja, e se entregou Êle mesmo por ela a fim de santificá-la, purificando-a!”* (Ef 5, 25-26).

Ah! é outra coisa. Vejo aqui a idéia perfeitamente cristã. O Cristianismo, como guarda supremo da ordem social, condena a tirania como a insurreição; condena-as na vida pública, e também na família.

Assim como a obediência e autoridade constituem a base importante da vida familiar, também o amor exerce um papel importante. A obediência preserva da insurreição, mas o amor preserva da tirania.

b) Se S. Paulo proclama que o marido é o chefe da família, não proclama que êle é o tirano doméstico. *O espôso é o chefe da família unicamente como Cristo é o chefe da Igreja.* O marido deve, pois, manifestar à mulher o mesmo amor generoso, sem limites, pronto a todos os sacrifícios, que Cristo manifestou à Igreja, sacrificando sua vida. O homem deve estar pronto, se preciso fôr, a sacrificar sua vida pela sua espôsa, como Cristo fêz pela sua Igreja.

Esta concepção elevada das relações mútuas dos esposos é bem diferente da que publicam os romancistas ou cantam os poetas. Como é diferente o amor do Evangelho! O amor dos sentidos que se traduz em palavras ternas, em declarações vazias, em grande eloquência inflamada, extingue-se como fogos que, assobiando, se elevam aos céus. O amor conforme o Evangelho, ao contrário, é profundo, puro, santo, generoso, durável, não se derrama em ondas de palavras, mas em atos.

c) Como haveria bem mais famílias felizes sôbre a terra se não se esquecessem que *só o amor recíproco generoso e devotado assegura a felicidade no casamento.*

Os homens, infelizmente, pensam muito pouco nisto. Interroguemos apenas um dêles antes de seu casamento: “dizei-me, pois, por que quereis casar?”

“Por quê? Para ser feliz!”

Não é assim que responderia a maior parte? Ora, precisamente esta idéia superficial do casamento é causa do maior número de dramas familiares. Só tem uma idéia justa do matrimônio aquêle que aí introduz a idéia do sofrimento. O casamento feliz, qual um tapête persa, não é trançado só com fios de alegria e de prazer, mas também com os do sofrimento, da renúncia, da paciência e da indulgência.

Esqueceste que o casamento se celebrou ao pé do altar? Ora, o altar é o lugar do sacrifício, é um perpétuo aviso aos dois esposos: Sem sacrifício recíproco não há felicidade.

“Amai-vos uns aos outros com amor fraternal, porfiando em honrar uns aos outros”, diz a Escritura Sagrada (Rom 12, 10). Os esposos manifestam esta amabilidade por um amor delicado e terno, por atenções cheias de tacto, adivinhando desejos ocultos, até mesmo renunciando seus próprios desejos. Se os esposos se compenetrarem destas idéias, então o primeiro móvel da família, a mesa comum, será sólida.

Eis, pois, o que significa êste primeiro móvel indispensável em um lar: a mesa de família.

II) O CRUCIFIXO FAMILIAR

O que disse até agora, porém, seria incapaz de garantir a felicidade completa no lar. A mesa familiar é, sem dúvida, um móvel necessário em uma família

feliz, mas em si é insuficiente. Uma outra peça de mobília é, pelo menos, necessária: o crucifixo de família.

A) *Esta palavra crucifixo, eu a entendo no sentido literal, no sentido físico.*

Não posso representar um lar realmente cristão, onde não se encontre, em um lugar de honra, a lembrança perpétua da morte de Nosso Senhor Jesus Cristo: o crucifixo.

O crucifixo, porque êle recorda constantemente os sofrimentos e o sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo, tornando-se assim um encorajamento e uma consolação ao lar doméstico. Muitas vêzes, os esposos constatarão a verdade desta máxima: "A felicidade conjugal se faz com grandes coisas e se desfaz com pequenas". Doenças e desgraças podem provar a família, privações e desentendimentos podem surgir entre milhões de esposos, e quem os ajudará senão a cruz de Cristo?

Muitos esposos verificarão ser o casamento também uma cruz. Mas que consôlo, se podem olhar o crucifixo e se lembram das sábias palavras da Imperatriz *Maria Teresa* à sua filha *Maria Cristina*: "Não negligencieis nunca vossos deveres de religião; no matrimônio tem-se necessidade, mais que em qualquer outro lugar, da oração e do socorro de Deus".

De fato, divergências de vistas, choques, diferenças de opiniões, são inevitáveis, onde vários levam existência comum; mas se os esposos lançassem então um olhar ao seu crucifixo ouviriam êste aviso da Sagrada Escritura: "Carregai os fardos um dos outros e dêste modo cumprireis a lei de Cristo" (Gál 6, 2). É, então, que se realizará para êles esta outra palavra dos livros santos: "O Senhor está convosco, quando estiverdes com Êle; se vós O procurardes, achá-l'O-eis, mas se O abandonardes, Êle vos abandonará" (2 Par 15, 2).

B) Eis-nos em presença dêste profundo pensamento que o crucifixo familiar, móvel necessário, quer-nos indicar: *o verdadeiro espirito religioso com suas conseqüências: disciplina e domínio de si*. O crucifixo não deve estar só na parede, mas sim viver na alma dos esposos. E' necessário para assegurar a felicidade do casamento.

Citarei apenas alguns exemplos.

a) Há momentos, às vêzes meses, talvez anos, *em que os esposos são obrigados a observar a continência, como se não fôsses casados*; assim, por exemplo, quando um dêles está doente, ou quando seus deveres afastam um do outro, por muito tempo, ou ainda se os esposos, por dificuldades materiais, não podem receber filhos das mãos de Deus. Se, nestas circunstâncias, falta a disciplina religiosa necessária, então chega o pecado, e com êle também o fim deplorável da felicidade familiar.

E agora, quais são os que podem observar esta continência forçada? Só os esposos em cuja alma vive o crucifixo. Aquêles, porém, aos quais falta uma idéia religiosa bastante profunda, encontrarão, ao contrário, muito estreito o âmbito do matrimônio conforme a moral.

b) Mas não é só no terreno moral, é também *no ponto de vista material que é preciso, hoje, mostrar muita renúncia e sacrifício, por causa das dificuldades atuais de existência*.

Haydn, na "A Criação", faz ouvir êste aviso: "Feliz par! Sereis eternamente feliz, se não vos deixardes seduzir, desejando mais do que tendes, e querendo saber mais do que vos é necessário".

"Querendo saber mais do que vos é necessário", êste não é o perigo que ameaça muito os homens atuais. Outro perigo ameaça muito mais a tranqüilidade e a harmonia da família, é "querer mais do que tendes".

Renúncia, simplicidade, saber contentar-se com o pouco... qual a espôsa que disto é capaz? Só aquela cuja alma fôr animada pelo amor de Cristo que se sacrificou. A que nada sabe da pobreza de Cristo será uma esbanjadora, terá pretensões exageradas, e cavará assim a ruína da felicidade familiar.

c) E para que estas mães de família sejam realmente destas mulheres fortes, *ser-lhes-ia útil examinar um pouco sob este ponto de vista o culto de Maria.*

O culto da Santa Virgem é uma das mais poéticas e ardorosas manifestações da vida religiosa católica. Mas, infelizmente, muitas môças e mulheres representam a Virgem sob um só aspecto: com um belo vestido azul e branco, auréola dourada, e olhos levantados para o céu.

Ora esta não é a imagem completa de Maria. A imagem completa de Maria é a que caminha através das planícies e montanhas, sem conhecer a fadiga, unicamente para vir ajudar S. Isabel nos dias que seguiram ao nascimento de S. João Batista. A esta imagem pertence Maria, semblante sorridente, sofrendo ao lado de seu filho e por seu filho o frio chão do estábulo de Belém e as privações de fuga para o Egito. A esta imagem pertence ainda Maria, alma heróica postada ao pé da cruz onde espera seu filho.

Eis o que ensina, para um matrimônio feliz, este objeto indispensável, o crucifixo.

d) Mas a idéia religiosa simbolizada pelo crucifixo é ainda necessária para garantir a felicidade eterna dos esposos. A tarefa mais bela, mais sublime é, com efeito, velar não só pela sua sorte terrestre, mas também pela sua felicidade eterna.

E' a questão única na qual a mulher tem o direito de ser ciumenta de seu marido. Pelo menos é o que escreve S. Agostinho, quando escreve: "As mulheres de-

vem ter ciúmes de seus maridos, não por causa de seus corpos, mas sim por causa de sua salvação eterna. Eis por que a isto eu vos obrigo, vo-lo recomendo, vo-lo ordeno: é o bispo que manda, é Cristo quem manda por mim”.

E' também uma grande alegria, quando a mulher pode dizer a seu marido: “E' a ti que devo o ter possuído em minha existência um companheiro corajoso, e filhos tão bons”. Grande também é o júbilo quando o marido pode dizer à sua mulher: “Agradeço-te o teres sido para mim uma espôsa tão atenta, e a doçura de meu lar”. Maior, porém, deve ser a alegria quando ambos puderem dizer um dia: “E' a ti que devo o ter chegado à vida eterna”.

* * *

Agora que chegamos ao fim desta instrução, e conhecemos as condições necessárias para um casamento feliz, é-nos preciso reconhecer que não é fácil realizar esta felicidade.

Como parte desinteressada, como padre a quem se dirigem, muitas vezes, os lamentos dos fiéis, devo reconhecê-lo: *de fato, não é coisa fácil ser boa espôsa*. Acolher sempre amável e sorridente o espôso que entra em casa fadigado e aborrecido. Não se abandonar aos próprios caprichos e fantasia, mas fazer unicamente o que é razoável. Cuidar sempre dos filhos, com amor, mesmo se o menor é muito aborrecido, o segundo é turbulento e o terceiro é muito peralta. Sempre e com paciência praticar, entre êles, a justiça, ainda que o primogênito seja insuportável, questione dez vezes por dia com seus irmãos e irmãs. E ainda cuidar da cozinha. Da casa. E da limpeza. E praticar a economia. E fazer a lavagem e os consertos. Saber como se recebem e se fazem visitas. . . Sim, não é fácil ser uma boa espôsa.

Mas não me queiram mal por isto, se constato o mesmo para a outra parte: *“De fato é difícil ser um bom espôso”*. Ter sempre em primeiro plano as necessidades materiais da família apesar das dificuldades da vida atual. Novos vestidos que serão necessários, ou a pintura do quarto, ou ainda lições às crianças, ora isto, ora aquilo. Apesar das preocupações e dos cuidados do pão quotidiano, deve achar tempo para ser pai de família e não sòmente um empregado de escritório. Saber, ao mesmo tempo, fazer companhia à espôsa e brincar com os filhos. Sentindo o pêsso da vida, saber em casa pôr de lado todo o amargor e todo o nervosismo. Não se preocupar se o jantar está um pouco atrasado, não discutir se o prato favorito não sai bom, suportar pacientemente os brinquedos barulhentos dos filhos. . . Sim, não é fácil ser um bom marido.

Se, contudo, isto não é fácil nem para o espôso, e nem para a espôsa, qual a conclusão? Garantir o auxílio de uma terceira pessoa — o auxílio de Deus poderoso, que uniu os esposos.

E esta será a lição final de nossa instrução.

Dois caminhos humanos que se encontram entre as mãos de Deus, dois destinos humanos que resultam da vontade divina, dois corações humanos que batem no ritmo divino, duas vidas humanas reunidas pelas mãos paternas de Deus, eis o segrêdo final do casamento feliz. Amém.

CONFERÊNCIA XIII.

CASAL SEM FILHOS (I)

No lugar onde se encontrava a casa da bem-aventurada Virgem Maria, no quarto em que se deu a aparição do arcanjo Gabriel, onde lhe deu a extraordinária mensagem de Deus, e no qual o Filho de Deus, no instante mesmo da humilde aceitação da Virgem, se encarnou em seu puríssimo seio, em Nazaré, cidade bendita, levanta-se hoje uma Igreja cujo altar-mor tem em seu frontispício esta inscrição: "*Verbum caro hic factum est* — Aqui o Verbo se fêz carne". O Filho de Deus, querendo vir entre nós, começou aqui sua existência humana, sob a forma humana.

Palavras sublimes! Cada vez que as pronunciamos, recitando o "Angelus", ajoelhamo-nos. Mas o sacerdote também, na missa, genuflete quando na recitação do "Credo" chega a estas palavras: "*Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine, et homo factus est*". Ele se fêz homem. O Filho de Deus se fêz homem, para começar sua carreira terrestre, sob o aspecto de uma criancinha incapaz de falar, tôda pequena vida humana que começa, resplandece, diante de nós com uma beleza maravilhosa: a criança é para nós uma coisa santa. E depois que a SS. Virgem trouxe em seus braços o Menino-Deus, uma espécie de auréola sobrenatural circunda a fronte de tôda mãe de família. E' também santa a dignidade de mãe.

Todos acharão, pois, natural que, nesta série de instruções sobre a família cristã e o casamento ideal, eu deva chegar a este ponto e queira consagrar-lhe vários sermões: *O berço é um móvel indispensável na família. A criança faz parte integrante da família.* Se o casamento não se expressasse em latim senão pela palavra "*coniugium*": "*jugo comum*", bastariam para realizá-lo plenamente e torná-lo feliz, as duas peças do mobiliário de que já falamos anteriormente, e que auxiliam a levar alegremente este jugo comum: a mesa de família e o crucifixo.

Mas o casamento se diz também em latim "*matrimonium*", e isto indica um círculo inteiramente novo de obrigações: a criança precisa de um outro móvel: o berço. Dizei-me, vistes já a pequena ave fazer o seu ninho para que permaneça vazio? Ou apenas para que aí chilreie um passarinho? Não. Não há pássaro, não há só um animal que assim faça, mas só o homem. Únicamente o homem descobriu essa coisa insensata: a família sem filhos.

Sim, é preciso falar disso, e bem alto, desta cátedra cristã, por delicado e difícil que seja o assunto. Consternados ouvimos jovens combinar antes de seu casamento e declararem: "Nós não teremos filhos, isto é natural, ou quando muito, um só". São porventura muito severas as palavras de S. Agostinho, quando chama tal existência, não um matrimônio, mas sim relações pecaminosas, sancionadas pelas formas legais?

Não trememos quando ouvimos as mães e mesmo as avós dizerem à sua filha, ou à sua neta ao se casarem, e repetirem com insistência: "Minha filha, cuidado, nada de filhos. Compreendeste? Nada de filhos".

Olhemos de frente esta maneira perniciosa de ver as coisas. E' preciso mostrar que a família voluntariamente estéril é como a árvore sêca condenada a ser

cortada. E' preciso demonstrar que o filho pertence à idéia de família, não um, nem dois, mas vários. Naturalmente é preciso examinar as objeções e os pretextos que se apresentam no mundo moderno contra o filho.

Estas objeções formarão o objeto da instrução próxima. Nesta mostrarei que a exclusão do filho em uma família é um pecado. *Um pecado* I) *Contra Deus*. II) *Contra o filho*, e III) *Mesmo contra os interesses bem compreendidos dos próprios esposos*.

I) UM PECADO CONTRA DEUS

Primeiramente preciso mostrar, categoricamente, que o cristianismo sempre designou o filho como fim primeiro do matrimônio, e hoje ainda com bastante coragem, levanta sua voz contra certas idéias que se espalham pelo mundo, contra um modo de agir incrivelmente frívolo, que cada vez mais perigosamente contagia os esposos, mina a felicidade familiar e ao mesmo tempo a força da nação. Esta palavra de ordem terrível, essas idéias, êste modo frívolo, é o receio de filhos.

A) Precisamos constatar dolorosamente *que sôbre esta questão se tinha uma idéia mais bela e mais nobre já antes do cristianismo*, quer entre os pagãos, quer entre os povos anteriores a Nosso Senhor Jesus Cristo.

E' muito conhecido o caso da pagã Cornélia, a quem suas amigas, visitando-a ornadas de ricas jóias, perguntavam-lhe num tom afetado: "E vós mostrai-nos vossas jóias". E esta pagã apresentou-lhes seus filhos dizendo: "Eis minhas preciosas jóias".

b) Não mais preciso lembrar particularmente o *magnífico amor aos filhos, manifestado pelo povo do Antigo Testamento*, onde a ausência do filho passava por uma vergonha. Mesmo hoje não se pode ler sem emoção nos Santos Livros as fervorosas orações que

as mulheres sem filhos dirigiam a Deus, pedindo a maternidade.

B) Chega, porém, o cristianismo, e cresce ainda mais a grandeza dêste nobre sentimento.

a) *Com uma gravidade sem exemplo, fala do papel dos pais* na transmissão da vida, porque sabe que o homem recebeu da confiança divina aquela faculdade de dar a vida, e por isso os pais participam da obra criadora de Deus. A vida conjugal e o exercício do dever conjugal não são, pois, nem uma humilhação, nem um pecado aos olhos do cristianismo. Mostram, porém, nêles, traços divinos, traços que enobrecem os colaboradores do Criador.

b) *Dar a vida! Nunca*, em parte alguma o homem o pode fazer, senão aqui neste instante. O homem pode tomar a vida de mil maneiras. O homem pode destruir a vida de mil formas. Mas dar a vida, êle não o pode, salvo neste instante. Sem dúvida, mesmo aqui, não faz senão dar o corpo, instrumento da alma, que Deus criou no momento da formação de um novo corpo humano. Êle mesmo a criou imediatamente e a depôs neste corpo humano, menor que um ponto.

Ah! Se os esposos vivessem sempre com a idéia de que o Criador se encontra entre êles; se sentissem, por assim dizer, o ruflar das asas do anjo que o Deus Criador enviã neste instante ao pequenino corpo humano!

C) Veio, porém, o mundo egoísta atual e *transformou radicalmente esta nobre maneira de ver*.

a) O mundo não quer ouvir falar senão de comodidades e prazeres, mas não deseja conhecer os sacrifícios que os acompanham. Para o mundo a criança não é mais um “dom de Deus”, e sim, “uma catástrofe”, um pêso do qual se deve libertar por todos os

meios, a fim de que não se perturbem os prazeres de duas pessoas grandes.

b) Eis, porém, a Igreja Católica, que não teme afirmar aberta e formalmente que é um pecado contra Deus impedir, de qualquer maneira, o nascimento do filho, aconteça isto por uma intervenção humana ou de qualquer outro modo. É uma profanação e um aviltamento da vida conjugal, uma grave ofensa às leis naturais e aos mandamentos divinos, que o mundo frívolo chama de precaução e “sabedoria”, mas a que a Igreja não pode senão aplicar estas palavras de S. Tiago: “Uma semelhante sabedoria não vem do alto, é terrestre, é carnal, diabólica” (Tgo 3, 15). Sim, uma sabedoria diabólica, pois Nosso Senhor chama o demônio “homicida desde o princípio” (Jo 8, 44). Se o profeta Isaías vivesse atualmente, ele diria que esses esposos fizeram um pacto com a morte, e uma aliança com o inferno (Is 28, 15). E se o salmista escrevesse hoje, faria ouvir a estes esposos estas terríveis palavras: “Amou a maldição e ela cairá sobre ele; não quis a bênção, e ela dele se afastará. Cobriu-se da maldição como de uma veste, e ela entrou como água dentro dele. e como óleo em seus ossos. Seja ela para ele como a veste que o cobre, e como a cintura que o cinge sempre (Sl 108, 18-19).

Quem não conhece famílias sem filhos, onde tudo isto se realizou de maneira terrível? Espíritos vingadores e mudos os terrificam, assim como as doenças do corpo e do espírito, falta de coragem, abatimento, e todos os flagelos de uma consciência inquieta, pois afastar o filho por meios pecaminosos é um pecado contra a ordem formal do próprio Deus Criador.

II) UM PECADO CONTRA OS INTERESSES DO FILHO

E' igualmente um pecado contra os interesses do filho, da criança.

Não podemos racionalmente duvidar que o filho faz parte da família. Eis por que a maior parte dos esposos quer receber um filho das mãos de Deus; mas um só; quando muito, dois. E não mais, por nada do mundo. E não pensam o quanto êles pecam contra o filho único que possuem, não querendo, sob diversos pretextos, outros filhos.

A) Os pais de filho único têm o costume de dizer muitas vêzes que não é o número que importa, e sim a qualidade; êles não darão muitos filhos à Pátria, mas sòmente um; êste, porém, será um ilustre personagem.

Infelizmente a vida mostra muitas vêzes o contrário. Mostra que os verdadeiros homens ilustres não vêm das famílias de filhos únicos, mas, sim, de famílias numerosas. Se buscarmos a causa disto, constataremos que os pais podem educar melhor, e com mais sucesso, vários filhos do que um só.

a) Isto parece contraditório e no entanto é assim na realidade. Onde há vários filhos, a autoridade e o amor dos pais são divididos mais racionalmente, e assim não dificultam à personalidade dos filhos, pelas ordens perpétuas, e nem quebram a fôrça de seu caráter por lições contínuas. E a prova é que há mais homens ilustres nas famílias numerosas que nas famílias de filho único.

b) Demais, onde há vários filhos, *êstes são obrigados a aprender logo cedo a se absterem de muitas coisas*. Onde há vários filhos, cada um dêles é forçado a se contentar com pouco, e ouvir muitas vêzes responder aos seus pedidos: "Não, meu filho! Não, minha

filha! E' preciso isto também para teus irmãos e tuas irmãs". E isto não é um mal. E' mesmo um bom princípio de educação. Porque, assim, êles aprendem melhor a prática da renúncia, e suportarão melhor, na idade adulta, as privações e as dificuldades da existência.

Ao contrário onde não há senão um só filho, os pais incessantemente o incomodam ou sem cessar o lisonjeiam. Todo o amor e todo o instinto educativo que a natureza depositou em seu coração de pais, êles o empregam agora para seu filho único; ao infeliz não lhe fica sequer uma ocasião para afirmar sua personalidade, para exercer suas faculdades de iniciativa, e eis por que, crescendo, êle se torna um desajeitado, inepto, tímido, efeminado, sem expediente.

Mas se ordinariamente as famílias numerosas dão filhos mais bem educados que as famílias de filho único, há ainda uma outra causa. E' principalmente que não são só os pais que educam os filhos, mas também os *irmãos e as irmãs reciprocamente*.

a) E' um fato muito conhecido que a criança gosta de brincar, e para isto necessita de companheiros. *Ora os melhores companheiros de brinquedos para a criança são seus próprios irmãos e irmãs*. A criança que cresceu sem irmãos e sem irmãs nunca foi verdadeiramente uma criança, nunca pôde viver plenamente a sua infância; sempre no meio dos grandes torna-se uma criança precoce, ao princípio um pouco arrogante, mais tarde pretensiosa, um insensível e desiludido, velho antes da idade.

O filho único, que cresce só, está pois privado dos mais felizes momentos da vida, a idade dos brinquedos, e eis por que êle se torna uma criança que se aborrece, um ser retraído, triste, invejoso, sem alegria. Ao contrário, onde há vários irmãos e irmãs, há alegres brincadei-

ras e saltos, barulho, lutas, desordens, brigas, reconciliações, êles vivem seus momentos mais felizes, a sua infância.

b) *Acrecentemos que os irmãos e irmãs são uns para com os outros não só companheiros de brincados, mas, também, são, entre si, os melhores educadores.* Enquanto juntos êles se divertem, são obrigados a tomar conta um dos outros, a portarem-se com inteligência, a dominarem-se e a se privarem de alguma coisa. Assim cada um compreende que não é o centro do mundo, mas que o segundo, o terceiro, o quarto de seus irmãos e irmãs, têm tanto direito como êles.

Onde vivem juntos vários irmãos e irmãs, êles se equilibram mutuamente, se refreiam e se educam.

Há, sem dúvida, choques entre si, mas é assim que se aviva o caráter, como os seixos do riacho, que se tornam polidos e luzidios, batendo uns aos outros, incessantemente.

Onde, juntos vivem vários irmãos e irmãs, cada um dêles é obrigado a aprender a dominar-se, a amar seu próximo, a perdoar, a abster-se, e a praticar o desinteresse.

C) E' bom ainda mostrar um terceiro aspecto interessante dessa questão. Não só os pais educam seus filhos, *mas os filhos também educam seus pais.*

a) *Ensinam a seus pais a virtude de que precisam para se tornarem bons educadores.*

Ensinam-lhes em primeiro lugar o amor devotado até o sacrifício.

Seria interessante examinar a fundo a transformação proveitosa que se opera na mulher mais superficial, quando pela primeira vez põe em seus braços o filho recém-nascido. Seria interessante observar com que terno amor, com que delicadeza o pai leva o filho em seus braços robustos.

Em seguida, constatamos o sentimento de responsabilidade e o gôsto que desperta nos pais o cuidado da alma e do corpo do filho. Pensam na responsabilidade que têm, em cada palavra que pronunciam diante do filho, em cada exemplo que lhes dão. Cada filho olha seu pai, sua mãe como dois seres melhores, mais sábios, mais inteligentes do mundo, são para êles o seu ideal.

E que aviso para os pais indicando-lhes o quanto pelo menos devem trabalhar para não ficarem longe dêsse ideal, que a alma de seus filhos evoca a êsse respeito!

b) Não acreditais que os filhos possam ser os educadores dos pais? Pois bem! Escutai esta ingênua historieta.

Havia uma filha que, tôdas as manhãs e tôdas as noites, fazia piedosamente suas orações com a mãe. Uma noite que a mãe, tendo muito trabalho, não estava pronta para a oração, a filha lhe disse: "Mamãe, venha fazer a sua oração". A mãe respondeu um tanto impaciente: "Hoje farás tua oração com teu pai". Com papai? diz a criança. "Mas papai não sabe rezar". Ela nunca o via rezar, e pensava, com razão, que êle não sabia as orações. Há muito tempo que o pobre homem se afastara de Deus... Mas agora... aquêle ingênuo aviso de uma criança inocente, abalara sua alma e o tinha retornado aos deveres religiosos

Certamente, seria preciso uma grande dureza, para que o coração de uma mãe ou de um pai não se enternecesse, para que não se despertassem nêles as santas resoluções de domínio de si, de transformação de vida, quando o olhar inocente de seu filho ou de sua filha pousasse em seus olhos com tanta confiança, amor, entusiasmo e respeito.

Sim, os filhos são também educadores dos pais.

III) UM PECADO CONTRA OS INTERESSES DOS PAIS

Precisamo-nos adiantar na exposição das nossas idéias. A exclusão culpável do filho é não só um pecado contra Deus e contra o filho, mas o é, ainda, contra os interesses bem compreendidos dos pais.

A) Primeiramente, *o filho único não é um filho, é um cuidado perpétuo.*

a) *A vida dos pais é uma inquietação contínua:* Pode resfriar-se, pode-lhe acontecer qualquer coisa, e, sem êle, tudo estaria acabado para nós; êsse receio é fundado porque as estatísticas demonstram que morrem muito mais crianças nas famílias de um ou dois filhos, do que nas numerosas.

b) Se nestas famílias numerosas, um dos filhos morre, naturalmente os pais sentem e se enlutam, mas, *ao menos, lhes ficam os outros para consolá-los.* Que fica, porém, após a morte do filho único? o berço vazio, o quarto da criança emudece, seus brinquedos órfãos, ficam os amargos remorsos de consciência, recordando que poderia ser de outro modo, se mãos criminosas não contrariassem os planos divinos.

Como é racional o provérbio: “A criança é um vaso; quebra-se facilmente”, é pois bom ter vários.

B) “Mas vários filhos custam mais caro”, tal a objeção mais comum.

Dou-lhe agora uma resposta muito curiosa e incrível.

Não, meus irmãos. *O filho único custa mais que vários filhos.*

a) Por tôda parte onde há um só filho, não se conhecem as palavras privação e sacrifício; ao contrário, onde há vários, os pais são mais econômicos e trabalhadores.

Os esposos que afastam os filhos por meios culpáveis são mais irritáveis, menos afetuosos entre si, não se sentem bem entre as paredes de seu lar vazio e mudo.

Onde não há crianças, não há mais alegria, nem raios de sol, nem sorrisos, nem calor. E' preciso procurar tudo isto fora do lar. E isto custa tão caro que se poderia, com a mesma soma, educar vários filhos.

Recordo-me o que conta em um de seus livros uma romancista húngara que passara o mais feliz e alegre natal, numa família de oito filhos, onde os pais trabalhavam duramente para sustentá-los. E quando ela perguntou aos pais, que riam com seus filhos, de que eram feitos aquêles brinquedos e presentes de tôdas as formas, a mãe respondeu com semblante alegre: "De madeiras, de trapos... e de amor".

b) *O filho contribui, pois, assim, para a realização e conservação da felicidade familiar.* E' verdade, o filho causa também uma multidão de cuidados, despesas, temores e sacrifícios, mas é igualmente verdade que o filho dá em troca muitas coisas aos pais: dá-lhes alegrias, sol, vivacidade, esperança, um apoio para o futuro, enfim, é um refôrço da vida conjugal.

E' assim que se compreende êsse fato curioso, que em 50% de lares divorciados não há sequer um filho, e que em 25% há apenas um. Pode-se, pois, tirar daí uma conclusão: Mais filhos, menos divórcios, pois, seguindo os planos admiráveis da divina providência, são as mãozinhas fracas da criança que mantêm unidos os braços robustos de dois adultos.

Mas, ao mesmo tempo, que prova terrível de que o filho não é obstáculo à felicidade dos pais, e que não é a sua ausência que traz a felicidade! Pois, muitas vezes, os lares que se separam são precisamente aquê-

les cuja felicidade não foi perturbada pela presença de filhos.

E' justamente o contrário.

O sexto mandamento, o grande mandamento da felicidade, une igualmente interna e externamente.

Aquêlê que vive no âmbito do matrimônio transgredindo as leis divinas dá fàcilmente o segundo passo, pelo qual se torna infiel também fora do casamento.

C) *Mas, mesmo em outro sentido, os filhos são o consôlo dos pais.*

a) *Como é dolorosamente vazio e abandonado o destino do solteirão e da solteirona*, que, entregues a si mesmos, completamente sós, sem consôlo, sem afeição e sem apoio, arrastam sua velhice, porque não têm filhos, porque são troncos de árvores que florescem frivolumente na primavera, e nem pensaram que havia também um outono em que se colheriam os frutos. E' incrível que os jovens esposos que temem os filhos não se interroguem, para saberem quem os ajudará e os amará na sua velhice, em seu abandono.

b) Examinaremos, porém, uma outra questão: *Quem os amará em sua viuvez?* Se um dos esposos morre, o outro fica só: Certamente se há vários filhos ficam ao sobrevivente muitos cuidados; mas se não há filhos, então êle se encontra num abandono cem vêzes mais penoso. Que consôlo para o viúvo ou para a viúva a presença dos filhos cuja tagarelice recorda a voz do caro desaparecido e cujos olhos revivem o olhar do morto!

E' o que experimentava o poeta norte-americano Longfellow, quando, após 19 anos de felicidade, a morte arrebatou-lhe a espôsa. Em uma de suas cartas escreveu estas linhas: "E' uma coisa penosa reconstruir uma existência destruída. Tudo cai como a areia. Mas eu experi-

mento e sou paciente. . . Meus filhos vão todos bem, isto me consola, e me dá coragem". "Minhas filhinhas tagarelam alegremente em meu quarto, como duas avezitas. Estão alegres por celebrarem o aniversário de suas bonecas. . . Que mundo maravilhoso o das crianças! Como é cheio de vida e de fantasia! Sou feliz por contemplar estas agitações, e sinto a doçura das palavras que foram pronunciadas um dia por lábios benditos: "Deixai vir a mim as criancinhas".

E' com estas palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, um pouco modificadas, que desejo terminar esta instrução: *Deixai as criancinhas virem ao mundo.*

Ficamos sempre profundamente emocionados, cada vez que lemos na Sagrada Escritura, o morticínio dos Santos Inocentes, cometido por Herodes. Que gritos de dor nos lábios das mulheres de Belém. Com que desespero não apertaram, contra o peito, os seus filhos, quando os algozes chegaram para matar estas vítimas inocentes! Compadecemos-nos destas mães enlutadas!

O mundo atual porém tudo mudou. O mundo atual produziu mães, que não procuram com angustiado amor salvar da morte os seus filhos, mas vão elas mesmas procurar os algozes, e pagam bem para que tirem a vida a estas crianças inocentes. Haverá no vocabulário humano uma expressão bastante forte que possa caracterizar êste crime? Terá o céu bastantes raios para castigar dignamente esta monstruosidade?

Creio que sim.

Pois, aquêlê que cometeu êste pecado e dêle não fêz penitência deve esperar duas espécies de castigos aqui mesmo na terra, todos os dois terríveis. Ou bem a sua consciência se desperta, e então não encontra em parte alguma repouso ante as sombras fúnebres dos pequeninos assassinados, ou então êle se endurece no

pecado, e mata a sua consciência juntamente com os filhos, e neste caso cai em uma aridez de alma tão indescritível, que lhe fica apenas um traço humano durante tôda a sua vida.

Não se trata, em ambos os casos, de uma vida conjugal feliz e pacífica, mas só de um desgosto e de uma licença desenfreada, como o provam tantos exemplos tristes. . .

Senhor, nós vo-lo pedimos humildemente, dai à nossa pátria, que dêles tanto precisa, esposos generosos, amantes de seus filhos. Amém.

CONFERÊNCIA XIV.

CASAL SEM FILHO (II)

O grande pintor austríaco Joseph Führich perpetuou em um quadro muito expressivo a multidão de pensamentos e sentimentos que deveria existir na alma da Bem-aventurada Virgem Maria, quando ela concebeu o seu Divino Filho, pela graça do Espírito Santo. . . a Virgem Maria, profundamente mergulhada em suas reflexões, adianta-se através de uma sorridente paisagem. Acima dela os anjos voam; um canta, outro atira rosas, um terceiro balança um turíbulo. Todo o quadro é graça e beleza.

Compreendemos o canto, é para a futura mãe.

Compreendemos as rosas, são também para a futura mãe.

Mas o turíbulo? Não é para Maria. E' para o Filho de Deus do qual a Virgem é neste instante o tabernáculo vivo.

Assim também, êste canto e estas rosas são para tôdas as mães; esta graça, esta beleza brilham inviolavelmente sôbre a fronte da mãe de família que, com o mesmo amor que a Santa Virgem, espera o filho e à custa de grandes sacrifícios o educa no amor de Cristo, Filho de Deus.

A Igreja de Cristo, com grande coragem, levantou a voz em favor do filho; hoje ainda, ela exige a invio-

labilidade dos direitos do filho que ainda não nasceu; mas não se esquece dos sacrifícios imensos que custam aos pais a existência e a educação de vários filhos. E' justamente porque a nossa santa religião sabe bem o que significa, em nossos dias, educar uma família de cinco ou seis filhos, que ela rodeia de grande respeito os pais heróicos que fazem a Deus êste sacrifício, mas ela nunca pode permitir que se tenha o direito de agir de modo contrário às leis divinas, e que se tenha o direito de impedir a vinda do filho por meio de intervenções criminosas.

Agora examinaremos mais de perto as *dificuldades invocadas por certos esposos para afastar o filho*. Elas não são insolúveis para as almas generosas e realmente cristãs, de modo que o homem não contrarie as leis de Deus.

I) NADA DE FILHO!

A) Antes porém de examinar sucessivamente as objeções formuladas contra a presença do filho, quereria fazer uma advertência preliminar.

Quando a religião católica faz um juízo muito severo contra os esposos que tornam estéril sua vida conjugal por meios culpáveis, ela não repreende, em momento algum, os esposos que *não cometeram falta alguma neste ponto e que aceitariam*, com bastante alegria, os filhos, mas aos quais Deus privou desta alegria. Ela estaria longe de repreendê-los por um estado de coisas do qual não são responsáveis. Pois há bastante tristeza em sua alma; êles sentem bem que lhes falta alguma coisa de essencial para a sua felicidade.

Não os repreendo, quero antes inspirar-lhes alguns pensamentos consoladores, e indicar-lhes até um meio de aproveitarem esta situação.

a) O traço essencial da alma cristã é a convicção de que *tudo o que Deus faz ou tudo o que Ele permite, Ele o faz ou permite segundo um plano*. Se Ele não dá filhos a êstes esposos, apesar de suas fervorosas orações, é que há nisto uma intenção especial.

Qual a intenção? Talvez a de lhe fazer consagrar mais suas fôrças a alguma grande causa religiosa, ou ao bem comum, ou ao serviço desinteressado do próximo. Ou talvez Deus o permita a fim de que haja pessoas sem filhos que cuidem de pequeninos órfãos ou de crianças pobres e infelizes. Quantas crianças na miséria sôbre a terra! Assim houvesse muita gente para ajudá-los!

b) Uma outra possibilidade, contudo, se oferece aos esposos sem filhos.

Se, talvez, não lhes é possível recolher sempre pequenos órfãos, um novo caminho se abre para êles, permitindo-lhes fugir da solidão espiritual e do egoísmo que pesam sôbre êles.

Sabeis que hoje os estudos de sacerdotes estão materialmente cada vez mais difíceis. Há jovens dispostos a abraçar a vida sacerdotal, que se acham bem sobrecarregados... Que honrosa possibilidade para os lares sem filho *ajudar materialmente êste ou aquele missionário ou seminarista, na realização de seus elevados ideais!* Que benéfica consolação para aquêles a quem Deus não deu filho, poder, contudo, dar-lhe um servidor. Que alegria para êles assistirem um dia à primeira Missa de um sacerdote, que êles ajudaram a subir ao altar!

Tudo isto, porém, não é senão uma digressão; dêste assunto não falaremos mais nesta palestra.

B) Falaremos dos esposos aos quais Deus daria filhos, *mas que por processos culpáveis fecham para êles as portas da vida*.

a) Nossa santa religião ensina expressamente que aquêlê que vive no matrimônio, mas afasta o filho, por processos culpáveis, afasta de si as bênçãos divinas, e *comete um pecado grave*. Exercer os direitos do matrimônio, mas impedir por uma intervenção humana que possa nascer o filho, é um pecado grave, que arranca o matrimônio das alturas do ideal desejado por Deus.

b) Após tudo isto, podeis julgar vós mesmos o que devemos julgar *desta maneira de pensar inaudita e frívola*, que ora aqui, ora acolá, é manifestada por certos esposos.

“O que fazemos no casamento não é um pecado, dizem êles, é sômente prudência. Se não queremos filhos, isto não interessa a ninguém. Tão pouco à Igreja. Não considero isto como pecado. E não tenho, tão pouco, o hábito de confessá-lo”. Assim começa a sua explicação. Logo depois apresentam inúmeras razões e explicações pelas quais são obrigados a agir desta maneira.

Não notam que revelam com isto que sua alma está inquieta, e que êles sentem alguma coisa de mau em seu proceder. Pois, se o que êles fazem é tão natural, e realmente não é um pecado, por que então se esforçam para impor silêncio e tranquilizar sua consciência? Não será o sinal de que certamente todo o homem de senso moral considera pecado grave o abuso da vida conjugal; não será, pois, pecado ainda mais grave, porque é um sacrilégio silenciá-lo voluntariamente na confissão?

“Mas se eu disser, não recebo absolvição”, replica o interessado. Não há tal. Há uma absolvição para todo o pecado, se . . . houver promessa de não mais cometê-lo.

Ora, é justamente isto que êles não querem prometer. Êles não querem, porque estão obcecados pelas máximas envenenadas das idéias modernas.

II) POR QUE NAO QUEREM FILHOS?

Qual é esta palavra de ordem? Quais os pretextos invocados, muitas vêzes, por esposos receosos de filhos? Olhemo-los frente a frente.

A) *A objeção mais freqüente é a situação econômica difícil.* "Amamos os filhos, mas não temos com que sustentá-los. Um filho é o suficiente, não podemos ter mais". Quantas vêzes não se ouvem estas frases, embora sob formas diversas.

Mas se observamos mais de perto os que assim se lamentam, e como vivem os que não podem ter mais filhos, chegaremos certamente a uma constatação muito curiosa. E' que na maior parte dos casos a causa do receio de ter filhos não é a miséria, mas, pelo contrário, é o bem-estar.

Por incrível que pareça, no entanto, é assim.

a) Examinemos a história desta doença: *Donde vem essa epidemia que arruína a vida de família.* Foi entre as famílias dos operários ou camponeses que começou esta moda de não ter senão um filho, ou mesmo nenhum? Começou ela entre as famílias que, pela sua pobreza, tinham o direito de temer não possuir bastante pão para tantas bôcas esfomeadas?

Certamente, não. Inegável que esta doença mortal para os povos apareceu em primeiro lugar entre as famílias abastadas, onde haveria pão suficiente e até bôlo para os cinco ou seis filhos, entre as famílias onde a sêde de prazeres e a licença dos esposos preferiram as comodidades e tranqüilidade de uma existência sem filhos. Isto é infelizmente um fato inegável.

b) *Não olhamos, contudo, só o passado; mas também o presente.* Que vemos atualmente? Em geral esta objeção não é formulada por aquêles que ganhando pouco têm uma casa com um quarto e uma cozinha e

vários filhos; mas, ao contrário, pretextam dificuldades econômicas os que, em um apartamento coberto de tapetes e ornado de quadros célebres, não têm senão um filho, mas possuem além disso uma empregada para tudo, uma cozinheira, uma governanta inglesa, dois ou três pequeninos cães bem ensinados e revestidos de belos casacos.

“Nossos meios não nos permitem mais filhos”, dizem êsses pais. São êles suficientes para os concertos e bailes, para as viagens e vesperais, para as temporadas de praia e modas, para os jantares e partidas de cartas, para os autos e cães. Mas não para os filhos.

Sinto que digo neste momento coisas amargas, mas olhai ao redor de vós. A maior parte das famílias não têm mais filhos, precisamente porque fazem mais despesas e vivem mais luxuosamente do que lhes permite a situação. O receio de ter filhos é mais forte, não aí onde se vive melhor mas sim onde os pais, indiferentes quanto à religião, não vêem no grande número de filhos, senão um encargo que reduziria sua liberdade e tornaria impossível o seu luxo.

c) *Os esposos religiosos não deveriam pensar assim.* Para os pais religiosos é sempre uma alegria, quando um filho nasce na família: uma alegria porque se recordam da maravilhosa promessa feita outrora por Nosso Senhor Jesus Cristo, e cuja melodia ressoa incessantemente a seus ouvidos, a cada hora difícil, a cada noite de insônia, a cada minuto de sacrifício: “aquéle que receber em meu nome um dêsses pequeninos, é a mim que recebe” (Mt 18, 5).

Existem para os pais promessas mais consoladoras e mais confortantes que a vinda de Nosso Senhor, cada vez que um novo filho nasce na família?

Não temais, pois, se tiverdes mais filhos. Não temais ficar por isso mais apertados. Porque o coração dos pais é como lareira ardente: quanto mais combustível aí se põe, mais ele arde. O coração daquele que não tem filhos é frio. O primeiro filho acende a primeira chama de amor dos pais; cada novo filho aumenta-a, e mais anima.

B) Falando, porém, assim, parece-me ver entre este ou aquele dentre os que me ouvem pelo rádio dizer: “Vou escrever ao pregador. É fácil dizer do altar, da cátedra, porque ele não conhece a vida”.

Não me escrevais, não. Eu a conheço. Sei mesmo que há realmente, por causa das miseráveis condições materiais de hoje, famílias que *receiam com razão a vinda de um novo filho*, porque não poderiam sustentá-lo.

a) Que lhes diremos nós? Que lhes diremos, quando em sua amargura, eles não sabem mais quase o que dizem?

O ponto de vista católico é duro e severo, dizem eles. Já não há tanta miséria na terra? Já não falta o pão àqueles que vivem? E eis o cristianismo a proclamar que é um pecado defender-se contra os filhos. A Igreja não tem coração e nem indulgência!

Apresentei esta acusação em toda a severidade, para que vejais que a Igreja sabe de tudo isto. Como não haveria ela de saber a miséria por que passam tantas famílias de hoje? Como não teria ela compaixão de todos aqueles que, sem o merecerem, estão na miséria? Como não haveria ela de saber que, infelizmente, famílias realmente religiosas, por causa dessas dificuldades, ficam em uma terrível alternativa?

b) Para evitar mal entendidos, declaremos claramente que a Igreja nunca teve a idéia de que os pais pudessem pôr no mundo sempre mais filhos, irresponsa-

velmente. Nada disto. Há famílias que podem educar, convenientemente, os dez filhos, há outras que não podem educar mais que um ou dois. A Igreja o vê bem, Ela só não o permite que a limitação de números de filhos se realize por intervenções culpáveis, manchando o santuário da família. Quando por sérias razões a família não quer mais aceitar filhos, é preciso para que ela não os aceite mais, recorrer à castidade conjugal, e não a meios criminosos.

E' por excelência o dogma que hoje faz com que tantos falem das "lacunas da ética sexual católica" e da "falência moral do matrimônio católico", e da "impossibilidade do ideal católico do matrimônio".

O homem moderno gosta de ouvir falar de tudo, menos de uma coisa: Não quer ouvir falar do domínio de si. O homem que aprendeu dominar as forças mais selvagens do mundo material, esqueceu de aprender a dominar a si mesmo, esqueceu e, se fôr preciso, negará que tôdas as grandes obras do passado, no terreno da civilização material ou da intelectual, são o fruto de renúncia.

c) Mas, enquanto que a santa Igreja exige sem reserva a pureza moral da vida do casado, ela não cessa de exigir também para as famílias condições que tornem possível a observação da castidade conjugal, pois se conhecemos que para muitas famílias na realidade é difícil observar as leis divinas por causa da situação econômica atual, não se segue que tenham agora o direito de mudar a lei de Deus; pelo contrário, é preciso transformar a situação econômica. A lei divina é eterna e o homem não tem o direito de tocá-la. Mas as leis econômicas não são eternas. Elas dependem das transformações a que estão sujeitas as instituições da

vida atual. Se o sol e o meu relógio não se combinam, eu não posso tocar no sol, mas sòmente no relógio.

Quem não vê a grandeza da tarefa que incumbe neste ponto à legislação? Com efeito, há hoje ainda homens que não têm família para sustentar, mas dissipam em uma só noite somas que bastariam para alimentar, durante a semana, várias famílias numerosas. Enquanto a Igreja corajosamente levanta a voz em favor dos filhos, e assim defende com eficácia o interesse da nação, a legislação civil não tem o direito de olhar, com indiferença, a luta difícil em que ela se empenha em favor da criança, mas deve, por inúmeras medidas legais, por intervenções no domínio educativo, impostos fiscais, por abonos e outros meios materiais, favorecer as famílias numerosas.

C) Ao lado das preocupações materiais *tem-se o costume de invocar razões* de saúde para recusar ter novos filhos, “os filhos fazem envelhecer... tiram a força das mães... podem até custar-lhes a vida...” Tais são os temores de alguns.

a) Cada vez, porém, que ouço falar dessas apreensões, cada vez que ouço falar de jovens que receiam ter filhos, “porque elas envelhecem”, e “põem em perigo a saúde”, recordo-me da resposta de um célebre médico francês. Uma senhora lamentava-se de diversos sintomas de doença. O médico contentou-se em perguntar-lhe:

— Senhora, quantos filhos tem?

— Três, respondeu a senhora.

— Pois bem, replicou o médico. Quando tiver cinco, desaparecerão por si mesmas tôdas estas enfermidades.

Pois é verdadeiramente maravilhosa, *a força que há nos braços de um pequenino filho*. Como êle une cada vez mais, dia a dia, o coração de seus pais. Como os

adultos se tornam novamente crianças sorridentes, quando cuidam de um filho! Com que palavra de ternura a mãe sabe falar a seu filhinho! Com que precaução, e orgulho, o pai leva nos braços robustos o seu filho. E como do semblante dêsses dois adultos desaparece tôda a preocupação! Como seus olhares se tornam doces! Como o sorriso há tanto tempo talvez desaparecido, reaparece em seu rosto, quando olham o filho!

Tal é a fôrça rejuvenescedora do filho, protegendo o enfraquecimento precoce, a aspereza, o tédio da existência! Nos lares, porém, onde não brilha o sorriso da criança, a velhice cedo aparece, a alma dos esposos sem filhos é mais vítima da arterioesclerose que seu corpo.

b) *Mas objetará talvez alguma jovem, eu não quero diversos filhos porque me envelhecem prematuramente.*

Pois bem, que responderemos nós?

Vistes já, com certeza, nestas belas tardes de maio, uma árvore tôda florida banhada pelo brilho radiante do sol que se põe? E' a imagem da noiva de pé ante o altar no dia de seu casamento.

Sim, é bela a jovem árvore florida.

Mas é ainda mais bela quando desaparecido o sinal da sua beleza exterior, quando caídas as suas flôres, aparecem em seu lugar os pequeninos botões. E a árvore se alteia apesar dos ventos e das tempestades, arrasta o calor e o frio, bebe incansavelmente as águas da chuva e os raios do sol, para que um dia, chegado o seu outono, o tronco possa apresentar seus ramos cobertos de frutos. Se tôdas as jovens, que se inquietam pela sua beleza, refletissem: é bela a árvore ornada de flôres na primavera, mas esta beleza não tem finalidade, e nem significação se não houver frutos.

c) E' bem verdade. Esta fecundidade é algumas vezes perigosa. Na verdade *a vida do filho põe em perigo a vida de sua mãe*. Mesmo nestas situações difíceis, desesperadoras, pode-se constatar que a fé e a confiança em Deus geram uma grandeza de alma e uma coragem heróica. Há mães que não permitem que se destrua a pequenina vida que ainda não nasceu, mesmo que ela constitua um perigo sério para elas mesmas. Há almas heróicas que têm uma conduta de vida: O' homem, faze tudo que tuas fôrças permitem, e que não contrarie as leis de Deus, mas, uma vez feito o que era humanamente possível, põe os dias que te restam nas mãos do Senhor da vida e da morte. Há mães de alma heróica que se convenceram de que ninguém se arrependerá de ter observado a lei de Deus, ainda que à custa de duros sacrifícios.

Sim, a vocação de mãe tem seus sacrifícios também; e a nossa santa religião se inclina ante estas mártires do dever materno, e crê que se realizam para elas as promessas de S. Paulo, dizendo que a mãe está salva dando a vida a u mfliho (1 Tim 2, 15).

* * *

Vamos terminar esta instrução. Queria reforçar os princípios e os enunciados apresentando uma outra idéia inteiramente nova, que até aqui eu deixei de lado, mas quero lembrá-la terminando.

Na instrução anterior tratamos de coisas terríveis. Coisas difíceis de dizer, e que seria melhor calar, se com o silêncio se pudesse curar êste monstruoso câncer das idéias mundanas e frívolas.

E' uma expressão forte?

Pode-se, porém, empregar uma outra expressão, quando se lê em uma carta de pessoas casadas: "Desde o início concordamos em não ter filhos. Sem filhos é-se

muito mais livre. Somos ainda jovens e queremos aproveitar a vida. Mais tarde pode-se pensar em um filho”.

Estará morta tôda a consciência dêstes jovens? Se êles ignoram a responsabilidade que têm diante de Deus não sentem ao menos a falta que cometem contra a Pátria? Pois a nação não é só a planície e a montanha, a fábrica, os caminhões de ferro; a nação é um grande número de homens fortes e moralizados.

“Mais tarde pode-se pensar em um filho”! E’ horroroso imaginar o tesouro que êste terrível modo de pensar arrebatava à nossa nação! Pois se as mães outrora assim pensassem, então Estêvão Széchenyi não teria nascido, porque era o terceiro filho. Nunca Maurício Jokai teria vindo ao mundo, porque êle era o quinto. Francisco Deak não teria visto a luz do dia porque êle era o sétimo. E João Arany era o décimo. Mozart era o quinto. Rembrandt, o sexto. Wagner, o sétimo. Napoleão, o oitavo. Schubert, o décimo terceiro. Franklin, o décimo sétimo. . .

Escutai agora as advertências de nossa Igreja.

Que nos pede a Igreja de Cristo? Não outra coisa senão a sábia resposta de Mussolini diante do qual, um dia, se falava da limitação dos nascimentos, ao que êle se contentou em responder com desprezo: “Deixemos estas tolices para outras nações”.

Que quer a Igreja de Cristo? Nada quer senão que cada um fale com santo respeito da mãe de família que espera o nascimento de um filho, e sôbre cuja frente brilha um raio de coroa da Bem-aventurada Virgem de Belém.

Que quer a Igreja de Cristo? Que cada um levante a voz contra êstes esposos que gostam mais de educar gatos e cães do que filhos. Que quer a Igreja de Cristo? que cada espôso e cada espôsa ouça estas palavras de

Nosso Senhor: "Aquê!e que recebe em meu nome um dêsses pequeninos, é a mim que recebe" (Mt 8, 5).

Que quer enfim a Igreja de Cristo? Quer que realize, sempre mais para mãe, a promessa de S. Paulo, assegurando-lhes que cada vez que dão ao mundo um novo filho adquiriram muito para a vida eterna. Ou então, como se exprime um provêrbio húngaro: "Tantos botões em tua roseira, outras tantas pérolas para tua coroa". *Compreendêstes? Ouvistes, mães de família? Eis a conclusão de hoje: Tantos botões em vossas roseiras, tantas pérolas para vossas coroas! Amém.*

CONFERÊNCIA XV.

A FAMÍLIA NUMEROSA (I)

Foi doloroso e triste o quadro da família sem filhos que passou aos nossos olhos nas duas últimas instruções, mas o objeto das duas que virão agora é bem consolador e alegre: vou falar da “família numerosa”.

O quanto é terrível, porque é contra a natureza, o silêncio de tûmulo que reina em casa dos esposos sem filhos, tanto é alegre e cheio de promessas o riso argentino que enche o lar da família numerosa.

O quanto é abandonada e triste a velha árvore sêca que perdeu sua folhagem, suas flôres e todo o seu ornamento, o quanto é triste o caminhar para o tûmulo, dos esposos sem filhos, atingidos pela velhice: tanto são altivos em sua velhice os que generosamente e confiantes no auxílio de Deus acolheram o filho. São como gigantescos carvalhos, cujos vastos ramos trazem ninhos onde sempre cantam novos pássaros. Êstes velhos vêm, com a alma cheia de gratidão para com Deus aparecer, no lar de seus filhos e mesmo netos novos berços, e nestes berços, pequeninos sêres que exprimem o seu reconhecimento aos pais e avós. Êstes velhos terão alguém para rezar por êles, e implorar a graça de Deus para o repouso de sua alma.

Sim, sempre foi assim; as famílias cristãs sempre amaram seus filhos; o seu mais belo móvel sempre estê-

ve a um canto do quarto, o berço com um pequeno anjo risonho quase a dormir, enquanto num outro canto um bebê de três anos se mantém altivamente em seu cavalo de balanço, e mostra ao seu irmão maior de 5 anos tôda sua habilidade.

As duas últimas instruções passaram-se numa paisagem árida, na família sem filhos. Nas duas, porém, que se seguem, subiremos às alturas consoladoras do lar feliz da família numerosa. Nesta instrução, mostrarei só de um modo geral que a verdadeira família cristã tem duas características: I) *respeita o filho*. II) *dá a educação ao filho*.

Na instrução seguinte, darei alguns detalhes sôbre a maneira de educar cristãmente os filhos.

1) A FAMÍLIA CRISTÃ RESPEITA O FILHO

O cristianismo sempre rodeou a criança de um respeito particular. Êle a olha como uma “coisa santa” e uma “bênção divina”, e como vamos ver, com muita justiça.

A) “A criança é uma coisa santa, “*Res sacra puer*”. Se os pagãos já assim falavam, quanto mais os cristãos! Como botões na árvore, quantas esperanças aguardam nela sua realização!

O filho é santo para seus pais. Ê, não sòmente o sustentáculo e o apoio dos pais na velhice, mas também a continuação terrestre de sua vida que se inclina para o túmulo.

O filho é santo aos olhos da nação. Ela vive por êle. Seu destino melhora com uma juventude robusta, previdente e casta, ou então desaparece o seu futuro, com uma juventude leviana e frívola.

O filho é santo aos olhos da Igreja. Dá êle sem

cessar novos membros à Igreja do Cristo, e por êles a luz do Evangelho se espalha sôbre a terra.

O filho é santo aos olhos de Nosso Senhor Jesus Cristo: com que amor Êle o olhou, e com que ternura deu Êle sua bênção.

Não exagerava pois *Leônidas*, êste mártir dos primeiros séculos, do qual lemos que se ajoelhava muitas vêzes ao pé do leito de seu jovem filho, Orígenes, e como sua mulher lhe perguntasse por que, êle respondeu: “eu adoro o Espírito Santo que habita no peito de meu filho”.

Que concepção profundamente cristã, do valor da criança! Sim. “*Res sacra puer*”, a criança é uma coisa santa”.

B) Mas na linguagem popular cristã o filho não é só uma coisa santa. E’ também uma bênção divina; “*Uma bênção divina*” são justamente as mãos pequeninas e fracas da criança que ligam mais sòlidamente aos laços da família.

a) Primeiramente, *a família se torna mais unida pelos sofrimentos e pelas dores suportadas em comum.*

Quantas vêzes não se renova sob formas diversas o caso de *S. Perpétua*, com seu filhinho.

Quem é *S. Perpétua*? A jovem espôsa de um cartaginês ilustre, que sob a ordem do imperador Severo havia sido jogada na prisão, e esperava a morte, por causa de sua fé cristã. Não era a prisão que a fazia sofrer, mas o fato de estar separada de seu filho recém-nascido.

Pode-se ler, nos atos de seu martírio, as lamentações desta mulher heróica: “Durante dias e dias, estive à mercê de amargas preocupações. Finalmente, obtive que meu filho pudesse ficar comigo na prisão. A criança tornou-se logo mais forte, e eu mesma me

restabeleci, cuidando de meu filho. E a prisão tornou-se para mim um salão de festas, onde eu estou mais satisfeita que em qualquer outro lugar” (Acta Sanctorum dos Bolandistas, t. I, 632).

Que palavras magníficas! Cada mãe de família deveria meditá-las durante horas: Restabeleci-me, cuidando de meu filho. E a prisão tornou-se para mim uma sala de festas, porque meu filho estava comigo.

b) Mas a família está estritamente unida não só pelos sofrimentos padecidos em comum, como também pelas *alegrias recíprocas*. E se o provérbio “Alegria partilhada, alegria dobrada” é verdadeiro, é igualmente verdade que a alegria partilhada entre os membros da família aumenta à medida que cresce o número dos membros, com os quais ela pode ser compartilhada.

São também de um grande valor educativo as pequeninas amabilidades que quebram a monotonia da vida quotidiana, tais como as felicitações de boas festas e de aniversário, as festas de família, as tardes de domingo passadas em uma doce intimidade, noite de natal esperada com emoção, etc.

E’ aqui preciso mostrar particularmente quanto seria importante proteger a família contra a dispersão e separação que em nossos dias, infelizmente, ameaçana sempre mais. A vida de família exige que os seus membros estejam reunidos em maior número possível. Infelizmente, as distrações modernas, o teatro, o cinema, esportes e reuniões diversas, afastam as pessoas de seu lar, e fazem perigar a tão necessária intimidade familiar.

Mas se não se passaram os anos da infância no círculo familiar, tão doce e tão quente, sentir-se-á aquela ausência em tôda a vida sentimental e moral. Tem-se o costume de dizer, num sentido diferente, é verdade,

falando-se de pessoas grosseiras e mal educadas, “sem educação”; como se poderia bem mais dizê-lo dêstes homens nervosos, desarvorados, indecisos, sem plano fixo, e sem finalidade definida porque lhes faltou na infância a felicidade da família. E se hoje aumenta cada vez mais o número dêstes, uma das principais razões é que o número de santuários familiares tão íntimos e tão doces diminui sempre mais.

c) E pela mesma razão deplora-se *tenham desaparecido da atual vida de família tantos exercícios religiosos feitos em comum*, que existiam nas nossas antigas famílias e cujo valor educativo é inegável.

Aquêles que um dia estêve no meio de uma família católica na Holanda conserva uma lembrança inesquecível da oração da noite, tal como existe ainda hoje. Não só os pais se ajoelham com seus oito, dez ou doze filhos, mas todos os da casa se reúnem para a oração em comum. Há educação mais social, pode-se apresentar melhor formação de alma para a criança em seu crescimento, que o espetáculo do Pai celeste para a oração comum? E quando pais e filhos, juntos, vão se confessar, comungar, há aí uma educação pedagógica mais eficaz que tôda a ordem ou admoestação feita pelos pais.

Naturalmente, é o espírito interior que dá seu verdadeiro valor às práticas religiosas exteriores: o amor infinito por Deus, a confiança de filho e a fé cujo poder sobrenaturaliza cada ação da família. O que quer que se dê na família: acontecimentos alegres ou tristes, o que quer que digam ou julguem os pais, que projetem ou façam, atrás de tudo isto irradia-se o desejo de cumprir a santa vontade de Deus. Estamos convictos de que, se os filhos aprenderem dos pais êste modo de pensar, receberão dêles uma lembrança mais preciosa que todas as riquezas.

II) A FAMÍLIA CRISTÃ PREOCUPA-SE DA EDUCAÇÃO DO FILHO

Chegamos à segunda ordem de idéias da nossa instrução de hoje: não só os pais cristãos respeitam o filho, mas justamente porque respeitam os grandes valores aí ocultos, dão-lhes a educação com amor e solicitude.

A) Nunca se repetiria demais que *a educação do filho é o primeiro dever dos pais.*

a) *Educação! Que sentido profundo nesta palavra!*
Fazer do que é pequeno alguma coisa de grande, do que é fraco algo de forte, fortificar o corpo e a alma, extirpar a erva má e semear a boa semente. Quantos sacrifícios, que tarefa desinteressada, que noite de insônia, quantas lágrimas e cuidados nestas duas palavras “educação familiar!”

A educação familiar é um sacrifício, mas é também uma alegria.

Como seria preciso insistir muitas vezes, e sob formas diversas, junto aos pais, sobre esta imensa responsabilidade. Mas não para se concluir: “então é preferível não ter filhos”, mas para fazer tudo conscientemente tendo em vista a felicidade futura de novos seres pequeninos lançados à vida.

Sim, a tarefa educadora é cheia de sacrifícios, mas é cheia também de alegrias.

Que é que dá aos pais esta alegria, esta felicidade e esta paz, enquanto educam, instruem, alimentam e protegem seus filhos? O pensamento de que eles cumprem assim o mais santo dever que repousa na lei natural e na lei divina. Mas, se, após o cumprimento de qualquer dever, provamos um sentimento de satisfação, este sentimento cresce na medida da obrigação da qual dependem os interesses primordiais de nosso

destino terrestre e eterno, da raça humana, da nação e da Igreja.

b) Mas para que os pais sejam capazes dêstes sacrifícios contínuos, Deus criou em seus corações um dos mais belos sentimentos humanos: *o amor paterno e materno.*

O amor paterno e materno! Que palavra mágica. Quantas lágrimas e fadigas, quanto perdão e quanta indulgência, quantas vigílias e privações nestas palavras; amor paterno e materno!..

E' um amor inesgotável, porque se nutre de três fontes: Os pais amam seus filhos porque são a carne de sua carne, e também a carne de outro ser, que êles mais amam no mundo, além de seus filhos; amam-nos ainda porque a alma do filho, desde que foi purificada pela água batismal, tornou-se filha de Deus.

Êste amor paterno e materno nada e ninguém o substitui. Um filho pode ser educado por mil pedagogos, a governanta mais devotada, a melhor ama, ou educadora de crianças, sem o amor dos pais, nada mais é que "Ersatz", mas êste "Ersatz" não substitui senão aproximadamente o amor paterno e materno.

B) *E quando começa o dever educativo dos pais? A partir de que idade?* Quando é preciso empreender a educação da criança? Aos cinco, seis ou dez anos?

a) Oh! Já seria bem tarde. E' preciso começar a educação desde o primeiro instante da vida terrena do filho, e até antes de sua vida terrena.

Como? Não compreendo bem. Até antes de sua vida terrena? Que quer dizer isso?

Que a responsabilidade dos pais começa muito antes do novo ser. Começa desde a sua própria juventude, fazendo com que essa se passe no caminho da virtude. Atualmente uma ciência inteiramente nova, a ciência das leis de hereditariedade, ensina com uma fôr-

ça indiscutível o que a Igreja sempre proclamou, isto é, que a juventude dos pais, passada na pureza moral, é uma bênção para os futuros filhos, assim como lhes traz conseqüências fatais a juventude vivida leviana e imoralmente!

b) Mas por outro lado observamos hoje mais claramente a *importância decisiva das impressões da primeira infância*. Nada mais é do que aquilo que os antigos já suspeitavam quando diziam que alguém bebera tal ou tal coisa com o leite de sua mãe. Desde o instante em que as águas do batismo tocaram a fonte do recém-nascido, Cristo depôs na sua alma em germe a vida sobrenatural; e o dever grandioso dos pais, sua verdadeira vocação sacerdotal, é levar aquela vida cristã nascente ao supremo desenvolvimento pelo seu afeto de educadores. E esta tarefa deve ser iniciada em uma idade em que nem a escola e nem a Igreja influíram sobre a criança.

Milhares de ocasiões se apresentam aos pais sobretudo às mães, para elevar ao Pai celeste por meio de um amor cada vez mais ardente, a alma infantil que se está desenvolvendo. O efeito da grave emoção, o tom fervoroso com os quais a mãe fala de Nosso Senhor, do Menino Jesus, da Santa Virgem e das verdades fundamentais da religião, ao seu filho de três ou de quatro anos, estendem-se por toda a sua vida. Não há educação, por melhor que seja, não há sacerdote por zeloso que seja, que saiba ensinar essas verdades com tanta delicadeza e sucesso como os pais.

Feliz o filho que recebeu essa educação de seus pais, e não somente belos vestidos, bons alimentos e presentes!

Feliz o filho que cresce num meio familiar cuja atmosfera se impregnou destes espíritos vivificantes de uma profunda piedade!

Feliz o homem que sob os golpes da sorte encontra sólido apoio na inquebrantável piedade, cujas bases foram lançadas pela sabedoria providente dos pais, sobretudo da mãe, no solo bem enriquecido dos anos da infância!

C) Recordei já muitas vezes especialmente a tarefa da mãe de família. Pois se tudo quanto disse até aqui, a respeito de dever educador dos pais, serve uniformemente para ambos, a experiência mostra, porém, que a mãe é a mais apta para exercer uma profunda ação educadora, *pois para cada filho, a primeira e a mais preciosa educadora é a mãe de família.*

Uma ocasião alguém dizia a *Adams* o célebre presidente dos Estados Unidos da América: — Eu sei como vos tornastes o homem que sois. — “Ah! Como soubestes?” perguntou o presidente. “Li algumas das cartas que vossa mãe nos escrevia”, respondeu o interlocutor.

Como tinha razão! Pois se, em falando do crime de um homem, costuma-se dizer: “Procurai a mulher”, falando de suas virtudes pode-se dizer muito mais: “Procurai a mãe”.

a) *O Antigo Testamento, já fornece exemplos inesquecíveis da mãe de família ideal.* Bastará talvez citar apenas um só.

Pelo ano 166 antes de Jesus Cristo, brotaram dos lábios de uma heróica mãe palavras que nunca poderão ser esquecidas enquanto um homem viver sobre a terra. Elas não o serão, pois a Sagrada Escritura dá-lhes uma existência perpétua.

E' a questão da mãe heróica dos Macabeus, cujos sete filhos foram mortos por um tirano, por causa de sua fidelidade às leis de sua religião. Um após outro morreram, entre horrorosos suplícios, sob os olhos de sua mãe. Poderiam escapar desse sofrimento, se re-

negassem a fé, mas nenhum dêles o fêz. E quando o mais jovem foi torturado, sua mãe encorajou o filho banhado de sangue, dirigindo-lhe essas sublimes palavras: "Eu te conjuro, meu filho, olha o céu e a terra, e tudo que êles contêm, vê que Deus o criou do nada, e que a raça dos homens assim chegou à existência. Não temas êste algoz, sê, porém, digno de teus irmãos (2 Mac 7, 28-29). Assim morreu o mais jovem e depois também sua mãe. Mas não traíram sua fé.

b) Se o Antigo Testamento podia já produzir tais mães ideais, qual não deve ser então a *imagem da mãe de família cristã*, no N. T., ante a qual brilha como ideal o exemplo da Imaculada Mãe de Deus! Porque depois que a Santa Virgem levou em seus braços o Menino Deus, cada mãe de família traz uma coroa invisível. Uma coroa mais bela que todos os diamantes. Uma coroa digna de maior veneração que tôda decoração terrena. Coroa que difunde uma beleza maravilhosa sôbre o semblante de quem a leva. Mas uma coroa que se assemelha também à coroa de espinhos de Nosso Senhor!

Se tôdas as mães vivessem conscientes dessa dignidade sobrenatural! Se todos os homens soubessem que êles podem substituir em tôdas as coisas as mulheres, menos em tarefa vital em que ninguém a substitui! Na tarefa da mãe educando seu filho. Não é, pois, compreensível que as mulheres ambicionem justamente essa carreira, única onde ninguém as substitui?

Infelizmente, a desordem da vida econômica atual obriga sempre a mulher a abandonar a calma do santuário familiar, e vir fazer concorrência ao homem na vida pública. Atualmente, não há só empregadas, mas há mulheres deputadas, advogadas, doutôras, artistas, professoras, motoristas de táxis, agentes de polícia... e em certas regiões há mulheres pastôras... e entre os soviéticos, mulheres soldados. Em todos os domínios,

o homem pode produzir mais que a mulher, e em tudo isto a humanidade poderia viver sem a colaboração feminina.

Há todavia uma profissão que pertence única e exclusivamente à mulher: há uma carreira que, se as mulheres abandonarem, ninguém poderá substituí-las e sôbre a qual repousa tôda a humanidade: é a profissão de mãe de família.

Não creio que um homem possa provar maior alegria na terra, do que quando seu filho já crescido lhe diz o que o ilustre Széchenyi escrevia um dia à sua mãe: “Vós me instruístes, me educastes, plantastes no meu coração o bem no qual estou e ficarei, e o pouco que fiz para meu Deus, meu Rei e minha Pátria é vossa obra”.

E agora que vou terminar essa instrução, na qual tratei do amor paterno e materno tão devotado, tão generoso até o sacrifício, vem-me à mente uma lembrança de guerra, que se desenrolou há vinte e poucos anos, e que eu nunca poderia esquecer.

Era primavera de 1915. Nossas tropas após a tomada de Gorlice avançavam rapidamente na Galícia enfim libertada, e a ambulância de campanha, à qual eu estava adido, mal podia seguir o exército. Um dia, trouxeram um jovem que recebera uma bala na cabeça: Teria vinte anos, e era de origem polonesa ou rutena. A bala atravessara-lhe a cabeça sem matá-lo, mas êle perdera a consciência. Durante alguns dias ficou entre nós, sem recuperar os sentidos e seu jovem e robusto organismo lutava contra a morte. Permaneci ao seu lado a fim de poder confessá-lo, se recobrasse a consciência. Mas esta não vinha sequer um minuto. Seus lábios se moviam incessantemente, noite e dia, e durante dias, dêste corpo inconsciente, saíram incansavelmente essas duas palavras: “Tatyinko, maminko... tatyinko,

maminko..." papai, mamãe! Finalmente, o pobre jovem morreu!

Era terrível ouvir durante dias essas duas palavras. Mas atualmente...

Atualmente, pergunto a mim mesmo: Quais eram o papai e a mamãe dêste infeliz jovem? Que doce imagem deveriam despertar naquele cérebro atingido por uma bala, e desprovido de conhecimentos! Como deveriam ser bons para que o filho, no meio do sofrimento dos últimos dias, pudesse encontrar no seu nome tal doçura, repetindo estas duas palavras: "Tatyinko, maminko".

A êsse bons pais o meu último pensamento.

Que Deus abençoe o devotamento das boas mães de família. Amém.

CONFERÊNCIA XVI.

A FAMÍLIA NUMEROSA (II)

Foi talvez um pouco original o desejo com o qual terminei a minha instrução anterior. Não é costume terminar o sermão com um brinde: "Deus, abençoe as boas e devotadas mães de famílias".

E' verdade. Mas aquêlê que reflete no devotamento contínuo que os bons pais são obrigados a manifestar aos seus filhos; aquêlê que conhece o trabalho árduo a que se impõe o pai de família para subvencionar as despesas materiais decorrentes da educação dos filhos; aquêlê que vê todos os cuidados, lágrimas e noites de insônia por que passa a mãe de família na educação do filho, julgo que não achará tão estranho que na frente dos pais, ciosos de seus deveres, perceba eu o brilho de uma coroa sobrenatural.

Que seja sempre maior o número dêsses pais educadores ideais. Possam êles cumprir sempre com mais frutos a sua pesada missão de educadores. Eis a finalidade da presente instrução.

A educação frutuosa dos filhos coloca, sem dúvida, os pais diante de grandes deveres. Cumprirão, porém, mais facilmente êsses deveres: I) *Se êles souberem que o primeiro fator de educação é o próprio exemplo.* II) *Se souberem quais as virtudes que devem ensinar em primeiro lugar a seus filhos.*

E' à discussão destas duas questões que consagrarei a presente instrução.

1) O EXEMPLO DOS PAIS.

A) *Os jovens dançam conforme a melodia que cantarem os pais*, diz com muita exatidão um provérbio germânico. As palavras boas ou más ouvidas pelos filhos não são apenas palavras que voam. O exemplo em casa dos pais sempre permanece. E o que vale a mais bela exortação ou mais grave advertência nos lábios do pai, que por sua conduta destrói o que verbalmente exige de seus filhos?

A Virgem Maria e S. José não disseram ao Menino Jesus: “vá ao Templo”, mas sim “vamos ao Templo”. Infelizmente é um fato bastante triste o de que, em nossos dias, muitos pais proíbem seus filhos de blasfemar, quando êles mesmos blasfemam tranqüilamente ou então proíbem-lhes mentir, mentindo êles mesmos.

E se admiram se lhes acontece como na história do caranguejo e seu filho.

O velho caranguejo repreendia uma ocasião o seu filho.

— Não convém que caminhaes sempre recuando. Caminha, pois, para a frente.

— Fá-lo-ei de boa vontade, quando te vir caminhando também para diante.

B) Infelizmente, os pais, em sua leviandade, muitas vezes, não vêem *como êles corrompem seus filhos pelos maus exemplos*. Talvez não haja má intenção, mas apenas falta de reflexão.

Um pai de família surpreendera seu filho a roubar.

— Meu filho, não deves roubar, porque Deus não pode ser enganado. Êle vê tudo.

— Vê tudo? — responde o filho. — Então, é lamentável isto, porque Êle viu que o papai entrou embriagado, ontem, à noite.

Certamente Ele tinha visto. Mas o pai podia responder alguma coisa a isto?

Os catequistas e os mestres mais zelosos fazem, muitas vezes, a triste experiência de que todos os seus esforços se tornam inúteis pelos exemplos opostos, vistos em casa.

Em uma escola primária os alunos escutam a lição. O professor recorda entre outras coisas que ao comer não é conveniente tocar no saleiro, mas que se deve tomar o sal com a ponta da faca.

— Vós já ouvistes dizer isto muitas vezes em vossa casa, não é? Apesar disto pegais no saleiro, eu o sei.

— Oh! — diz um pequenino — papai também toma o sal com os dedos.

E agora eu adjuro solenemente os pais a não tomarem o sal com os dedos...

Mas para que as mulheres recebam com seus maridos uma pequena lição, recordarei o caso de uma educadora que repreendia a uma menina: "Mas, menina, não tens vergonha de vir à escola com um vestido tão curto?"

A pequena banhada em lágrimas respondeu-lhe: "Senhora, eu me acordei tarde e precisei vestir-me apressadamente, e... sem notar... pus o vestido da mamãe..."

C) Em compensação a experiência quotidiana fornece-nos incessantemente exemplos da *influência feliz da atitude dos pais na formação de seus filhos*. Bastará talvez recordar os pais da pequena Teresa de Lisieux. Quando se lê, na vida dêsses dois esposos respeitáveis, como êles cuidavam sèriamente de seus deveres conjugais, quando se lê, nas cartas da mãe de Santa Teresa do Menino Jesus, o seu amor generoso e sua submissão à vontade de Deus, exclama-se involuntariamente: "Sim, dêsse matrimônio devia nascer uma santa".

“Mas, como se pode hoje ser tão idealista? Hoje os tempos estão mudados. Hoje, temos atrás de nós a grande guerra, e ela tudo destruiu”.

Assim se expressam alguns. Mas que sofisma! Atrás dos pais da pequena Teresa, havia também a guerra de 1870 e seus males. E pôr um filho no mundo, sempre foi um sofrimento, sempre foi um sacrifício em todos os tempos, em tôdas as épocas. E a aceitação dêsses sacrifícios depende da fé que os pais tiveram em Deus, e de seu amor por Êle.

Infeliz o pobre filho cujos pais perderam sua piedade! Infeliz do pobre filho cujos pais não têm religião! Os olhos dos filhos são muito vivos e vêem tudo; aos dez anos, está ainda escandalizado com a descrença dos pais; aos quinze, já se habituou, e aos vinte encontra nela uma desculpa para a sua vida de incredulidade e leviandade moral.

Pais, não o esqueçais nunca: A primeira tarefa do educador é o seu próprio exemplo. E sòmente educareis convenientemente vossos filhos, se fordes irrepreensíveis.

II) QUE EDUCAÇÃO SE DEVE DAR AOS FILHOS?

Não é menos importante saber quais são as virtudes que particularmente se devem ensinar aos filhos.

A) Primeiramente, mencionarei a *obediência absoluta*. “Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, porque isto é justo” (Ef 6, 1), tal é a advertência dirigida por S. Paulo aos filhos. Logo depois, contudo, êle fala nestes têrmos aos pais de família: “E vós, pais, não exaspereis vossos filhos, mas educai-os formando-os, instruindo-os no Senhor” (Ef 6, 4).

a) Educar os filhos formando-os, isto é, *habituarlos a obedecer sem nada dizer, acostumá-los à modês-*

tia e à renúncia. Outrora, era natural que em tôda a família os filhos obedecessem com presteza às ordens de seus pais.

Mas êste princípio de educação foi abandonado, quando apareceu a moda do filho único, e os pais, então, começaram a obedecer a todos os caprichos dêste pequeno tirano muito amimado. Pois, é preciso reconhecer, ou bem o filho obedece ou bem êle manda; ou bem êle toma a palavra, ou bem se lhe dá a palavra.

Escutai sòmente um caso típico de um filho excessivamente amimado.

Um dêstes filhos únicos chora, uma noite no pátio, junto ao poço, e batendo com o pé grita à sua preceptora: "Dai-ma. Eu a quero".

Ante aquêlo barulho, a mãe abre a janela e pergunta: "Senhorita, que contraria o pequeno? Dai-lho!"

"Mas, senhora, ainda mesmo que Ladislau sapa-teasse até amanhã cedo, eu não poderia dar-lhe".

"Que dizeis? Esperai um pouco, e eu mesma vou fazê-lo", grita a senhora precipitando-se para junto de seu marido.

O marido corre à preceptora: "De que se trata? Por que não dais à criança o que ela pede? Minha mulher o ordena. Tomai cuidado, podeis partir no próximo mês".

A pobre jovem responde suavemente: "Que o senhor lhe dê, se puder. A lua brilha na superfície da água, e Ladislau bate o pé, pedindo que eu a tire da água, e lha dê".

Que ser infeliz não será, quando crescer, um filho assim abominavelmente amimado!

b) Mas que é preciso fazer se realmente o filho sapateia, chora, joga-se por terra, quando se lhe recusa alguma coisa?

Não é preciso dar-lhe o que êle pede mesmo *neste caso*. E' preciso que se lhe ensine que, apesar da riqueza dos pais, há coisas no mundo às quais é preciso renunciar.

"Mas fico com pena do pobrezinho, quando êle chora tão aflito. E' penoso contrariá-lo".

Se não olhais para o seu futuro, então é difficil contrariá-lo. Considerai, porém, que Herodes não soube recusar o pedido da jovem Herodiádes, e mandou por sua causa matar S. João Batista.

Considerai as palavras de S. Agostinho: "Odeia o que ama de maneira má, e ama aquêle que odeia bem".

Considerai, enfim, a advertência da Sagrada Escritura: "Acaricia o teu filho, e êle te fará tremer... Não lhe dêis tôda a liberdade na juventude, e não feches os olhos às loucuras" (Ecli 30, 9-11).

Mas se o filho se obstina, e não escuta a voz da sabedoria, então lembrai-vos do provérbio: "Os navios e as crianças são governados por detrás" e ainda dêste outro provérbio: "A pancada infligida a propósito é muitas vêzes mais eficaz para o filho que uma centena de sermões"; e enfim êste terceiro provérbio: "E' melhor que o filho na juventude chore por causa dos pais do que os pais chorarem por causa dos filhos, quando êles crescerem".

Justamente nesta questão, a Sagrada Escritura não é tão sentimental como certos métodos pedagógicos atuais. Como a Sagrada Escritura sabe que a estultícia é inerente ao coração da criança (Prov 22, 15), ela diz claramente aos pais: "Aquêle que ama seu filho não lhe poupa a vara" (Ecli 30, 1). O cavalo indômito torna-se intratável; o filho entregue a si mesmo torna-se

insolente" (Ecli 30, 8); "Aquêle que poupa a vara odeia o seu filho; se lhe bates com a vara livrarás sua alma da região dos mortos" (Prov 23, 13-14). "A vara e a correção dão a sabedoria, mas o filho abandonado aos seus caprichos envergonha a sua mãe" (Prov 29, 15).

B) A segunda virtude, após a obediência e proveniente dela, é o *respeito à autoridade*.

Não há vida comum sem respeito à autoridade; ao contrário, *harmonizar o amor paterno com a necessária autoridade é uma das tarefas mais difíceis, ainda que indispensáveis, da educação*. Sim os pais devem amar seu filho, mas o filho deve corresponder a êste amor com um respeito, uma obediência incondicional.

a) E não é só no ambiente estreito da família que a obediência e o respeito têm seu valor, mas são também indispensáveis para a civilização humana tôda inteira. A civilização consiste em acolher as descobertas das gerações antigas, edificando sôbre elas, e prosseguindo sua obra. Mas para isto é necessário o respeito à autoridade. Se a vida familiar ensinar o respeito à autoridade, serve ao mesmo tempo aos valores universais da civilização.

Se uma geração recusa o respeito à autoridade e aos valores do passado, ela soçobra na revolução. Compreende-se assim por que os revolucionários se dedicam com predileção a destruir a família: com a família desaparece ao mesmo tempo o respeito à autoridade, e o terreno se torna favorável para os perpétuos tumultos.

b) Mas naturalmente, se os pais querem que seus filhos tenham o respeito à autoridade, é preciso recordar que *êles mesmos não devem destruir esta autoridade diante de seus filhos*.

Os antigos compreenderam melhor que nós como assegurar a autoridade dos educadores e mestres. Filipe, rei da Macedônia, proibira seu filho, o futuro Alexandre Magno, de se assentar quando seu preceptor falasse com êle. E o imperador Teodósio, tendo um dia encontrado seus dois filhos assentados, enquanto seu preceptor Arsênio estava de pé, ordenou-lhes ficar de pé enquanto o mestre se assentaria.

E hoje? Como é diferente! Com que leviandade muitos pais querem razões e discutem, prejudicando o respeito à autoridade!

Se o filho leva más notas, naturalmente a “falta é do mestre”.

Escutai o que escreve a êste respeito um pedagogo muito experimentado.

Ordinariamente é a mãe que recebe o boletim. Em seu primeiro impulso repreende severamente o filho. Mas a primeira coisa que faz a criança, menino ou menina, — é lançar tudo sôbre o professor.

— Mamãe, sabia muito bem minha lição, mas não de cor.

— Mamãe, sabia minha lição, mas o professor pediu-me coisas que não estavam no livro.

— Mamãe, o professor enganou-se, tomou-me pelo meu vizinho.

— Mamãe, é o professor de alemão que me pegou. E sabe, êle é um judeu...

— Mamãe, não era o meu professor habitual, e sim um substituto que não gosta de mim.

— Mamãe, não te zangues, eu brinquei muito, mereci a má nota, mas eu te prometo que me corrigirei, até o fim do semestre. Interroga-me tôdas as noites...

Depois, e sempre a mesma conclusão: “Mamãe, assine o boletim para que papai não o perceba.

E 50% das vêzes a mãe nada diz ao pai. Quando lhe diz, as mais das vêzes desculpa o filho, ataca o professor ou a professôra, na família, na sociedade e em tôda parte (Journal des Parents, nº de dezembro, 1924).

C) Ao lado da obediência e do respeito à autoridade, é preciso dar grande importância à *franqueza absoluta do filho*. Que alegria para os pais se podem confiar em cada palavra do filho! A franqueza é a base da educação do caráter, e ao contrário nada se tem a fazer com um filho mentiroso.

a) E aqui, preciso indicar de modo especial dois defeitos na educação. *Primeiramente a severidade injustificada dos pais pode habituar o filho à mentira*. Sim, tem-se o direito de punir, como já disse, a má vontade, mas não a falta de jeito, as travessuras e outras criancices. Nem sobretudo a franqueza. Se o filho confessa francamente a sua falta, é preciso falar à sua consciência, adverti-lo, mas não se tem o direito de o punir pela sua sinceridade.

b) Outro defeito que se apresenta *é quando os próprios pais pecam contra a verdade*.

Uma filha diz à sua mãe: Mamãe, estão pedindo, na escola, para as crianças pobres. Posso também dar alguma coisa?

A mãe responde-lhe: Tu não darás nada. Dirás à Irmã que também somos pobres.

Na manhã seguinte diz novamente a filha: Mamãe, a Irmã disse para eu não tomar lições de dança, e não esbanjar o dinheiro de nossos pais.

A mãe responde: Dirás à Irmã que temos o suficiente para pagar as lições. Isto não a interessa.

E a mamãe ficará muitíssimo admirada, quando um dia a filha mentir não só à Irmã, mas também a ela?

D) E' preciso mencionar um dever importante dos pais: *educar seus filhos na moralidade.*

a) Duas são as graves obrigações dos pais, neste ponto: *instruí-los e vigiá-los.*

Que é preciso ensinar-lhes? Os grandes designios de Deus, o plano sublime que atesta sua tocante confiança no homem, quando chegar o momento.

E como vigiá-los? Uma atmosfera de alta moralidade deve reinar na família e nada deve aí existir que fira o melhor escudo da alma jovem, a sua pureza.

Muitos compreendem esta última obrigação e conseqüentemente agem; muitos, porém, recuam sempre mais ante a primeira. "E' uma tarefa difícil e delicada", dizem. Sei que deveria dizer alguma coisa, mas não encontro palavras para dizê-lo.

Primeiramente, não vejo por que isto seria tarefa tão delicada para os pais, compenetrados de um santo respeito ao pensamento divino, e que refletem êles mesmos, com piedosa gravidade, no santo poder criador que Deus concebeu ao homem. Êstes pais acharão o tom e as expressões convenientes.

Mas, mesmo se êste trabalho fôsse difícil, não teria o direito de subtrair-se a êle, quando se consideram os danos espirituais irreparáveis, que o silêncio dos pais produz nos filhos em idade de crescimento.

Com efeito, não é preciso mostrar que se guarda silêncio a êste respeito diante dos filhos já crescidos, a questão está liquidada. Pois as reuniões mundanas, a rua, o teatro, o cinema, o jornal, o romance, as vitrinas, os cartazes não ficam mudos... todos falam, mas em um tom e de um modo que irremediavelmente os arrastam ao pecado.

Se dependesse de mim faria com que todos os pais lessem os capítulos das "Confissões" de S. Agostinho

onde êle descreve com uma fôrça comovedora seus terríveis combates de jovem contra os pecados dos sentidos. E' verdade que então êle ainda não era cristão, mas infelizmente quantos jovens cristãos poderiam escrever outro tanto!

“Onde estava eu, Senhor? e como, neste exílio, estava longe das delícias de vossa casa no 16º ano de minha carne, escreve êle, quando tomou o cetro sôbre mim, e com uma completa submissão de minha parte — o frenesi da voluptuosidade. Os meus não cuidavam senão de me verem fazer belos discursos e a persuadir pela arte da palavra” (Livro II, cap. 2). Neste 16º ano, a falta de recursos dos meus obrigou-me a suspender meu trabalho. Livre de tôda a escola, morava com meus pais. Foi, então, que os espinhos das paixões se levantaram em cima de minha cabeça, sem que mão alguma daí os pudesse arrancar (Livro II, cap. 3).

Pais, não esqueçais que se um dia vossos filhos tiverem necessidade de alguém, a quem possam dirigir-se com uma completa confiança e diante de quem não tenham segredo algum, será justamente na sua juventude. Feliz do filho que nestes anos puder se dirigir a seus pais com absoluta confiança!

Felizes dos pais que com uma afeição reta, compreensiva, delicada, sabem garantir, nestas épocas difíceis, a confiança absoluta de seus filhos!

b) E' justamente por isso *que os bons pais controlam cuidadosamente o círculo de amigos de seus filhos*. Sabeis, pais, quais são os amigos de vossos filhos? Onde vão se divertir habitualmente e quais suas reuniões? De que falam entre si?

Não tenho tempo de me preocupar com isso? Prestai atenção. Então para vós se aplica o severo juízo de S. Paulo: “Se alguém não se preocupa com os seus,

e principalmente dos de sua casa, renegou sua fé, e é pior que um infiel" (1 Tim 5, 8).

Cito novamente S. Agostinho.

"Eu me precipitava na minha perda, a tal ponto cego que, entre os companheiros de minha idade, eu tinha vergonha de minha inferioridade de vergonha: porque eu os ouvia se gloriarem de sua vilania e tanto mais quanto mais infames êles eram: eu gostaria de fazer como êles, não só pelo prazer, mas também por glória... Por temor de repreensão eu me tornava ainda mais vicioso, e na falta de crime real, que me igualasse com os mais corruptos, eu fingia ter feito o que não fizera; tinha medo de aparecer tanto mais desprezível quanto eu era inocente, tanto mais vil quanto era casto" (Confissões 2, c. 3).

E o tempo obriga-me a concluir esta instrução, e todavia teria ainda tantas coisas a dizer! Contudo há uma que eu não posso calar. Uma coisa que eu deveria lembrar em primeiro lugar, porque é a base de tôda a educação, e dá fôrça a todo o meio de educação. *E' a educação religiosa.*

Coisa curiosa, há pais que temem, sobretudo, que os filhos caiam numa devoção exagerada.

Pergunto a uma dessas mães de família.

— Senhora, quereis que vosso filho, crescendo, se corrompa e se torne um jovem leviano?

— De nenhum modo. Qual a mãe que o quereria? Só não quero que êle se torne um beato...

— Um beato? Que quereis dizer com isso.

— Bem. Que êle não tenha uma piedade exagerada...

— Mas considerai um pouco como essas duas palavras parecem extravagantes, uma ao lado da outra: "Piedade exagerada"! Pois compreenderia se me dissés-

seis: “Não quero que meu filho seja um gatuno”. Sim, isto teria um sentido. Não quero que êle se torne um velhaco... Mas “uma piedade exagerada” Que temeis dêsse lado?

— Que êle se torne um pouco simples, concentrado, hipócrita.

— Ah! isso é outra coisa. Tendes plena razão. Mas, disse-me, quem pretende ser isto piedade? A condição preliminar, a base e o motor de uma boa educação é a religião que vive da fé em Deus, e que se desenvolve sob os olhos de Deus. A religião não é pois alguma coisa puramente exterior. Não consiste em ir à Igreja aos domingos, e deixar, durante a semana as leis da religião com os trajes domingueiros. A religião não consiste simplesmente nas orações e nos jejuns, isso também dela faz parte: mas consiste no apêgo profundo a Deus, que penetra tôda a nossa vida, todos os nossos planos, tôdas as nossas ações, nossos descansos, e nosso trabalho, nossas alegrias, nossos sofrimentos. Mas não se pode duvidar que a atmosfera religiosa, que se espalha sôbre tôda a vida de família, é o melhor fator de desenvolvimento para as mais belas virtudes na alma da criança.

* * *

E agora que chegamos ao fim dessa instrução, e que estamos diante de numerosas conclusões que a boa educação exige dos pais, que consideramos inúmeros sacrifícios, e a paciência, a renúncia que ela pede aos pais, até que êstes filhos, êsses fracos sêres, se tornem moços e môças bem educados para a sociedade, para a nação, e para a Igreja, eu digo, se examinarmos isso profundamente, que é impossível não se despertarem em nós os sentimentos de respeito e de reconhecimento aos pais que educam seus filhos com amor e devotamento.

Não vos surpreendais se meu coração se sente apertado por êsse pensamento; pois eu também conheço uma dessas mães de família, que se enviuvou na idade de trinta e um anos, com cinco filhos, dos quais o maior tinha nove anos e o menor dois.

Esta jovem viúva não se deixou vencer pela dificuldade da vida. Quem poderia contar os inúmeros cuidados, angústias, sacrifícios, esforços que durante anos e dezenas de anos essa mãe suportou até que seus cinco filhos crescessem?!

Mas êles cresceram.

E após 16 anos vós ouvis um dêsses filhos falar-vos do alto desta cátedra.

E se pelas minhas instruções um ou outro dos meus ouvintes tiver dado um só passo para Deus, peço-lhe de todo o coração, em sinal de reconhecimento, ajoelhar-se comigo e dizer uma Ave-Maria por esta mãe que já está morta; para a minha mãe, de inesquecível e abençoada memória. Amém.

CONFERENCIA XVII.

O CASAMENTO CRISTÃO

Nesta introdução, com a qual terminarei esta série de instruções sôbre a família cristã, quereria realizar uma tríplice tarefa.

I) Primeiramente desejava resumir brevemente as idéias expressas nas primeiras instruções sôbre o *ideal cristão do casamento*: sôbre a união indissolúvel, até a morte, de um só homem e de uma só mulher, como a Igreja Católica, conforme o mandamento muito claro de Nosso Senhor Jesus Cristo, sempre compreendeu e compreende ainda hoje o casamento.

II) Em seguida mostrarei novamente a cegueira daqueles que com belas palavras querem “reformular” o casamento.

III) Não é de uma reforma do casamento que o mundo tem necessidade. E’ o que veremos na terceira parte de nosso resumo. Nem de novas espécies de casamento. Mas, ao contrário, os imensos interesses nacionais e religiosos *pedem reforçarmos a antiga vida de família*, o retôrno à sua pureza e ao seu ideal primitivo; ao casamento cristão casto e indissolúvel.

I) O IDEAL CRISTÃO DO CASAMENTO

A) Nas primeiras instruções dessas séries vimos que já o primeiro matrimônio fôra mais que uma união puramente natural do primeiro homem com a primeira

mulher. Pois lemos, nas primeiras páginas das Sagradas Escrituras, que a santa vontade do Criador arrancou essas relações naturais fora do quadro da natureza pura, e colocou-as em uma altura sobrenatural. E' o que proclamam tôdas as primeiras páginas da Bíblia. Deus criou-os "macho e fêmea". E Deus os abençoou, e lhes disse: Sêde fecundos, e multiplicai-vos e enchei a terra e submetei-a (Gn 1, 27-28).

Não se podem ler essas linhas sem emoção. Quando Deus muniu de uma fôrça e de uma missão criadora, o primeiro homem e a primeira mulher, "Ele os abençoou". Está, pois, perfeitamente claro, que Ele não só fêz descer uma bênção especial sôbre o primeiro casamento, como também, pela vontade divina, êste casamento foi de um só homem com uma só mulher.

O primeiro casamento na sua forma primitiva, foi certamente um casamento monogâmico. Foi após o pecado original que o homem se afastou da vontade divina, que nêle a matéria superou a alma, e que a dolorosa aberração da poligamia e da poliandria apareceu nos caminhos da história.

B) Mas veio Cristo, o Filho de Deus. Veio não só para resgatar o homem do pecado, mas também, para restituir ao matrimônio a sua forma primitiva que Deus lhe dera, a princípio no paraíso terrestre, e elevar mesmo à *dignidade de sacramento* a união conjugal. Também êle o proclamou formalmente: "Que o homem não separe o que Deus uniu" (Mc 10, 9).

Ensinou também que a união e a fidelidade conjugal deviam ser absolutas e sem reservas, de modo que não se pode tocá-la nem sequer em pensamento: "Eu vos digo que quem olhar uma mulher cobiçando-a já pecou com ela em seu coração" (Mt 5, 28).

Eis o ideal do casamento para todos que querem ser verdadeiros discípulos de Cristo.

Mas o que Cristo proclamou e exigiu tão categoricamente, alguém teria num momento qualquer o direito de querer “reformá-lo”?

C) Devemos, pois, confessar abertamente esta verdade, que não *foi o homem quem inventou o casamento*, mas sim que ele foi estabelecido pelo Criador da natureza humana, Deus. Devemos confessar que no casamento, já em épocas anteriores ao cristianismo, havia traços sobrenaturais: sua instituição divina; mas que o casamento cristão tornou-se alguma coisa mais: um sacramento.

Mas, se é assim, se o casamento é por sua natureza uma “res sacra”, uma “coisa santa”, se o próprio casamento cristão é um “sacramentum”, um “sacramento”, é claro que o homem não pode mudar suas leis fundamentais; é claro que sua essência não depende da vontade do homem, e que o homem na questão do matrimônio não pode reivindicar para si mesmo autonomia, “poder legislativo”.

Mas, após isto, é claro que o caos atual e a funesta situação atual que justamente reinam nesta questão têm por causa os ataques audaciosos das paixões humanas contra as leis eternas do casamento e a extirpação de suas raízes vivificantes. Extirpação que consiste em arrancá-los do solo divino, e querer “reformular” o casamento segundo as exigências da natureza humana sensual.

II) NÃO SE TEM O DIREITO DE “REFORMAR” O CASAMENTO

“A reforma do casamento”. Será necessário e permitido “reformular” o casamento?

Os espíritos superficiais poderiam facilmente responder com um “Sim” a esta questão. Pois, como dizem

êles, se tudo evolui ao redor de nós se vivemos em condições de vida e condições econômicas inteiramente diferentes das de outrora, é preciso também adaptar o casamento a esta nova "situação". Tal é o raciocínio de muitos de nossos contemporâneos. Que lhes responderemos?

A) Em primeiro lugar, *ninguém quer negar o progresso imenso* que a humanidade realizou no decurso do último século, no domínio da ciência e da técnica.

a) Realmente as *descobertas extraordinárias sucederam-se* no último século. A técnica colocou ao nosso serviço métodos e fôrças sepre mais novas, tornando a vida humana mais fácil, mais bela, mais salubre e mais longa. Não é para admirar que estas invenções tenham transformado inteiramente não só o aspecto da terra, mas, também, as idéias da humanidade fascinada, ensoberbecida e conquistada por elas: ela acredita que não há mais segredos.

Contudo, ainda há. Há, hoje ainda, uma multidão de mistérios ao redor de nós, e entre êstes mistérios levanta-se sempre diante de nós como de sob um véu o maior de todos os mistérios: o mistério da vida. A ciência e a técnica humana são capazes de uma multidão de coisas, e contudo permanecem impotentes ante o mistério da vida; hoje ainda não se chegou e certamente não se chegará a criar a vida, mesmo sob a forma mais elementar.

b) O foco da vida humana permanece, pois, ao abrigo das grandes transformações exteriores atuais, permanece aquilo que era: a família. *Não é permitido tocar com mãos ineptas esta fonte de vida.*

A vida familiar deve permanecer até o fim a fonte em que a humanidade de quando em vez se rejuvenesce. A família deve ser até o fim a porta pela qual entra para a vida a nova geração humana, a fim de tomar o

lugar vazio deixado por aquela que desceu ao túmulo. A família deve ser até o fim o santuário onde brotam as mais belas virtudes: amor, devotamento e ardor ao trabalho. A família deve ser até o fim a célula sôbre a qual está edificada a humanidade, a coluna sôbre a qual se eleva a civilização.

Não é, pois, necessário “reformatar” o matrimônio, no sentido da opinião originada da sêde atual de prazeres: “o casamento de camaradagem”, o “casamento de experiência”, o “casamento de week-end”, e não sei que outros termos. Não, não há necessidade. E’ preciso, porém, salvar, fortificar, restaurar o “velho casamento” que foi a base de todo o desenvolvimento de nossa civilização, e que a Igreja de Cristo não cessará nunca de defender, salvaguardar e exigir.

B) Mas, dirão alguns, é razoável que a Igreja, hoje, ainda faça brilhar esta imagem ideal do casamento quando deveria Ela ver bem quanto a realidade é muito outra? Quando deveria ver a que *distância medonha do ideal da Igreja está a fria realidade?*

a) De fato ninguém sofre mais que a Igreja de Cristo o grande abismo que se estende, no domínio do casamento, entre o ideal cristão e a triste realidade. E não se pode sequer tirar um iota a êste ideal cristão. Pois há valores e conseqüências absolutas, a propósito das quais não se pode nem regatear, nem tergiversar, mesmo que ninguém os observe no mundo inteiro.

Vou repetir uma comparação tantas vêzes citada. Suponhamos que por uma causa qualquer todos os pêndulos do mundo se desconcertem, e andem mal, ter-se-ia por isso o direito de retificar o sol, e colocar sua marcha de acôrdo com a dos pêndulos? Não seria, porventura, mais necessário, nestas circunstâncias, ter o sol como ponto de mira, a fim de que haja ao menos

um ponto seguro, pelo qual se regulariam os pêndulos, se um dia êles caminhassem novamente?

Depois do pecado do primeiro homem o ideal nunca existiu na terra, a realidade sempre estêve longe do ideal. Mas enquanto viver e brilhar acima de nós a imagem do ideal a vida será mais suportável. Cairá ela, porém, na ruína definitiva e se tornará intolerável, se o perdermos.

b) Compreendemos, agora, por que a *Igreja Católica novamente luta de modo sôbre-humano em favor do ideal cristão que se realiza perfeitamente na indissolubilidade do casamento*. Compreendemos por que ela considera como pupila dos olhos a pureza da vida conjugal, que ela guarda, defende, e fortifica com uma solicitude tôda particular. Eis por que na família ela defende a fonte secreta, onde se renova constantemente a raça humana, e de onde surgem sem cessar novos membros para o corpo místico de Cristo. Se a família desaparecesse da terra, que terrível queda aniquilaria a sua lembrança, se a Igreja de Cristo não se pusesse ao lado dela com suas palavras diretrizes, seu amor cheio de solicitude, e muitas vêzes também com seu braço vingativo e ameaçador.

Não há talvez questão que mais tenha atraído ataques à Igreja, do que a do casamento, por causa de sua atitude intransigente. Por causa desta atitude, muitos dêles se afastaram da Igreja loucamente, ou de modo revoltante. Tempo virá em que tôda a humanidade será reconhecida à Igreja, por ter mantido, com uma coragem inabalável, a indissolubilidade e unidade do casamento. Porque se é a verdade que a civilização é o resultado da vida familiar, e que se pode saudar a família como o último degrau da civilização, então se vê claramente o quanto ela deve ao cristianismo pelo que êle fêz e faz ainda em defesa da família.

Não seria compreensível que na crise atual da família a nossa legislação civil adotasse as diretrizes de nossa Igreja milenária, que tem tanto valor a respeito da célula fundamental da vida social, para a consolidação da vida familiar do que qualquer outra questão?

III) QUAIS SÃO OS INTERESSES INERENTES AO REFORÇO DA FAMÍLIA?

Quantas opiniões não circulam hoje a respeito da reforma do casamento. No entanto vimo-lo claramente, não há senão um caminho a seguir para esta reforma: recolocar o casamento inteiramente sobre a base de Cristo, salvar a sua indissolubilidade e sua pureza; é disto que depende o futuro da humanidade.

A) Se o Estado não pode passar sem a família, não é menos verdade *que o Estado é incapaz, por suas próprias forças, de criar estas bases morais que garantem a força da família.*

a) *Não há, com efeito um só Estado no mundo, que veja com alegria a decomposição do casamento de seus súditos.* Cada um sabe, pela experiência, quais as conseqüências do divórcio para os interesses bem compreendidos da nação. Cada Estado gostaria, em seu território, que os santuários da família fôsem sólidos... Verificou-se, porém, que sem o auxílio da religião, aos maiores esforços, sucederá o que sucedeu a semelhantes esforços do imperador Augusto.

b) Na época de Augusto, entre os romanos, o número de divórcios elevou-se muito. *Ele promulgou, pois, sobre esta questão duas leis severas:*

Um no ano quarto, a "Lex Iulia", outra no ano nono, a "Lex Papia". Por essas leis instituía êle prêmios para os casamentos, e de outra parte apenas

contra os que não se casavam, ou casando-se, não tinham filhos.

E qual o resultado? Nulo. De nada serviu tudo isto. Por quê? A história nos responde: O próprio Augusto, que trouxera essas leis severas, era divorciado, dando assim o testemunho berrante de que as leis civis são insuficientes por si mesmas, quando para o seu êxito há necessidade de apelar para a consciência dos cidadãos.

Compreende-se, agora, que trabalho abençoado realizou o cristianismo, elevando o matrimônio à dignidade de sacramento. Na árvore da redenção o primeiro fruto foi a criação do ideal cristão do casamento; e foi êste um fato histórico pelo qual o cristianismo sôbre as ruínas do mundo antigo lançou as bases do desenvolvimento da civilização cristã.

B) E' impossível não se ver, após um exame profundo de tôdas essas coisas, quão funesta foi para a humanidade *a instituição do divórcio contra a vontade de Deus*. Foi um flagelo que minou e abalou a moralidade pública, arruinou suas bases, e na questão mais importante abriu de par em par as portas às paixões humanas, aos prazeres, e aos caprichos humanos contra as leis de Deus. Mas a vantagem da comunidade humana está acima dos interêsses e vantagens particulares; por causa de interêsses particulares, não se podem enfraquecer os princípios que servem os interêsses de tôda a comunidade. Atenuando-os como fizera a humanidade permitindo o divórcio, abre-se diante de si um abismo do qual não se pode sair.

Não constatamos desde já o terrível e contínuo aumento dos divórcios? Outrora era apenas em casos muito graves que se pensava em divórcios: aos poucos o número de causas do divórcio aumentou cada vez mais, ao ponto que hoje se quer suprimir a pró-

pria instituição do casamento. Em suma, não se deve admirar disto. E' simplesmente a lógica que levou o homem até lá: Quando se deixa rasgar o vestido, ninguém mais pode usá-lo.

b) Mas sabemos *que entre as paredes do santuário familiar cresce* e se desenvolve o futuro da nação. Sabemos bem que o mais belo programa social permanece em palavrório vazio, se o primeiro cuidado não fôr com a família. Sabemos bem que o que é mais necessário ao país em nossos dias é reforçar a família, e garantir a sua felicidade e sua harmonia. Ao contrário, a decadência da família significa sempre uma perda de valores morais irreparáveis, e o povo, entre o qual se decompôs, terminou seu papel na história.

C) Mas quando se constata, dolorosamente, que dificilmente há um estado moderno, cuja legislação não seja, mais ou menos, contrária à instituição do casamento, sente-se o quanto se deve agradecer à *Igreja Católica o ter sempre mantido e manter até hoje ainda* o casamento cristão contra o divórcio.

a) *Quantos, contudo, não lhe predisseram que isto seria sua perda!* Sua perda, se ela continuasse a mostrar "um rigorismo atrasado" nesta questão e se ela não se tornasse "mais indulgente e tolerante" quanto a estas correntes modernas. Não. A Igreja Católica não pode ser tolerante, onde a indulgência seria correr para o abismo e para a ruína. Ela tem a santa obrigação de manter a família à altura do ideal onde o Criador a colocou desde a sua origem, e onde — após uma aberração milenária — Nosso Senhor Jesus Cristo, não só a recolocou, mas ainda a pôs entre os sacramentos.

Não sabemos qual a sorte reservada ao Ocidente civilizado e à Igreja de Cristo que aí se encontra. Mas é certo que a sorte da Europa depende do modo pelo qual ela conseguir edificar em si mesma, a nova civili-

zação cristã, porque a antiga não mais existe, desapareceu. E' certo que não se pode modificar esta nova civilização cristã enquanto não se conseguir elevar, às alturas do cristianismo, a sua base, a família cristã.

Não são sòmente os padres, mas também os fiéis que devem trabalhar, para edificar, consolidar, embelezar o corpo místico de Cristo. "Que não haja divisão no corpo, mas que os membros tenham igualmente cuidado um dos outros", escreve S. Paulo (1 Cor 12, 25). Só teremos, na Igreja, uma primavera de vida nova, quando não só os bispos e os padres, mas também todo o corpo e cada membro do corpo construam o templo de Deus. Se o casamento se torna cristão, se a família se cristianiza, se os pais e os filhos se cristianização, então a Igreja de Cristo, se rejuvenesce-rá, tornar-se-á cada vez mais bela.

b) Hoje o mundo cambaleia ao redor de nós, como um gigante ébrio. Quase acreditamos que o mal e a revolução sangrenta se preparam para inundar o mundo, como novos rios de sangue no tempo de Noé. Mas, se assim fôr, e se realmente se chegar à destruição de tudo quanto o espírito humano criou de belo e grande durante os séculos, mesmo então entre o *desencadear das vagas espumantes, a nova arca de Noé, a Igreja Católica, continuará a flutuar sã e salva*, e levará com ela a segunda família de Noé que conseguiu salvar de novo a humanidade em ruínas: a família robusta, pura, ideal. Não serão as conferências que salvarão o mundo, nem as máquinas, nem as associações, nem os sindicatos, mas sim os pais e as mães. Os pais com seus braços robustos, e as mães com o seu coração ardente, os pais com o seu trabalho, e as mães com as suas mãos ativas, os pais e as mães: o ideal da família católica.

A humanidade, hoje, já vê, alarmada, que a família está no declive, e que um perigo mortal ameaça todos os valores da civilização. Biologistas, políticos e pedagogos, procuram, tremendo, uma saída. Milhares de projetos e planos jorram da humanidade. Mas não há outros meios para tirar a família da crise, senão o retôrno às leis divinas e naturais que foram abandonadas, o retôrno ao ideal cristão do casamento. O penhor mais seguro de um novo milenário para a nossa nação, o melhor eugenismo, o racismo mais seguro, é a lei do evangelho: *Salvai o santo ideal do matrimônio, e salvareis a Pátria.*

* * *

Duas grandes e admiráveis pinturas históricas ornarn a grande escadaria do Novo Museu de Berlim: obras-primas de Kaulbach.

Uma destas pinturas representa a destruição de Jerusalém. Sob um aspecto terrificante, vemos a ruína do povo judeu, outrora eleito, mas que se afastou de Deus. O templo de Jerusalém está em chamas, anjos tendo nas mãos espadas flamejantes indicando que executam um castigo divino. À direita, pode-se ver, à frente das legiões, Tito, o general romano vitorioso; à esquerda num plano atrás, os antigos chefes do povo judeu se retiram, com uma cólera impotente. No centro do quadro, no primeiro plano o Sumo Sacerdote que quer embeber sua espada no coração, mas sua espôsa e seus filhos suplicam-no matá-los antes... O horror, o desespero, a ruína irremediável ressaltam de todo êste quadro.

Mas o segundo quadro fala-nos todo, de outra coisa. Vemos aí uma família cristã. Ela se salva com dois animais, da cidade em ruínas; sôbre um dos animais assenta-se a mãe com dois filhinhos apertados

ao coração, e atrás, às suas costas, assenta-se um outro filho; mas sôbre o outro animal não há senão crianças. Adiante, caminha uma outra criança, ou melhor um jovem, que canta um salmo, olhos levantados para o céu. Atrás dêles, o pai que também parece cantar. Acima do grupo, pairam os anjos, anjos da fé, da esperança e da caridade, mas não têm espadas flamejantes em suas mãos; a família em fuga leva com segurança, fôrça e entusiasmo, um cálice donde irradia o Santo Sacramento.

E para que a lição seja ainda mais completa, para que possamos de algum modo dizer que êste quadro monumental foi feito para ilustrar nosso tema de pregação, apresenta-se ainda um outro episódio: três judeus esmagados sob o pêso da justiça divina, crianças mal vestidas, e com gestos de súplica, lançam-se diante da família cristã que foge: Levai-nos convosco, não nos deixeis perecer. E com olhar sorridente e amável, uma das crianças cristãs lhe faz sinal com a cabeça.

E é, pois, neste gesto amável da criança que repousa tôda a nossa confiança. Pois quem não sentiria a significação para nós, dêste quadro? Quem não veria que, para a família que resiste às leis de Deus, haverá a cólera do juízo de Deus? Quem não ouviria o fragor com que se desmoronam as muralhas, outrora tão sólidas do santuário familiar, e como se sepultam com elas todos os valores, as virtudes, a felicidade e a civilização que o homem criara na terra.

Se a humanidade quizer escapar ao juízo divino, não há senão um meio; antes de tudo, é preciso que as famílias cristãs se libertem dos sofismas, da frivolidade moral, das frases vãs e das águas lodosas, é preciso que elas retornem ao ideal familiar, e que elas irradiem no mundo inteiro a fôrça de uma elevação moral.

Hoje, mais do que nunca, precisamos de famílias cristãs. Pois se existe ainda um meio de salvação para o mundo que cambaleia, é a família cristã ideal que o fornecerá.

A família donde nascerão môças de alma pura, e moços de olhos brilhantes como estrêlas.

A família donde se irradiarão o contentamento, a harmonia e a felicidade.

A família que será a nova base, a célula e estrutura de uma vida humana melhor.

A família que rejuvenescerá e purificará a humanidade que se arrasta para a ruína.

Senhor, eis a nossa última prece: Defendei, salvaguardai, fortificai e abençoai a família cristã. Amém.



ÍNDICE

Prefácio	5
Conferência I	
<i>Importância da Família</i>	7
Conferência II	
<i>O casamento antes de Cristo</i>	20
Conferência III	
<i>O Matrimônio depois de Cristo</i>	34
Conferência IV	
<i>Preparação para o matrimônio</i>	46
Conferência V	
<i>Qualidades de um bom casamento</i>	59
Conferência VI	
<i>Inpedimentos matrimoniais</i>	72
Conferência VII	
<i>Casamento monógamo</i>	86
Conferência VIII	
<i>A "Reforma" do casamento</i>	99
Conferência IX	
<i>Indissolubilidade do casamento (I)</i>	112
Conferência X	
<i>Indissolubilidade do casamento (II)</i>	125
Conferência XI	
<i>O Divórcio</i>	139
Conferência XII	
<i>O casamento feliz</i>	152
Conferência XIII	
<i>Casal sem filhos (I)</i>	165
Conferência XIV	
<i>Casal sem filhos (II)</i>	179
Conferência XV	
<i>Família numerosa (I)</i>	192
Conferência XVI	
<i>Família numerosa (II)</i>	204
Conferência XVII	
<i>O casamento cristão</i>	218